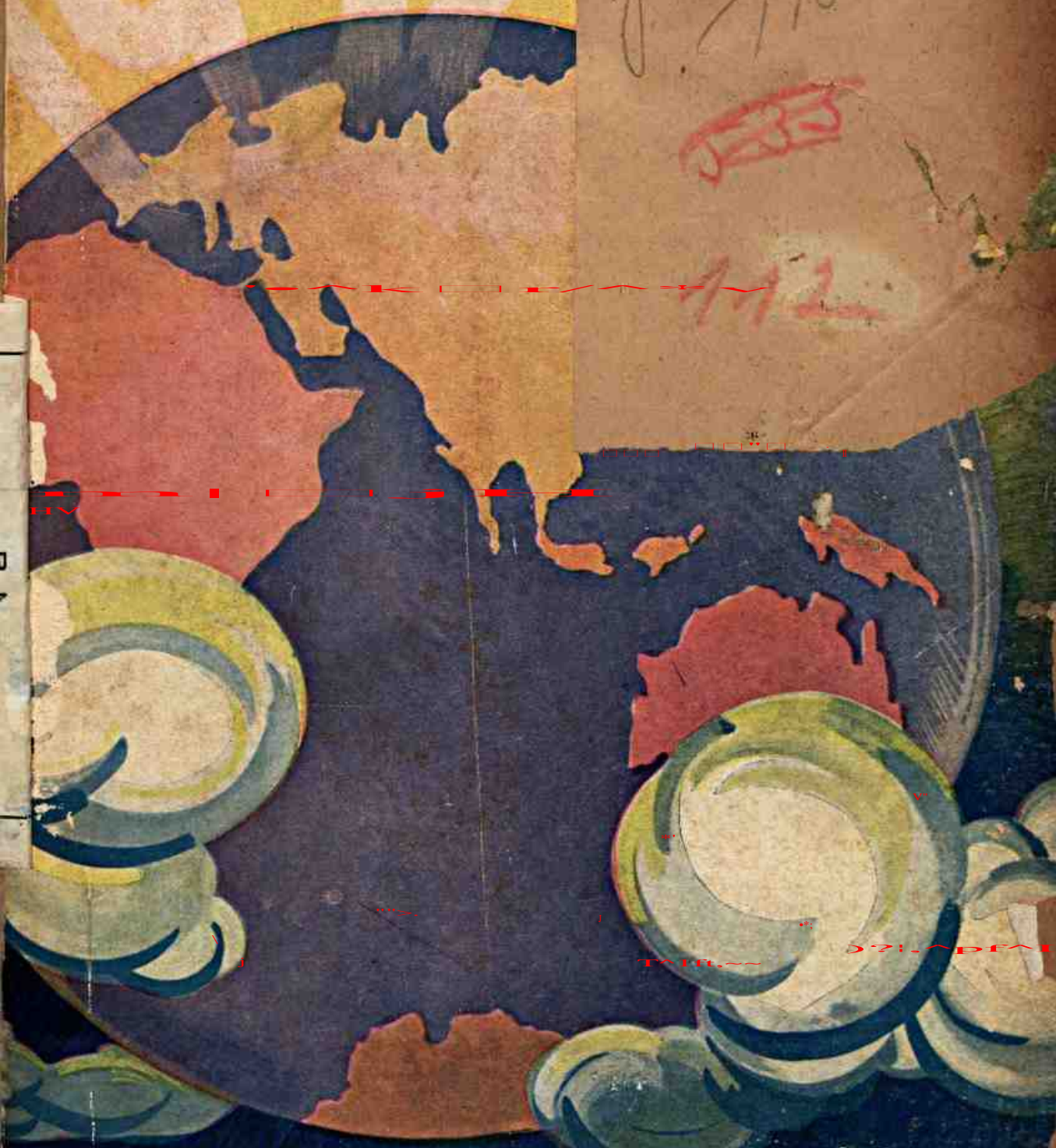
NO XXVI — N.º 1
o, 2 de Janeiro de 1932
PREÇO: 1$000

POMADA ADRENO STYPTICA MIDY

SUPPOSITORIOS ADRENO STYPTICOS MIDY

O conto brasileiro

A RESOLUÇÃO DE MEU AMIGO

— JA' de volta? Que foi isso hoje?

E meu companheiro de quarto, entrando num rompante, veiu sentar-se junto da mesa onde eu estudava. Sim. Eramos, ambos estudantes. Amigos. Muito amigos mesmo. Mas differentes na alma.

Um, pacato, estudioso, noivo, talvez mediocre: eu.

O outro, folgazão, alegre, bohemio, que em vez de comprar tratados de anatomia, gastava o dinheiro com mulheres: êlle. Comprehenderam?

Por isso admirei-me de vê-lo entrar tão cêdo naquella noite.

— Nem calcula o que me aconteceu...

Soltei a penna. Devia ter havido mesmo o diabo.

— Perdeu a carteira?

— Qual nada! Jurei deixar esta vida alegre...

Não pude medir o tamanho do "o que!" que soltei.

— E' como estou lhe dizendo...

E calou-se. Vacillando. Ou temendo profanar um segredo muito grande que vivesse comsigo dentro d'alma. Emfim decidiu-se. Bruscamente. Com outro entono na vóz.

— Eu não era assim não, Eladio. Aos dezesete annos talvez fosse tão corrécto como você é hoje. Estudioso, sim senhor! Primeiro alumno dos Maristas de Natal! Imagine! E a unica noção que tinha de mulher era o corpo quente de minha garôta que eu antevia na justeza do vestido. Uma menina suquinho! Em tudo! Tanto no velludo moreno da pelle, como na bôcca vermelha, bem vermelha... Eu gostava della, Eladio. Um bem que podia ser um desejo muito grande e muito proprio de minha idade sexual. E minha vida de então era pensar nos beijos gostosissimos que ella sabia me dar, todas as noites, no postigo de casa. Era mirar seu corpo bonito de virgem, que parecia feito para prazeres sensuaes. Era escutar embevecido suas promessas cheias de fé num futuro promissôr. A's vezes, fechava o livro. Sonhava. De olhos cerrados. Com um dia maravilhoso em que ella fosse minha, minha só, dentro de uma casinha rustica, cantante de amor... Mas esse dia estava longe. E eu tinha ansias de abreviál-o. Reabria o livro. Recomeçava o estudo. Até tarde da noite! Foi quando invejaram a minha namorada. Outro diria: botaram "catimbó"... Sabe? Foram dizer á minha pequena que eu andava com mulheres ordinarias... Mentira, Eladio! Uma verdadeira calumnia! Si ella acreditou ou fingio acreditar, não sei... O certo é que fui despertado no melhor do meu sonho!

Beroaldo como que parou para tomar folego. E ficou, por instantes, com os olhos n[illegible]gros espiando um pedaç[illegible] de céo estrellado, emquant[illegible] meu cerebro pensava no fim da historia.

— Dahi, dei mesmo para tudo quanto não presta. Quiz ser o que a calumnia disséra que eu era... Ao menos, não me doeria tanto a certeza duma injustiça. Nem minha garôta faria um juizo falso de mim. Acabei o curso de humanidades por acabar... Vim para Pernambuco. E o meu estado aqui na cidade das pontes tem sido unicamente conhecer as suas lindissimas conterraneas, Eladio. Dinheiro, vicios, mulheres... Para que mais na alma de um desilludido? Hoje, entretanto...

Parou de novo. Pensou. Continuou:

— ... resolvi corrigir-me. O motivo? E' facil de se dizer. Resume-se em poucas palavras. Conhece o Amancio Levada, não conhece? Pois bem. Foi elle quem me levou hoje na casa duma menina da fuzarca. Uma coisa doida, como disséra. Vinda de fóra... Nova nesta vida... Animei-me. E subimos juntos os tres lances da escada daquelle sobrado na rua Nova. Lá em cima, de facto, eu tive na minha frente uma creatura encantadora. Formidavel, meu amigo! Você proprio não resistiria... Porque o moreno triguêiro de seu corpo provocante já era a personificação do peccado. Porque seu olhar cheio de malicia já trahia algo de delicioso em caricias amorosas. Porque sua bôcca vermelha, num sorriso contente, já parecia uma promessa esplendida de uma alcôva mornissima. Mas, desisti das minhas intenções. Pretextei uma banalidade. Despedi-me. E desci rapido, emocionado, sem dizer meu nome. O Amancio ficou perplexo. Ella mesma não soube esconder uma pontinha de desapontamento. Não me reconheceu, tenho certeza! Mas em sua figura lindissima de mulher feita, eu vi a imagem querida de minha garôta de Natal...

E, com a vóz tremendo ainda de emo[illegible]

[illegible] esta vida a[illegible] mais jui[illegible]

Hilton Sette

A MUL[...]R E O VOTO

EM relação á mulher, a politica e a familia são incompativeis. A mulher mãe, a mulher dona de casa não tem tempo nem lazer para dedicar-se á politica.

A mulher que faz politica descuida-se, necessariamente, do[...]res de dona de casa e mãe de familia. Al[...] isso, ella é, em geral, tão avessa ás quest[...] economicas como politicas. Provas: nenhuma mulher se occupa de finanças internas ou internac[...]aes; poucas são as eleitoraes nos paizes em q[...] ha voto feminino; as revistas femininas não tratam de politica; as mulheres escriptores e jornalistas escrevem sobre artes, literatura, philanthropia, moral, religião, mas nunca sobre economia politica; as conferencias politicas são quasi exclusivamente frequentadas por homens; os jornaes politicos escriptos e lidos apenas por homens.

Parece que não ha nenhum livro feminino de doutrinas politicas e são rarissimas as memorias politicas de mulheres.

"A paixão politica das mulheres começa e acaba nas questões philanthropicas no jogo das eleições, nas exhibições e banquetes e nos casamentos diplomaticos." — escreveu Gina Lombroso. Fazer politica = dirigir Estados, tratar de allianças, paz, guerra, levantar impostos, crear leis — não convém á mulher.

E isso porque:

a) a mulher é alterocentrista e em politica não se trata dos interesses do pequeno circulo de pessôas que nos affectam directamente, mas de todos os individuos que compõem o paiz;

b) a mulher, que, por tendencia particular, que as sancções immediatas ás suas decisões, terá que tomar decisões cujas sancções só no futuro se manifestarão;

c) a mulher age, em todos os terrenos, por tentativas e experiencias, e nada é mais perigoso a um paiz do que continuamente fazer e refazer leis e mudar systemas;

d) o bom politico carece de qualidades especiaes de meditação, especulação e ponderação que a mulher não possúe;

e) o espirito de intolerancia, absolutismo, orgulho e amor proprio, tão desenvolvidos na mulher, são prejudiciaes em politica;

f) a mulher julga e age segundo o coração e não segundo a razão, o que implica dizer que dará o seu voto e o seu apoio ao candidato de suas sympathias e não ao que possuir maiores e melhores qualidades para governar e dirigir um povo;

g) por motivos physiologicos e pathologicos, que tornam a politica incompativel com as contingencias do sexo.

Os tres mais solidos argumentos que se pódem invocar a favor do voto feminino são: a aptidão da mulher para administrar a casa, a sua capacidade de direcção, de que se encontram provas na historia, e de exercer profissões outr'ora reservadas aos homens, como fez durante a guerra e tem feito depois della.

— Poderia fazer-me o favor de dizer-me a hora?

Regina Rizieri

Realmente, a mulher possue consciencia, actividade, interesse pelos outros que a tornam preciosa em certos empregos publicos e, ás vezes, excellente rainha. Mas esses argumentos cáem, pois as funccionarias obtêm seus logares por concurso e as rainhas chegam ao throno por herança e sem o voto.

O voto feminino não tem nenhuma utilidade para a sociedade nem para a mulher.

Sem o voto obtiveram as mulheres, em varios paizes, leis de protecção ao trabalho feminino; a admissão nas escolas secundarias e universitarias masculinas, o que com o voto não conseguiram na Norte America. Sem o voto ingressaram ellas em innumeras carreiras que, em paizes em que ha o suffragio feminino, são ainda estrictamente reservadas aos homens.

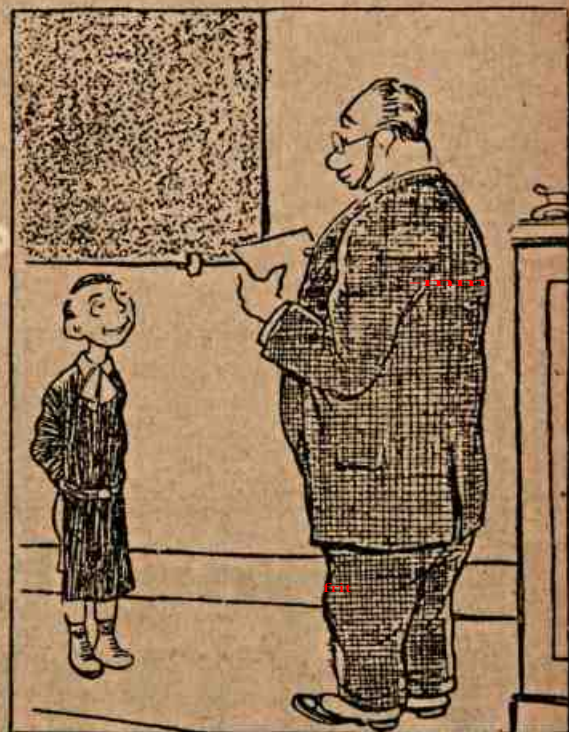
Em diversos paizes póde a mulher, sem que possúa o direito ao voto, administrar seu dote e patrimonio. E, entretanto, na Russia, com o voto, não puderam impedir a votação de leis para a socialização das mulheres e das creanças. E para que abrogassem essas leis ignominiosas e antifemininas, ellas, as mulheres russas que tinham o suffragio, recorreram ao auxilio das francezas que o não tinham.

Quanto ao problema da desigualdade de salario, não depende elle do voto, mas da concorrencia.

São ainda questões da vida privada que ella quer resolver dedicando-se á politica. "Cada um lê no livro da vida a pagina que lhe fala ao coração: é natural que a mulher se queira servir das armas que espera obter para conquistar os bens que mais ambiciona."

As leis que tenderem a augmentar a responsabilidade do homem para com a mulher e diminuir a sua autoridade na familia, afastal-o-ão, fatalmente, della, assim como as leis que assegurarem a excessiva protecção aos trabalhadores engendrarão os sem trabalho. E a mulher prefere renunciar aos prazeres da ambição do que ás alegrias do amor, prefere submetter-se a renunciar á maternidade, que é o objecto de sua vida. Ella sabe que o meio mais conveniente que a sociedade lhe póde offerecer para desempenhar sua missão é o casamento legal. E uma das mais graves consequencias da participação da mulher na vida publica, que despertaria as suas ambições individuaes, seria o afastamento do homem.

Accresce ainda que o direito eleitoral faria a mulher perder a consciencia e o sentimento do dever, ensinando-lhe que se póde viver sem escrupulo, sem remorso e sem a preoccupação do que póde acarretar de mal para a collectividade social um nosso acto inconsiderado. A' medida que augmenta o contacto da mulher com a vida exterior, diminúe a sua moral, os seus escrupulos e a sua consciencia.

E á falta de honestidade e de consciencia seguir-se-ia a desaggregação da familia e quiçá da sociedade.

— Dê um exemplo de accusativo.
— Joãozinho Rodrigues, que conta ao senhor tudo o que fazemos fóra da aula.

A AGONIA DO BELLO

De Guaracy Coelho

O bello é tanto mais suggestivo, emocional, quanto mais se approxima da morte.

A morte tem o escrúpulo de embellezar as coisas e os sêres para o elogio da saudade.

Que graça infinita, que resplendor sublime ha no olhar dos anjos, quando se vae lenta, virtuosamente fechando para a vida...

A belleza tragica, affectiva e dolorosa da Morte!

E a pallidez, a álgida pallidez funérea das virgens que agonizam nos claustros, sob a benção angustiosa dos cirios que desfallecem e o perfume melancolico, penetrante e doloroso dos lyrios que desfolham, tem todo um poema lyrico de amor, de mystica serenidade...

E o riso que a morte empresta aos labios virgens, languidos, excitantes das noivas que agonizam, é leve, limpido e ethéreo como o perfume tragico dos lyrios que florescem só por um dia á beira dos tumulos.

E ha, nessa belleza moribunda, todo o rythmo esthetico de um pensamento profundo, intangivel, ultra-terreno.

Vive na symphonia silenciosa, dolente do cantico derradeiro dos cysnes, a sonata mystica, secreta das vózes celestes, dos canticos divinos.

E esse canto dos cysnes que agonizam á superficie limpida dos lagos, é um cantico de victoria e de renuncia, de saudação á Morte!

E nunca foram mais bellos os cysnes, nem o canto mais sublime!

Ha, na Morte, uma emoção esthetica, uma belleza intima, encantadora e tragica, que vive em nós eterna, dolorosamente, sob a forma de Saudade.

LAMINAS "DOUBLE-SIX"

A Companhia Internacional de Representações offereceu-nos um pacote de laminas *Double-Six*, de fabricação ingleza, e das quaes é exclusiva representante no Brasil.

O VERSO ALEXANDRINO — Este verso chama-se assim porque dois poetas francezes do seculo XII, Alexandre de Paris e Lambert de Court em vez do verso de dez syllabas, até então empregado, idéaram o de doze para escrever um poema em que cantavam as glorias de Alexandre, o Grande.

*

CANICIES REPENTINAS — A canicie é a descoloração precoce e rapida dos cabellos.

Eis aqui varios casos celebres. Um revolucionario, que havia sido preso com as armas na mão, encaneceu repentinamente emquanto o submettiam a um interrogatorio que terminou com a sua condemnação á morte.

Thompson conta o caso de um operario de Nova York que cahiu do alto de um andaime e milagrosamente salvou-se agarrando-se a um rebordo da fachada do edificio em construcção. Quando foram em seu auxilio tinha os cabellos completamente brancos.

Segundo a historia, — a infeliz rainha Maria Antonietta encaneceu em uma noite.

*

A NAVEGAÇÃO SUBMARINA — Os primeiros ensaios datam do seculo XVI, época em que o physico allemão Sturmins imaginou um barco submarino, cuja descripção foi feita por Moshal.

Um seculo depois, o mecanico hollandez Corneli Van Drebbel construiu um submersivel que fez navegar no Tamisa, com bom exito.

No seculo XVIII fizeram-se novas experiencias na França e em outros paizes, porém sem bons resultados. Klinger, de Breslau, em 1807 construiu um submarino. A elle seguiram-se os irmãos Coessin, do Havre, em 1811; Castera, de Bordeaux, e Lemaire, de Angerville; nenhum, porem, desses submersiveis deu resultados satisfactorios.

OUTRA TORRE INCLINADA. — Encontra-se em Etampes e pode fazer competencia á de Pisa. E' a da igreja de São Martinho e tem a particularidade de que a sua inclinação é variavel e depende do tempo mais ou menos chuvoso. A torre tem, realmente, seus alicerces sobre um terreno argiloso e este, conforme chova ou faça bom tempo, se dilata ou contráe communicando áquella seus movimentos.

A DANÇA DAS HORAS

PHANTASIA DE NATAL

Sala de jantar elegante e sóbria. Ao fundo, pequeno jardim de inverno. Columnas, separando-o da sala. No jardim, entre avencas e begonias, está armada uma Arvore de Natal. E' noite. Meia luz. Silencio. Pela porta á direita — que communica com o interior da casa — entram Monsieur e Madame. Vêem carregados de embrulhos. Accendem as lampadas. Desfazem os pacotes. Apparecem caixas de brinquedos. Ligeiras phrases: "O garoto vae ficar contente. Está bem, etc. ..." Sente-se frieza. São dois sacerdotes obrigados a um rito. Apanham os papeis dos embrulhos. Dão uma ultima vista d'olhos. Apagam as luzes. Retiram-se por onde entraram. Pausa. Monsieur atravessa a scena em penumbra. Mãos nos bolsos. Chapéu na cabeça. Cigarro, acceso, nos labios. Sae pela porta á esquerda. Ouve-se o barulho do trinco da porta da rua. Novamente silencio. Luz azulada illumina o jardim de inverno. Um palhaço sae de uma caixa. Andar e gestos de automato. Examina os brinquedos nos respectivos estojos. Olha a Arvore, cheio de admiração. Abre uma caixa de surpreza. Grande barulho de molla liberta. Apparece a cabeça de um diabo vermelho que, depois de jogar o palhaço no chão, fica oscillando, preso pelas molas da caixinha.

DIABO (*rindo*). — Que tal a curiosidade? Creio que não gostaste do trambolhão.

PALHAÇO (*levanta-se esfregando o nariz*). — Oh! senhor diabo! Curiosidade, não. Desejo, apenas, travar conhecimento com os meus companheiros de infortunio. (*Suspira*).

Ah! os meninos — querem logo saber como somos feitos por dentro!

DIABO. — Commigo é outro cantar! Hei de metter tanto médo ao garoto, que elle me deixará em paz.

PALHAÇO. — Com licença, senhor diabo. Vou continuar a minha inspecção.

O palhaço vae abrindo as caixas — grandes — que já se encontravam no jardim de inverno, quando M. e Mme. levaram os embrulhos. Faz gestos de admiração. Saem: Soldadinhos, que se agrupam formando um pelotão. Pintos, que se ajuntam piando. Uma dançarina rosada, que se põe nas pontas dos pés; depois, divisando o diabo, senta-se, medrosa, pertinho da Arvore.

PALHAÇO. — Hein, senhor diabo! Vale a pena ser creança rica.

DIABO. — Você acha? Si a creança tem tudo, que vae desejar?

PALHAÇO. — Nada. E é muito feliz.

DIABO. — E' o que você pensa. Para que, então, existo eu? Segredo umas coisinhas e o menino começa logo a desejar o impossivel. E como não é possivel o impossivel...

PALHAÇO. — ...a creança deixa de ser feliz. E' isto. Eu me tinha esquecido da sua missão. Peço desculpas, senhor diabo!

DIABO. — Por falar em missão. Eu tenho uma a cumprir nesta casa.

PALHAÇO. — Logo vi! Bem que estranhei sua presença junto á Arvore de Natal! (*mudando de tom*). Não sou curioso. Mas... si não é indiscreção...

DIABO. — Si você não é curioso, não precisa saber.

PALHAÇO. — (*remexendo as caixas, olhando os brinquedos que pendem da Arvore, passando a mão em tudo*). — Senhor diabo! Por quem é! Eu, curioso? Nem por sombra... Mas, tenho que viver nesta casa — eu ou os meus destroços — e é sempre bom a gente conhecer as pessôas com quem mora. Vamos! Conte-me o que vae haver. Prometto guardar segredo.

DIABO. — Segredo? Justamente o que não desejo. Vae ser um escandalo e tanto. E quanto mais se falar, melhor para mim. (*Ri estrondosamente*).

PALHAÇO. — Não ria assim, senhor diabo! Olhe que estou ficando nervoso! (*Supplicando*). Diabinho, por favor, conte qual a sua missão nesta casa...

DIABO. — Para falar a verdade, espero apenas o final da missão. Porque ha muito tempo que trabalho aqui. Trabalhinho bem feito. Maneiroso. Subtil. (*Ri*).

PALHAÇO (*agastado*). — Não quer contar não conte. Como não sou curioso...

O palhaço afasta-se. Continúa remexendo em tudo. Dá com uma caixinha de musica. Toca a manivela. Marcha militar se escuta. Os soldados de chumbo fazem evoluções. Cessa a musica. Os soldadinhos ficam immoveis. O palhaço faz funccionar, novamente, a caixa de musica. Ouve-se a "Morte do Cysne", de Saint-Saens. A bailarina de céra dança e "morre" com os ultimos compassos da musica. O palhaço move, mais uma vez, a manivella. Qualquer cousa de Mozart. Leve. Saltitante. Os pintos bailam, graciosos. Cessando o som, immobilizam-se. O palhaço examina a caixa de musica. Risonho. Cheio de mesuras. Depois vem para perto do diabo.

PALHAÇO. — Interessante, isto. E' só mexer com o braço e sae tanta coisa bonita. E eu ignorava que sabia tocar!

DIABO. — Ao contrario de muita gente que julga saber tocar, você é um palhaço quasi... engraçado. Mas é melhor parar com essa historia de musica. Preciso de silencio para poder agir. Devem ser quasi oito horas. Mme. não tarda ahi.

PALHAÇO (*dirigindo-se para a caixa de musica*). — Só mais uma, senhor diabo. E' tão bonito o som! E' tão linda a dança! Com licença — esta é a ultima.

Ouve-se a "Dança das Horas", da Gioconda. Na sala de jantar as portas do carrilhão batem com força. Depois abrem-se. As horas abandonam o relogio. Vão para o jardim de inverno. Estão vestidas de côres varias — desde o negro, até o rosa mais suave. E, como são mulheres, põem-se a falar desordenadamente.

PALHAÇO. — Que historia é esta? Si querem dançar, aproveitem. Si não, rua — isto é — relogio.

DIABO. — Acabem com esta brincadeira. Silencio! Eu preciso de silencio, suas tagarelas.

As horas não dão attenção ao diabo. Entendem-se, por fim, e se põem a dançar. Pendente de uma ponta da Arvore, está um anjo. Cabelleira encaracolada. Azas douradas. Vestido de "mousseline" azul. Cada vez que as horas passam perto da Arvore, o galho onde está o anjo se abaixa. As horas sorriem, enigmaticas. O diabo impacienta-se. Faz gestos, ordenando ás horas que se recolham. Indifferentes, ellas continuam a bailar. O diabo,

DE YÁRA DO RIO

preso pelas molas, procura — em vão — alcançar o palhaço, que, com ar de beatitude, dá volta á manivella. Ouvem-se passos descendo uma escada. Ha confusão no jardim de inverno. Gestos desordenados do diabo. O palhaço, abandonando a caixinha de musica, corre de um lado para outro. Soldados, pintos, etc., volvem aos respectivos estojos. As horas, atropelando-se mutuamente, alcançam o relogio. Quando Mme. apparece, está tudo em ordem no jardim de inverno. Mme. está vestida para viagem. Carrega maleta de mão e "valise". Lentamente, atravessa a scena. Olha, entristecida, os objectos da sala de jantar em penumbra. Sente-se que está indecisa. Parece, mesmo, que vae retroceder. Mas continúa. Quebra o silencio a voz do carrilhão. Numa melodia triste, que faz soar as nove horas. Mme. pára, surprehendida. Abandona as maletas. Dá volta ao commutador. Olha o relogio-pulseira. Leva-o ao ouvido.

Mme. (*afflicta*). — Meu Deus! Está parado! Que fiz eu?! (*Senta-se, aniquilada. Pequena pausa. Fala com voz tremula*). Agora... é tarde de mais! O trem azul já partiu. *Elle* vae pensar que me arrependi! Porque, hontem, lhe disse: "Si eu não estiver na estação á hora da partida, é porque venceu meu filho. Considere, então, a nossa aventura, como um simples sonho. Um sonho impossivel de tornar-se realidade." No emtanto, ia seguil-o... ia deixar esta casa... abandonar meu filho... E não o fazia por amôr ou ambição. Apenas, porque me julgo demais aqui. (*Pausa. Fala, depois, como si estivesse pensando*). No começo não era assim. Como me julgava feliz! Como era bom o casamento! Mas, pouco a pouco, arrefecemos. Vieram as longas horas vazias, a monotonia... Mesmo entre caricias bocejavamos. Deu-se o inevitavel — cada qual procurou, longe do lar, o interesse pela vida. E, marido e mulher, só nos viamos á hora de dormir. Muita vez, nem isso. Porque, quando um chegava, já o outro estava no melhor dos somnos. (*Pensa um pouco*). Minha vida de mundana só foi interrompida, quando o bébé estava para nascer. Logo depois, recomecei. Meu filho ficava em bôas mãos — a *bábá* que já foi minha tomava conta delle. Afinal, cancei-me de tanta festa. E quiz affectos, quiz reconquistar meu lar. Impossivel. Encontrei um marido polido e frio, um filho manhoso e hostil. Então, voltei á vida antiga. Sempre querida, sempre rodeada de *flirts* sem consequencias. Foi quando *elle* surgiu. Adivinhou o meu estado d'alma e me prometteu... amôr. Fingi acreditar. E cedi á tentação da fuga. *Elle* era rico, eu joven e bella. Iriamos correr outras terras, viver outra vida. E, em vez de sentimentos, eu experimentava sensações. (*Commovida*) Havia, porém, o meu *nené*. Ainda ha pouco, quando me acerquei do seu leito, chorei. Ajoelhei-me, beijei-lhe as mãosinhas gorduchas, disposta a não abandonal-o. O ingrato, porém, tonto de somno, alçou os bracinhos, enlaçou-me o pescoço e chamou: "Bábá!" Eu não existia para o meu filho, só a *bábá* lhe faria falta. Pois que ficasse com a *bábá*. (*Fica, pensativa*). O marido... Ora o marido! Sou, apenas, a esposa bella que lhe enfeita o lar. Porque aventuras não lhe faltam, e amôr já não existe entre nós. Sempre fui honesta — por instincto, por educação. Agora, porém, ia peccar, conscientemente, assim, como quem se suicida. Só o acaso não o permittiu. Foi um bem? Foi um mal? Não o sei. Estou aturdida, confusa, sem bem comprehender o que me vae na alma. Arrependimento? Despeito? Resignação?

Escuta-se o barulho do trinco da porta da rua. Mme. levanta-se, assustada. Tira a boina, a capa de viagem, toma as maletas, escondendo tudo atrás de um reposteiro. E fica, indifferente, encostada a uma columna. Entra, vindo da rua, Monsieur. Ar de surpresa. Indecisão. Tira a capa e o chapéu. Vae e vem. Acerca-se de Mme. Tosse. Mme. continúa impassivel.

Monsieur (*decidindo-se*). — Que surpresa! Você em casa, a estas horas, numa vespera de Natal!?

Mme. (*ironica*). — O mesmo digo eu: Você em casa, tão cêdo, numa noite como a de hoje!

Monsieur (*embaraçado*). — E' que... confesso... já estou ficando farto dessas noitadas.

Mme. (*voltando-se em sobresalto*). — E' verdade? Você está sendo sincero? (*desanimada*). Não acredito. Com certeza alguma decepção... amorosa.

Monsieur (*entristecido*). — E é para ouvir isto que um homem vem para casa, disposto a entender-se com a mulherzinha...

Mme. (*ironica*). — Mulherzinha, você disse?

Monsieur (*resoluto*). — Vamos! Abandonemos esses duelos de palavras ferinas. Essa falta de entendimento é que tem estragado a nossa vida. Deixemos de parte o orgulho. Assim, não poderemos continuar.

Mme. (*sem querer comprehender*). — Você tem razão. Impossivel um lar como o nosso. Temos a lei. Acabemos com a comedia do casamento.

Monsieur (*entre indignado e surpreso*). — Você? E' você que me propõe este horror? (*Segurando-a pelos hombros*): Diga, por Deus, que está mentindo!

Mme. (*virando o rosto*). — Nunca fui tão verdadeira.

Monsieur (*repellindo-a, enraivecido*). — Mas não vê que está errada? Que isto é uma insensatez? E o nosso filhinho? Pensa que vou separar-me delle?

Mme. (*fingindo calma*). — Não faço falta. Elle tem a *bábá*.

Monsieur (*monologando*). — Não póde ser, não póde ser. Não acredito. Abandonar o filhinho, separar-se de mim... (*Emocionado, dirigindo-se a Mme.*): E eu? Que será de mim sem você? Sem você e sem o seu amôr?

Mme. (*voltando-se em sobresalto*). — E' verdade, então? Porventura sou eu alguma coisa na sua vida? Alguma coisa mais do que uma bonequinha de luxo?

Monsieur (*enlaçando-a*). — Agora comprehendo! Louquinha, louquinha... Você é tudo para mim. A mãe do meu filho, o incentivo ás minhas lutas, a razão de ser da minha vida. Somente...

Mme. (*calando em si*). — ... eu não soube comprehendêl-o.

Monsieur — Não, não é bem isto. Em parte sou eu o culpado. Para satisfazer aos seus menores caprichos, renunciei a tudo — até á ventura de possuir um lar. Porque, tendo esposa e filho, sempre que chego aqui, encontro a casa vazia — a mulher nas festas, o garoto passeando com a *bábá*. Então saio tambem. Triste, abatido, porém orgulhoso de mais, para mendigar affe-

(*Continúa no proximo numero*).

Escriptores e livros

Lindolpho Camara — NA REPUBLICA VELHA — Alba — Rio — 1931

COMO esclarece o autor, o livro é constituido por uma série de estudos, publicados em épocas differentes na imprensa desta capital, ora em editoriaes, ora em entrevistas ou missivas, sobre assumptos de interesse administrativo, economico, financeiro, politico e social. O sr. Lindolpho Camara exerceu, pelo espaço de mais de 40 annos, o funccionalismo publico, prestando serviços em postos de relevo da Fazenda Nacional.

Desse longo tirocinio, teve opportunidade de beber ensinamentos da maior valia; dahi a sua autoridade, demonstrada na discussão dos assumptos que constituem o volume, sem duvida util para todos quantos se interessam pela bôa marcha dos negocios publicos do paiz.

Odecio Camargo — INSANIA — Ed. A. Coelho Branco F.º — Rio — 1931 — 4$

OBRA premiada pela Academia Brasileira. Em se tratando de trabalho já julgado pelo cenáculo das nossas letras, parece dispensavel qualquer outro juizo acerca do mesmo. O nosso, por exemplo... Ademais, o autor faz a sua estréa, carecendo, pois, de incentivo para produzir mais e melhor.

Aqui estamos para applaudir o neophito das letras, animando-o com a nossa palavra.

O autor escreve bem e teve patente preoccupação de fazer obra original, publicando *Insania*. Essa preoccupação prejudicou em parte o livro, que offerece relativo interesse, ao leitor. Por vezes, o sr. Odecio Camargo parece fazer uso de trapezios, para as idéas, dando verdadeiros saltos mortaes, no ar, quebrando a natural sequencia do assumpto explorado. Surpresa geral do publico! Mas, a historia recomeça, para acabar adeante, de maneira inesperada, quasi diriamos, absurda.

O essencial é que o sr. Odecio Camargo não durma sobre os loiros da victoria.

Talento, muito talento, tem o autor, que surgiu em publico exhibindo uma laurea academica, por muitos ambicionada, como credencial.

P. C. Wren — BEAU GESTE — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1931 — 5$

BEAU GESTE, quando exhibido nos cinemas, constituiu um formidavel successo. Agora os admiradores do *film* podem apreciar em detalhe a obra do escriptor que forneceu o assumpto para o cinema. A traducção de Edgard Monteiro Lobato é perfeita.

Raymundo Moraes — NA PLANICIE AMAZONICA — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1931 — 6$

A critica deste grande livro já está feita, pelo maior juiz, que é o publico. A terceira edição ora circulando, é o attestado mais eloquente do interesse que o livro despertou.

A visão panoramica do Amazonas, em toda a plenitude, temol-a através da penna fulgurante de Raymundo de Moraes, que merecidamente detém o titulo de escriptor *leader* do extremo Norte.

Não ha como distinguir os varios capitulos do volume, pois todos se revestem de uma grande belleza harmoniosa.

Conhecendo os minimos segredos da região e possuindo um vocabulario exhuberante, uma linguagem opulenta, Raymundo conduz o leitor até o coração do Paraiso Verde, povoado das lendas das Yaras, deixando-o preso no emmaranhado das teias de oiro da sua fantasia.

Noemia Carneiro e Altair Thaumaturgo de Azevedo — ALMAS EM FLOR — Livraria Francisco Alves — Rio — 1931

ALMAS EM FLOR é livro para ser lido com um sorriso á flôr da alma... São contos singelos, destinados ás escolas, onde as creanças nem sempre dispõem de leitura agradavel para alegrar o espirito. As composições apparecem alternadas, ora de uma, ora da outra autora. Havendo, entretanto, perfeita affinidade no sentir de ambas, chega a parecer que o livro foi escripto por uma só pessôa.

A melhor recommendação para o livro está em registar a sua segunda edição.

Theodor Plisier — OS GRILHETAS DO KAISER — Liv. Bertrand — Lisboa — 1931 — 6$

O escriptor germanico de após-guerra encontrou em Amancio Cabral um excellente traductor da sua obra, que despertou vivo interesse nos centros intellectuaes do Velho Mundo. Trata-se de um livro escripto em linguagem sóbria, porém attrahente, no qual o autor traça episodios da vida intima da marinha de guerra allemã.

Luiz de Andrade Filho — TROPICAL — Cadiz — 1931

DE longe, onde exerce um posto consular, Luiz de Andrade Filho manda-nos um punhado de poemetos, que são o reflexo da sua sensibilidade emotiva, filha dos tropicos. Leitura facil, identica ao do primeiro trabalho do mesmo autor, *Rosas e heras*.

MASSIMA

De

MARCEL DUPONT

POSSUIDOR de cêrca de cento e cincoenta castanheiros na encosta da montanha, quatro vaccas e quinhentos carneiros, Giulio Andrucci era sem duvida, o camponez mais aquinhoado de San Domenico de Rotondo. Nessa pobre aldeia, agarrado, como um ninho de gaviões a mil e quinhentos metros de altitude, elle passava por um ricaço. Não era visto fóra de casa. Quando sahia, era, ora para vigiar o gado, ora para a colheita das castanhas, na época apropriada. Raramente mettia mãos á massa; a saúde não o permittia. Pequeno e franzino, fazia um contraste singular com os demais habitantes de San Domenico, montanhezes seccos, rugosos como a rocha, na maior parte, lenhadores ou pastores.

Certa noite, quando terminava a ceia solitaria, bateram fortemente á porta. Mandou embora a velha creada e foi em pessôa abrir os ferrolhos. A noite estava negra. Precisou afastar-se ligeiramente para que a lampada pendurada ao tecto, illuminasse as physionomias dos dois homens, parados á entrada. Reconheceu os irmãos Pacci, Domenico e Pedro, que, em companhia da irmã Massima, viviam pobremente numa cabana no outro extremo da aldeia.

— Bôa-noite, disse elle.

— Salve, Giulio Andrucci, responderam ao mesmo tempo os dois irmãos.

Entraram. Os grossos sapatos cheios de prego, rangiram sobre as lages e elles pararam sob a lampada. Pareciam-se extraordinariamente: testas abauladas, cabellos asperos e encacheados, queixos quadrados, hombros largos, costas nodosas. Domenico, o mais velho, fala:

— Temos a dizer-te uma coisa grave, Giulio.

— Sou todo ouvido. Senta-te, Domenico; senta-te, Pedro.

Com um gesto de mão, Domenico recusa e continúa:

— E' isso, Giulio... Massima confessou-nos tudo...

Fez-se um silencio, no meio do qual, o tic-tac do grande relogio pendurado no outro extremo da sala, pareceu formidavel. No fundo negro das orbitas os olhos dos dois Pacci, fixos nos de Giulio, tinham um brilho intenso.

Andrucci percebeu e baixou as palpebras. Então Domenico pousou-lhe a mão no braço:

— Tu sabes, do que, desejamos falar, Giulio, disse elle. Nossa irmã está gravida de ti e vimos saber o que contas fazer.

Andrucci empertigou-se. Ficou muito pallido e por instantes conservou-se immovel, de bocca aberta, como que tomado de espanto. Depois, esforçou-se para rir.

— Estás caçoando, Domenico, disse elle. Mal conheço Massima, e si tanto, em toda minha vida, dirigi-lhe dez palavras. Si ella claudicou, lastimo-os, assim como á ella, de todo o coração, mas nada pósso fazer por ella ou por vocês.

O mais velho dos Pacci, debruçou-se sobre elle. Sua voz tornou-se offegante e entrecortada:

— Giulio Andrucci, disse elle, si és um homem não tentarás desculpar-te com mentiras. Ouve cá. Deshonraste o nome de Pacci e tu nos deves uma reparação. E' ainda tempo. Ou esposarás Massima, dentro do mais curto prazo, ou juramos pelo sangue de Christo, que morrerás.

— Juramol-o, repetiu Pedro.

Andrucci, em vão rogou, implorou, protextou, sua innocencia, os dois irmãos mostraram-se inexoraveis.

— Si amanhã, antes do pôr do sol, não tivéres vindo pedir-nos para casar com Massima, encommenda a alma a Deus, Giulio, porque morrerás, pelas nossas mãos...

. . . .

O casamento realizou-se um mez depois. A' noite, ao levar os dois cunhados á porta da casa, Giulio, disse-lhes, em voz baixa:

— Obedeci-lhes, porque não tinha meios de me innocentar aos seus olhos e porque, apesar de tudo, tenho apêgo á vida. Mas, voltem hoje á noite, depois da ceia. Passem pela cocheira e deixem-se guiar por Lisane, minha criada. Não digam nada e oiçam. Verão que Giulio Andrucci, nunca mentiu.

Quando a noite envolveu a montanha, os dois Pacci deixaram a cabana e com longas pernadas de montanhezes, ganharam o outro extremo da aldeia. Aproximava-se o inverno e a lua tinha já sua face gelada. A rua estava deserta, apenas o botequim do pae Gigli tinha as janellas illuminadas por detraz dos quatro platanos da praça.

A casa de Andrucci erguia-se um tanto afastada da estrada a cincoenta passos das ultimas habitações. Um pequeno muro de pedras seccas, ao qual estavam encostados os estabulos, o deposito de lenhas e a granja, formava atraz da construcção um bastante vasto cêrcado.

Os Pacci empurraram a porteira. Ao rangido dos gonzos, a velha Lisa sahiu da cozinha cuja porta dava para o quintal. A'

luz da sala seu perfil de mocho appareceu um instante, emmoldurado pelo chale preto amarrado na base do pescoço e elles viram seus dedos nodosos subirem até a bocca. Depois ella fez signal que a seguissem. Ella tomou uma lanterna e pôz-se a subir uma escada exterior da casa. Os dois homens seguraram-na, pousando com precaução, sobre cada degráu as sollas ferradas.

Atravessaram um vasto celeiro, entraram num estreito corredor e foram até o fim. A velha empurrou uma porta e introduziu-os numa sala exigua, cheia de cofres e saccos e de embrulhos. Na outra extremidade, havia uma outra porta. Esta estava mal fechada e uma larga faixa de luz apparecia no interior.

— Fiquem ahi, balbuciou Lisa. O senhor Giulio estará aqui ao lado, dentro em pouco. Não se mexam. Oiçam!

E ella partiu levando a lanterna.

Em breve, ouviram passos duplos que se aproximavam. Duas pessôas penetraram na sala visinha, uma porta fechou-se, depois a voz de Giulio se ergueu:

— Eis que és minha mulher, Massima. Dir-me-ás agora por que mentiste a teus irmãos? Por que me fizeste carregar o peso duma maternidade da qual é responsavel, um outro? Por que vás darme um filho que não será meu?

Então a voz de Massima, cortada de soluços, ergueu-se no silencio da noite.

— Perdôa-me, Giulio, perdôa meu crime... Mas eu não podia proceder doutro modo. Não podia apontar o pae do meu filho, pois meus irmãos são homens impiedosos. Quando elles descobriram a verdade, eu quiz morrer, mas não ousei por causa deste ente que se agita nas minhas entranhas...

Então, eu pensei que tu terias piedade, tu... És rico, és bom, eu esperava que me perdoarias a mentira, quando soubesses...

Ella não poude acabar. A porta acabava de abrir-se bruscamente e os dois Pacci appareceram. Pareciam dois cadaveres ambulantes, tal a lividez de suas physionomias, debaixo dos chapéus de feltro negro.

— Jesus! exclamou Massima.

E teria cahido si Giulio não a houvesse segurado. Mas Domenico agarrára-a pelo pulso.

— Massima, disse elle entre os dentes cerrados, tu nos deshonras te duas vezes. Mas ha um homem ainda mais culpado que tu. Seu nome, depressa! Elle apertava-lhe o pulso quasi quebrando-o mas a joven rapariga, dizia não com a cabeça gemendo gemendo, como si uma lamina lhe varasse as carnes.

— Negas?... replica Domenico. Por que?... Por que?... Fala.

E elle sacudia-lhe o braço como si o quizesse arrancar.

Então ella se levantou:

— Porque eu o amo, gritou ella. Eu o amo e nunca lhe saberão o nome.

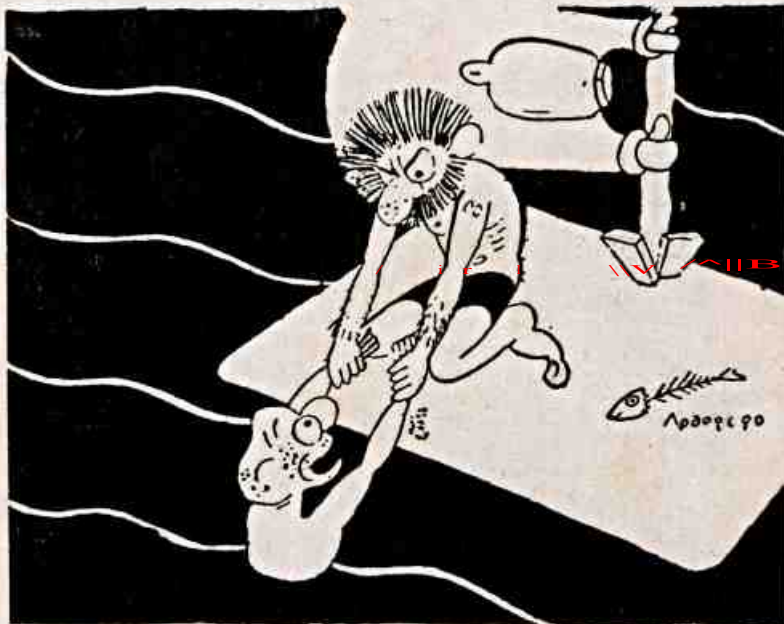
— Vem, diz Domenico.

Ella tem um estremeção de pavor e poz-se a vociferar:

— Não, não, piedade! Soccorro!...

Mas a colossal mão de Pedro cahiu-lhe sobre a bocca. Os dois irmãos agarraram-na pelo braço. Ella resistiu, tentou rolar pelo chão. Então, elles a levaram como um trapo e sahiram.

* * *

Tres annos mais tarde, cavando o sólo para construir uma casa perto da encruzilhada San Bonaccio, Caracci, o pedreiro, poz a descoberto um esqueleto de mulher. Trazia na mão esquerda um annel doiro, dentro do qual estavam inscriptos estes dois nomes: — *Giulio - Massima*.

— Obrigado, obrigado... Devo-lhe a vida por tirar-me da agua!
— Tambem faz oito dias que eu não como...

O QUE SE DEVE SABER

A origem dos Incas

A procura do ouro enterrado nas altiplanicies do Perú e da Bolivia deu logar ao descobrimento de surprahendentes reliquias e ruinas que revelam alguma coisa da historia dos aborigenes, antes da chegada dos hespanhoes. Em todo o Perú ha uma quantidade de testemunhas da existencia de uma raça historica que durante três periodos differentes, e sufficientemente reparados entre si, attingira a um alto grão de civilização.

Exhumaram-se as ruinas dos templos, casas e cidades inteiras, mudos vestigios da intelligencia e da prosperidade de edades remotas. Os objectos de ceramica, os vasos de ouro e prata e as obras de ornamentação encontradas nas *huacas* ou tumlos indigenas demonstram que a cultura e a civilização existiram ali de modo apreciavel, ao mesmo tempo que os tecidos de algodão e outros, tambem achados, denotam a habilidade e o adeantamento da manufactura.

Alguns estudiosos das coisas do antigo Perú acreditam que, ha milhares de annos, se estabeleceu uma corrente imigratoria da China para o Perú.

Varias das minas e templos descobertos teem alguma semelhança com os templos budhicos da Mongolia e ainda hoje muitos dos naturaes da costa parecem chinezes e podem comprehender a lingua destes, sem se terem mesclado com os emigrantes orientaes.

Outros archeologos affirmam que os primitivos habitantes do Perú eram louros, provenientes da Atlantida, o continente sonhado por Platão e que o mar cobriu antes que o homem possuisse uma historia escripta.

No emtanto, o que não offerece duvida é que a poderosa nação dos Incas, que hoje são os indios do Perú e da Bolivia, provem originariamente, das regiões proximas ás nascentes do rio Amazonas. Uns 1000 annos antes da éra christã varias tribus indigenas habitaram as planuras que rodeiam Cuzco, a velha capital incaica, e de uma dessas tribus é que surgiu o grande chefe chamado Manco Capac, que pretendia descender do deus Sol. A palavra "inca" significa "senhor", e Manco Capac foi o primeiro chefe dos Incas, o seu primeiro "senhor". Seus descendentes directos chamavam-se "Incos" e reinavam sobre o vasto imperio que elle fundou.

AS ANÉMONAS DO MAR SÃO FLORES AMERICANAS?

As *actinias*, anémonas do mar, são flores viventes como as flores de coral. Immobilisam os crustaceos, os moluscos de que se alimentam, attrahindo-os e paralysando-os por meio de um orgão igual ao das medusas. Quando se toca numa anémona, ella recolhe seus tentaculos, contrae-se e perde, em seguida, todo o seu encanto.

Um anémona do mar conservada no alcool perde suas cores.

Nos aquarios de agua salgada vivem perfeitamente e com seus tentaculos agarram os pedacinhos de carne crúa ou os insectos que se lhes dá como alimento.

A VIDA CARA

No tempo de Carlos VI de França o assucar custava 20 francos o kilo; no reinado de Luiz XIV baixou para 6 francos. Em 1814 vendia-se a 3 e 4 francos.

A pimenta, no seculo XVI custava, por kilo, 50 francos; a canella, 30; o açafrão, 500; a noz moscada, 160.

Durante o reinado de Francisco I, a manteiga era vendida a 50 francos, por kilo. Dessa carestia, provem o velho proverbio francez: "mais caro que manteiga."

A CIDADE AEREA DO FAR-WEST

Ao accidente dos Estados Unidos, no longinquo Far-West, existem algumas cidades, absolutamente originaes e unicas no mundo: as cidades aereas!

Faz cerca de vinte annos que ellas foram descobertas, mas só recentemente é que mereceram o cuidadoso estudo dos archeologos. De accordo com as ultimas noticias, estas cidades fantasticas são construidas á borda da plataforma de montanhas que se elevam quasi que verticalmente. Suppõe-se que foram habitadas por populações mais cultas e progressistas que as tribus americanas descobertas pelos europeus, no periodo comprehendido entre 1500 e 1600.

Com effeito, as tribus das planicies jamais tiveram outras vivendas que as typicas tendas dos povos nômades, emquanto as construcções a que vimos nos referindo são casas de dois e tres pavimentos, edificadas com tal pericia e excellencia de material que puderam desafiar a inclemencia dos seculos sem soffrer grandes estragos. O que, porem, mais desperta a attenção é que essas casas aereas foram construidas sobre plataformas que se acham a uma altura de cincoenta a cem metros da base da montanha cortada a pico.

Para chegar a essas fantasticas cidades seus habitantes valiam-se de um engenhoso mechanismo de escadas de cordas, que eram retiradas durante a noite para evitar qualquer ataque imprevisto. Tambem tem interessado profundamente os archeologos a construcção das casas, algumas das quaes têem tres andares ou planos. Para chegar aos pavimentos superiores, seus habitantes tambem se valiam de escadas de cordas, que, durante o dia, armavam ás janellas, retirando-as á noite.

Em uma das escarpas dessa lendaria cidade existe uma especie de precipicio em forma de fossa, em cujo fundo foram encontrados restos humanos, fazendo suppor que era ali o cemiterio das fantasticas cidades aereas do Far-West.

Seara alheia

Algumas maximas orientaes

Os homens têem uma vantagem sobre os animaes: a palavra. Se, porem, as palavras não são discretas, é preferivel o animal ao homem.

*

Temos dois olhos, dois ouvidos e apenas uma bocca: o que quer dizer que devemos escutar duas vezes, olhar duas vezes e falar o menos possivel.

*

Aquelle que se detem para ouvir o ladrar dos cães não chega nunca ao termo da sua jornada.

*

Não comeces nunca a segunda parte antes de terminar a primeira; sem ordem não ha medida e sem medida não ha conjuncto harmonico.

*

Quando vires por terra o teu inimigo, lembra-te que tambem podes cahir.

Mais nobre é a independencia miseravel que a escravidão doirada ou a opulencia devida á protecção alheia.

*

A ira começa em loucura e acaba em arrependimento. Não te deixes levar nunca pelos impulsos da ira.

*

Se queres adquirir autoridade, sê complacente.

*

Não despreses ninguem: considera o velho como teu pai, o de tua idade como teu irmão, o menino como teu filho.

*

A alma não tem segredos que a conducta não revele.

*

Em caso de duvida, pensa o que quizeres mas não digas nada. E' triste peccar por um acto; mais triste, porem, é peccar por palavras.

*

E' menos terrivel um bom alfange que uma má lingua; a arma fére, a injuria mata. Uma ferida, cura-se; a calumnia cobarde nem sempre cicatriza.

NOTAS DE ARTE

FUJITA. — Levado por excepcional curiosidade, penetramos o hall do Palace-Hotel para ver a exposição do afamado pintor japonez Fujita. 45 trabalhos destribuidos em duas séries: uma de pinturas, outra de desenho, esta com 29 e aquella com 16 quadros.

Numa vista do conjuncto, seguida de um exame mais especializado, a nossa impressão immediata é que são *desenhos* quasi todos os trabalhos expostos. A não ser o autoretrato, tudo que no catalogo está indicado como pintura, não nos impressiona senão como desenho vagamente colorido. E sob esse aspecto, Fujita tem as qualidades caracteristicas do artista oriental, sino nipponico, a perfeição da minucia, o rigor, o bem acabado do traço, a mestria da linha. Mas, mesmo dentro desses predicados, não lhe achamos nenhum excepcional poder suggestivo. Pelo menos não o experimentou a nossa sensibilidade. Seus quadros são interessantes, ás vezes singulares, chamam a attenção pela technica, que nos pareceu muito pessoal, mas não nos emocionam, muitas vezes não despertam nem mesmo a emoção que a legenda suggere. *Maternidade* (n. 32 do lat.) é disso typico exemplo. O desenho representa dois exemplares, de gato domestico, um grande, outro pequeno, mas nada indica se trate de uma gata com o filhinho, de modo a figurar a maternidade. São apenas dois gatos deitados um ao lado do outro. Nada mais. Outras producções, ainda que exprimam o conceito das legendas, fazem-no, por assim dizer, friamente; não nos communicam nenhuma sensação verdadeiramente artistica; apenas algumas, se examinadas com mais attenção, deixam perceber esta ou

E' mais o que se ignora que o que se sabe.

•

O sabio conhece o ignorante porque já foi ignorante; este, porem, não pode julgar aquelle porque nunca foi sabio.

•

O coração do ingrato é semelhante ao deserto que chupa com avidez a agua do céo, sorve-a toda e nada produz.

•

Na casa do ingrato habita a desventura.

•

Reflexos Ha, no mundo, muitos pantanos e, no emtanto, o sol tambem brilha sobre elles.

* * *

Entre duas pedras cresceu um pouco de musgo, de um verde terno, delicioso, ingenuo... Dir-se-ia um sorriso entre a gravidade solenne das pedras millenarias.

•

Uma andorinha pousou sobre uma roseira. O galho vergou e tremeu um pouco sobre o peso inesperado e uma das rosas, commovida, deixou cahir uma de suas petalas.

* * *

O lago é azul porque reflecte o céo. De um azul mais profundo, talvez, porem menos mysterioso. — MIGUEL ZACHTCHENKO.

* * *

O medo ao ridiculo Os inglezes devem sua forte e expressiva originalidade á sua despreoccupação pelo ridiculo. Em nenhum paiz do mundo o individuo se atreve a mostrar-se tal qual é.

Os povos latinos do meio dia são os que mais temem o ridiculo. No emtanto, o medo ao ridiculo é um desses males que teem em si mesmos o proprio remedio.

Tememos, antes de tudo, ser ludibriados, e sempre julgamos que não estamos nos conduzindo com os outros, de quem chamamos a attenção.

A sabedoria humana devia ensinar-nos a não nos preoccuparmos com cousa alguma nem com quer que seja. Mas, esta sabedoria, levada ao extremo, conduziria ao suicidio e, como se prefere viver, todos se esforçam, uns pelos outros. Sempre em busca de um ideal, que é uma perpetua illusão, a enganar-nos continuamente. Se esse esforço é, porem, producto do egoismo, o engano nasce de nós proprios. E' necessario, assim, escolher entre os dois extremos. — ABEL HERMANT.

De Oscar d'Alva

aquella perfeição do detalhe. Só 2 quadros nos deram real impressão de arte, de grande arte — *Meu retrato* e *Meu pae*. O primeiro é uma photographia animada. A figura e o ambiente são reproduzidas com minuciosa perfeição e ao mesmo tempo com movimento e vida. Nesse autoretrato o pintor oriental appareceu-nos grande artista occidental. Emoção semelhante, embora momentanea, deu-nos o segundo quadro. A vida que flue do rosto da figura é altamente suggestiva. Sentem-se os pensamentos do retratado através da expressão physionomica. Embora em plano inferior, destacamos ainda — *O enterro*. A figura do morto, que é Jesus, dá uma impressão viva do corpo aniquilado pela morte. Podem citar ainda *Cara preta*, que impressiona pela incomparavel firmeza das linhas, e vive na sua propria immobilidade.

Pintor oriental vivendo no occidente, Fujita procurou occidentalizar a pintura japoneza. Dahi o effeito novo que produzem os seus quadros em nossa sensibilidade. Mas esse effeito, se é o de originalidade, da belleza nova, não é o de nenhuma maravilha. Seus quadros interessam, impressionam mais pelo genero dos trabalhos, do que pelos trabalhos do genero. Para ter a grandeza que lhe attribuem, parece-nos devera ser maior no genero que lhe deu fama. Contemplando-lhe as producções nota-se-lhe algo de monotono naquella brancura perenne que as caracteriza, onde se mesclam apenas alguns traços escuros do desenho e um ou outro esboço colorido. Monotonia ainda nos objectos de idealização. Tem-se a impressão de que Fujita tomando um Gato e uma Mulher e variando-lhes as posições e as attitudes, repetindo-as muitas vezes, formou assim quasi todos os seus quadros. O resultado desse processo, através da pinacotheca exposta, é interessante, original e novo, mas francamente, pelo menos para a nossa sensibilidade, não tem nenhum especial valor emotivo. Fujita pode ser um pintor original, mas não acreditamos que seja um grande pintor...

DEMETRIUS (S. Paulo) — Ainda bem que ha collaboradores desta revista — e leitores, sobretudo, desta pagina — que, pelo Natal, se recordam de fazer-nos um voto de "boas festas". Ha outros que, egoisticamente, só se lembram de pedir favores. Isto é, publicação de versos banalissimos.

Eis a sua carta, que, por signal, é espirituosa:

"Meu caro Bastos Portela: Com estas dynamicas linhas, não tenho a mais leve intenção de lhe apresentar um daquelles meus fastidiosos trabalhos, por isso que me encontro afastado temporariamente, do convivio ameno (quando por méro dilettantismo) das bellas lettras.

Pensador em disponibilidade, quando o Natal se approxima, com esse velho de barbas alpinas, carregado de brinquedos, e tão prodigo hoje, como a quinhentos annos, fico intoleravel a imprecar contra tudo e contra todos, pois sou infenso á essa brincadeira de mão gosto, em que a gente compra e uma sombra infinita distribue...

Ah, que vontade que eu tenho de estrangular Papae Noel!

Vou terminar, pois estou tomando um tempo, que certamente lhe será escasso. Entretanto, estou seguro que v. perdoará a impertinencia deste seu alumno, que lhe deseja muito boas festas e um anno novo cheio daquella mesmissima paz que o meigo Jesus Christo andou pregando pela terra.

Do amigo espiritual. — *Demetrius*"

CONSUELO (Capital) — Muito grato pelo seu presente de Natal. Já não me posso queixar de não haver recebido homenagens de... Papae Noel. Papae ou Mamãe Noel?

CARMEN (Capital) — Sou extremamente sensivel á gentileza do seu telegramma de boas festas. Com a mesma efusão de alma desejo que seja feliz no novo anno.

ELOISA (S. Paulo) — Como esta pagina traz o titulo de — "Saibam todos"... é o caso de fazer um trocadilho risonho, a proposito da sra. Eloisa, sem duvida professora de Historia, moça muito sabida, especie de "femme savante" de Molière. Saibam todos... que a sra. d. Eloisa conhece a historia da Grande Guerra e pode discutir tactica, estrategia militar com a proficiencia de uma generala...

E' pena que só agora a sra. (ou senhorita?) Eloisa se tenha revelado — para gloria do Brasil.

Não fosse isso, e certamente a illustre dama poderia explicar a razão por que é que a verdade historica é aquella que passou em julgado — mesmo quando falseia a verdade dos factos...

Leiamos a sua missiva:

"Caro Yves. No ultimo numero do "Fon-Fon", na resposta á missiva de Maria, você quiz corrigir, e isto com sua proverbial ironia, a pouco feliz frase — Joffre cobriu-se de glorias na retirada do Marne.

Pois bem, você não teve sorte na emenda da "tolice epica". Joffre nesse periodo da Grande Guerra, não resistiu como você disse, ao colosso alemão.

A celebre "batalha do Marne", nunca foi travada, não passou de uma retirada de 18 unidades do exercito alemão, retirada esta, feita com a ordem peculiar ao povo germanico. Em poucas horas, parte das forças alemãs que guarneciam esta região, era transportada para a Prussia d'este, afim, de defendel-a dos russos, que ás praticavam grandes atrocidades. Desta brecha aberta na muralha humana, formada pelos alemães, teve ciencia o Estado-maior francês... e os jornaes do dia seguinte noticiavam a "batalha do Marne".

Não pretendo corrigir os seus conhecimentos historicos, mas apenas aproveitar a occasião, para desfazer um erro, fruto das noticias partidarias dos jornaes aliados.

Com muita amizade. — *Eloisa*"

MARIA CLAUDIA (S. Paulo) — Oh! Feliz Natal e felicissimo Anno Novo é o que tambem lhe desejo de todo coração.

N. N. PINTO (Pernambuco) — Agradeço e retribúo os votos de bôas festas e anno novo que me envia.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON - FON — 2-1-932

Data da consulta.................

Nome do consulente...............

....

MAL NECESSARIO

Personagens:

JAYME e OLIVERIO

OLIVERIO. — Uma convalescença longuissima... Ha dois ou tres dias que me levanto sem forças, sem coragem, penosamente, todo tremulo.

JAYME. — Pois só agora sei disso... Por que não me avisaste, homem?... Para que servem os amigos?... Pelo menos, terás sido bem tratado...

OLIVERIO. — Sim, sim... Duas enfermeiras, muito pontuaes, muito estrictas no cumprimento do dever... "A tal hora, a injecção; a tal outra, as gottas... São dez horas?... E' preciso verificar a temperatura... São dezoito horas... Vamos pôr os sinapismos..." Uma maravilha de precisão. Um vulcanismo com coifa e avental branco... Nada mais.

JAYME. — Que querias, então, que fizessem? Alguma coisa excepcional?

OLIVERIO. — Não. E fôra absurdo exigil-o.

JAYME. — Naturalmente... Tu lhes pagava para que te tratassem bem e ellas te devolviam em cuidados o que tu lhes davas em dinheiro... E olha: és injusto ao queixar-te, porque muitos queriam ter a seu lado pessôas que soubessem tratar de enfermos... Quando eu tive a grippe, Alice foi pôr-me umas ventosas... E ateou fogo na colcha, quebrou dois calices e me queimou as costas!... Resultado: não fosse a vizinha do lado, que se offereceu para applicar-me o tratamento, e não sei como sahiriamos da situação.

OLIVERIO. — Isso é uma insignificancia.

JAYME. — Para ti... Mas eu ainda tenho signaes da queimadura!... E não quero dizer-te quando se tratou de contar as dez gottas de dionina que o medico mandou que eu tomasse... Ora punha mais, ora menos... O conta-gottas não funccionava... E outras complicações... Em resumo: com 40° de febre, tinha eu que contar as gottas, porque Alice não sabia fazêl-o... Uma delicia!

OLIVERIO. — Dize o que quizeres; mas eu preferia ter junto a mim uma mulher carinhosa, embora fosse necessario que a vizinho da frente me puzesse as ventosas, e os sinapismos o guarda da esquina!... Ah!... E juro-te que não passo solteiro outra enfermidade.

JAYME. — Depois de tudo o que predicaste contra o casamento?...

OLIVERIO. — Sim, sim... Confesso o meu erro. Arrependo-me. Bato no peito e me humilho...

JAYME. — Ora, ora!... Um convertido!...

OLIVERIO. — Não sabes com que ansia desejei eu em minhas noites de febre o beijo carinhoso de uma mulher...

JAYME. — Homem!... Por que, então, não o pediste á enfermeira?... Ella to daria com muito gosto...

OLIVERIO. — Não digas tolices... Falo de uma mulher que me quizesse, que me animasse em minhas horas de angustia physica, em que vi a morte de bem perto... Uma mulher que me segurasse em meus desfallecimentos, com a firmeza de seu carinho e de sua abnegação, com o calor de suas caricias... Uma mulher que apoiasse seu coração contra o meu, defendendo-me de minha fraqueza...

JAYME. — E que te envenenasse, dando-te cincoenta gottas de dionina!...

OLIVERIO. — Ri quanto quizeres... Quando se aproximava de meu leito uma das enfermeiras, eu sentia um frio enorme na alma... De que me servia que me désse a tempo os medicamentos para curar meu corpo, si meu espirito enfermava cada vez mais, com a soledade moral que me rodeava?... Esta mesma convalescença, tão gelada, tão desoladora, imagina tu o que seria ao lado de uma mulher carinhosa que me distrahisse, que me falasse...

JAYME. — Ficarias enfastiado della em cinco minutos... Eu tinha que fazer Alice calar-se, porque ella me aborrecia com sua conversa.

OLIVERIO. — Mas exaggeras!...

JAYME. — Ora, depois de oito annos de casados, a gente cansa...

OLIVERIO. — Seja o que for, chama costume ou egoismo, a verdade é que não podemos viver sem a companhia de uma mulher.

JAYME (*com ironica convicção*). — E', sim... Sobretudo quando estamos enfermos...

OLIVERIO (*sem ouvil-o*). — E já vou procurando uma que queira ser minha companheira... Antes de seis mezes, *consummatum est!...*

JAYME. — Mas vaes ficar perante teus amigos como um falso apostolo do celibato!... Não te envergonhas?... Não gritavas aos quatro ventos que as mulheres eram uma calamidade?

OLIVERIO. — Sim, filho, sim... Mas com ellas occorre o mesmo que se dá com as guerras... São uma calamidade... mas uma calamidade necessaria...

FANFRELUCHE

O AEROPLANO «NUMERO 3»

MUITO triste e desalentado estava George Campbell, ao alojar-se no assento de seu aeroplano. Sete mezes antes havia chegado ao Alaska, seduzido por um brilhante contracto. A "Alaska Air Company", uma sociedade que obtivéra a concessão do serviço postal aereo entre Nome e Sitka, lhe havia offerecido trés mil dollars por mez e mais uma porcentagem nos lucros. Uma fortuna!... E George Campbell chegára a Sitka em vapor, tomado, logo depois, posse do aeroplano "Numero 3".

Mas não tardou em se desilludir-se. Antes de tudo, a vida em Nome, onde tinha que permanecer duas semanas por mez, era exorbitantemente cara e lhe consumia as tres quartas partes de seus honorarios. Depois o rude clima arctico abalára sua saúde e elle estava atacado de um principio de tosse que não conseguia curar.

E, para completar sua má sorte, os negocios da "Alaska Air Company" haviam decahido rapidamente. A empresa achava-se em liquidação e a viagem que George Campbell ia realizar devia ser a ultima.

Em torno delle, se extendia o cáes de Nome, isto é, uma especie de esplanada que ia em suave pendente para o mar gelado, e ao longo da qual haviam construido tres diques.

O mar estava completamente coberto de gelo em uma grande extensão. A neve, endurecida pelo frio intenso, envolvia o chão e as casas em um sudario uniforme, que o pallido sol fazia brilhar. Era o inverno arctico e o astro, que acabava de apparecer, ia occultar-se em breve.

Uma duzia de homens cobertos de pelles estava em pé, alli, não longe do avião. Entre elles, o representante da "Alaska Air Company".

— Adeus, mister Campbell! — gritou este, ao aviador, no momento em que George punha a helice do apparelho em movimento. — Voltará?

— Não o creio — respondeu Campbell. — Sou um homem liquidado... A tosse, a má sorte... Emfim, seja o que Deus quizer! Adeus, mister Lobslitt!

O aeroplano, depois de ter deslisado alguns metros sobre a neve endurecida, se elevou e em breve estava sobre o mar: uma extensão de agua negra que se transformava em glauca perto da costa.

O motor marchava com regularidade e o ar estava sereno.

Pensando no futuro George Campbell mantinha instinctivamente o apparelho em bôa direcção. O Norton-Sound foi transposto e de novo o avião voou sobre a terra. Para os lados do Norte, a vermelha claridade de uma aurora boreal começava a illuminar o céo. O aviador, guiando-se pela bússola, reconheceu o Forte Alexandre, atravessou a bahia de Bristol e passou sobre a peninsula de Kenai.

Tendo chegado á ilha Montague, deixou terra á esquerda e se dirigiu ao oceano, rumo a Sitka.

Agora, a aurora boreal brilhava com todo o seu esplendor. Era uma successão de resplandores com irisações como as de arco-iris. As estrellas haviam desapparecido e o céo avermelhado se reflectia no mar, cujas ondas pareciam chammas.

George Campbell voava a uns mil metros sobre a superficie do oceano.

Embora tivesse como calefacção a de um radiador alimentado pelos gazes do motor, começava a sentir que ia invadindo-o um frio intenso, aggravado por sua extrema fraqueza.

E pensando que ainda lhe faltavam quatro horas para chegar a seu destino, achou que o caminho percorrido era muito longo. O motor continuava funccionando com uma regularidade de bom augurio. Por ser a ultima vez que o dirigia Compbell, o "Numero 3" queria portar-se bem.

O aviador deu um suspiro. Mas um surdo ruido o fez estremecer, alarmando-o. Sentiu que o apparelho se inclinava ligeiramente, como si uma rajada o houvesse sacudido. No emtanto, não havia vento; o motor marchava sempre. Si uma das aspas da hélice se houvesse quebrado, elle o teria notado immediatamente.

Que era aquillo, então?

George Campbell olhou para baixo e ficou aterrado. Immovel, no mar tranquillo, ardia uma embarcação. Devia ser um hiate de recreio, a julgar por seu casco branco, onde se reflectiam os ultimos resplandores da aurora boreal e sua enorme e amarellada chaminé.

Sobre a coberta, invadida pelas chammas, seres humanos, semelhan-

JUVENTUDE ALEXANDRE

Acompanhadas de attencioso cartão de cumprimentos de bôas-festas e feliz anno-novo, recebemos do sr. Alexandre M. Fernandes, fabricante da "Juventude Alexandre", algumas folhinhas para 1932 e canetas de propaganda desse conhecido preparado para o cabello.

De J. Taillade

tes á formigas, corriam em todas as direcções. Até os botes de salvamento ardiam. O incendio fôra causado, sem duvida, pela explosão que o aviador acabava ouvir.

Pela segunda vez, se ouviu um ruido, e Campbell julgou que um vulcão acabava de abrir-se no centro do vapor. Viu uma lingua de chammas e chispas, entre as quaes surgiam restos de toda especie. O aeroplano inclinou-se com violencia e o piloto apenas teve tempo de manobrar para conservar o equilibrio. Restabelecido este, Campbell olhou novamente. Já não havia chammas, nem chispas, nem navio, mas tres ou quatro naufragos debatendo-se nas aguas que a aurora boreal tingia de uma côr esverdeada.

Por mais fraco, por mais enfermo, por mais cansado que estivesse, o aviador não vacillou.

Concentrando todo o seu sangue frio, fez o avião baixar lentamente. Felizmente, o apparelho estava guarnecido de solidos fluctuadores.

Graças á calma atmospherica, George Campbell conseguiu descer á superficie das aguas sem muita difficuldade, e procurou com os olhos os naufragos, a quem, na descida, havia perdido de vista. Só restava um, desesperadamente aferrado a uma taboa.

George gritou-lhe em vão que se aproximasse do avião, que se achava apenas a cincoenta metros. O homem não se moveu, e o aviador comprehendeu que elle devia estar transido de frio. Então, escutando apenas a vóz de seu coração, George se despojou rapidamente de suas roupas, luvas e combinação de pelles, e se atirou ao mar. O contacto brusco da agua gelada esteve na imminencia de fazer-lhe perder os sentidos, mas elle conseguiu reagir, e, nadando rapidamente, segurou o náufrago e o levou até o avião.

Quatro horas depois, o aeroplano "Numero 3", da "Alaska Air Company", aterrissava no campo de aviação de Leattle, e pouco depois uma ambulancia conduzia ao hospital o aviador George Campbell e o naufrago, ambos atacados de broncchopneumonia.

Os jornaes da noite annunciaram, em edicções extraordinarias, que o hiate "Sunbeam", pertencente a Cornelio Struckheim, proprietario de um dos mais ricos *claims* da Bonança, havia naufragado nas costas do Alaska, em consequencia de uma explosão nas caldeiras, e que Mr. Struckheim, o unico sobrevivente, fôra salvo pelo a v i a d o r George Campbell, que deu provas de admiravel coragem e sangue frio.

Campbell é, actualmente, o socio de Cornelio Struckheim e sua firma *vale* mais de vinte milhões de dollars. Comprou á "Alaska Air Company", agora desapparecida, o aeroplano "Numero 3", que conserva em um hangar, como preciosa mascotte.

. . .

A ONDULAÇÃO PERMANENTE

Para que fazer experiencias perigosas, submetendo seus cabellos a uma permanente qualquer, quando a CASA ERITIS, por um preço razoavel e com os apparelhos mais aperfeiçoados, pode garantir-lhe uma ONDULAÇÃO PERMANENTE, perfeita e duravel, ficando os cabellos macios e geitosos, conservando o brilho natural?

A CASA ERITIS é a mais antiga e a mais importante casa do Rio, no genero.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 1

Rio de Janeiro, 2 de Janeiro de 1932

Director: SERGIO SILVA

ANNO-NOVO

1932 — Dêem licença para este logar commum: mais um anno de lutas. Mais doze mezes sobre as nossas cabeças, apressando a velhice cruel, apavorante, indesejavel. Essa velhice que, para os latinos, era, por si só, uma doença. (*Senectus ipsa est morbus*).

E é então com uma saudade inexprimivel que recapitulamos os dias transcorridos. Mesmo aquelles que nos foram mais árduos, mais amargos, mais inglorios, nos deixam, sempre, algo de amavel e de bom a recordar, nas horas de isolamento e renuncia.

E' esse ainda, indiscutivelmente, um dos grandes prazeres da velhice: recordar. Não porque um idiota — um poeta — tenha dito que recordar é viver; mas, porque, — como observa Anatole France, — "o passado é um jardim solitario, onde o espirito passeia e se sente feliz em rever as lindas coisas que amou."

Esse mesmo conceito — de que ha na recordação um consolo — é defendido pelo emotivo Stecchetti, quando diz num dos bellos poemas de *Le Rime*:

> "*Quando tu sarai vecchia e leggerai*
> *Questi poveri versi accanto al fuoco,*
> *Rivedrai colla mente a poco a poco,*
> *I giorni in che t' amai...*"

De minha parte, porém, confesso abertamente que, ao arrancar a ultima folhinha de 1931, neste pequeno calendario que tenho aqui sobre a minha banca de trabalho — um Pierrot de louça amparando um cabaz cheio dos dias do anno — presente de uma creatura querida — confesso, repito, não tenho saudades, nem sinto emoções ao rememorál-o.

Que fiz eu de notavel? Nada! Escrevi um livro mediocre. E algumas chronicas que viveram um dia, ou talvez menos... Na escada social, si não desci de uma vez, tambem não avancei um degráu. Continuei a ser a mesma insignificante figura que sou neste 1º de Janeiro de 1932. No dominio das finanças... Ai, de mim! Tenho os bolsos vazios. Não conheço a sensação, nem o gozo bom de viver a vida intellectualmente curta, vulgar, mas confortavel dos burguezes: — morar num *bungalow* elegante, possuir um automovel e um livro de cheques a encher.

Sentimentalmente falando — o meu passado é um desastre. Sempre as mesmas mentiras, os mesmos embustes, as mesmas decepções.

Esta creatura loura, de olhos claros e cabeça á Clara Bow, não foi menos sincera do que aquella de pupillas negras e morena como a Iracema de José de Alencar.

Aquella trintona, balzaqueana legitima, foi tão ingrata, tão leviana e tão hypocrita como aquella pequena Manon Lescaut, que emperrou nos dezesete annos — e se julga primeiro premio de belleza — linda como Aphrodite — pura como Agnés e sábia como Minerva.

Não! 1931? *Vade retro!* Esperemos por 1932... Mas, o diabo é que já tenho mais uma ruga na face...

BASTOS PORTELA

DESENCANTO

CLAUDIO, ao vêr os olhos tristes de Lucio, interrogou, curioso:

— Então? Voltas com ar desolado?

Elle sabia que o amigo andava arrufado com Yvette, — a pequena a quem elle adorava, ou antes, adorara, até alguns dias atraz.

Tendo-a surprehendido em flagrante traição, nunca mais Lucio pudéra ser aquelle mesmo homem de outrora; o homem que tinha por ella adoração e fanatismo exaltado. Tudo fizera e ensaiara afim de que seu coração voltasse a palpitar com a mesma intensidade de sempre. Mas nada. Um resentimento profundo o distanciava della, dia a dia, á medida que uma indifferença desconsoladora o dominava e vencia.

Claudio insistiu:

— Vamos! Falaste com ella?

Lucio baixou os olhos. Seus braços penderam num desanimo, ao longo do corpo sem acção. Abanou a cabeça:

— Não.

— E ella? Não te viu?

— Não.

— Estava só?

— Creio que sim... Vi-a só... Passou por mim pela Avenida. Sem duvida, vinha do almoço e dirigia-se para o seu escriptorio.

— E o "outro"?

Lucio pensou um momento. A seguir, com uma vóz deprimida, esmagada, quasi num sussurro:

— E' possivel que o tenha mandado passear. Trocando-me por elle, considerou, posteriormente, que a substituição não fôra das mais felizes. E, penitenciando-se, desfez a troca e...

Deixou a phrase suspensa. Claudio terminou-a:

— ...E voltou aos seus velhos amores. Isto é, ao teu coração...

Lucio sorriu tristemente:

— Bem diz o poeta: "On revient toujours á ses premiéres amours..." Mas, tu sabes, o amor que se tem por uma mulher é como *Le vase brisé* de Sully Prudhomme. Uma vez fendido, não se concerta mais. A fenda se prolonga sempre. Não se detem. E' irremediavel. Insanavel. De resto, é preciso não esquecer o que diz La Rochefoucauld.

— Sobre o amor? — fez Claudio.

— Sim. Para o grande pensador, não ha senão uma especie de amor. O resto é imitação, plagio, pura cópia..

— Mesmo quando se trata de uma só pessôa?

— Sobretudo quando se trata da mesma creatura que se amava hontem e que hoje se tenta amar de novo...

Um silencio. Claudio interrompeu-o:

— Mas Yvette é uma creatura luminosa, attraente, sempre nova com a sua seducção. E' um sol que não envelhece e illumina a vida triste de um homem...

Lucio tornou com amargura:

— Sim. Mas ha mulheres que, sendo como o sol, — quando se nos deparam não nos enchem a vida de luz. Ao contrario: tornam mais espêssas as suas trevas.

E ajuntou, para finalizar:

— Eis porque, ao encontrar Yvette, ainda ha pouco, se tornou maior a minha melancolia...

YVES

LETRAS FEMININAS

Didi Caillet é uma dessas creaturas que, naturalmente, despertam inveja ás suas irmãs de sexo. Em si reúne, como certas flores de estufa, todas as qualidades que podem tornar feliz uma flor no reino lindo de Flora: — graça, belleza, mocidade, o perfume de uma intelligencia de escol, sendo, ainda, uma elegante figura de salão. Concorrente a um concurso de belleza, ella é consagrada, pelo povo — o verdadeiro juiz de todas as grandes causas — o primeiro logar desse torneio. Por que? Porque nella ha não só a conformação e a harmonia de linhas, que a tornam um typo de formosura: ha ainda todos aquelles predicados acima expostos. Sempre se falou muito na sua intelligencia. E, agora, «Miss Paraná» de 1929 veiu comprovar, com «Taú», o seu livro de estréa, os seus pendores literarios. Mas o que é para accentuar, no caso, é que Didi apparece uma escriptora feita, dando-nos uma obra que, pelas suas caracteristicas, — estylo, fórma e fundo — lhe assignala um logar de brilhante relevo, entre as grandes mentalidades femininas do paiz.

ANNO-BOM

DESTINOS DIFFERENTES

ELLA. — *Eu sei que a nossa vizinha se morde de raiva quando eu entro em casa carregada de embrulhos.*

ELLE. — *Estamos pagos. Eu tambem tenho uma bruta inveja do marido della quando chega com as mãos abanando.*

A ULTIMA MODA DE VERÃO EM PARIS

L. DESMURS é o nome de uma conhecida costureira de Paris, que inicia, neste numero de FON-FON, a publicação de pequenas chronicas de moda encerrando conselhos e suggestões interessantes para as nossas leitoras.

E' mais uma preciosa conquista de FON-FON, obtida com o intuito de beneficiar o nosso mundo feminino, e graças aos esforços do nosso correspondente especial na capital franceza.

Eis o que os grandes costureiros publicaram no começo do ultimo verão, nos "magazines" da moda em Paris:

"A moda juvenil, variada, alegre favorece a individualidade da mulher, e permitte varias interpretações baseadas nas grandes linhas geraes. Do córte muito estudado e das dimensões muito restrictas resulta uma silhueta delicada e fina. Os tecidos são finamente trabalhados em pequenas pregas e nervuras. As mangas são curtas e as espaduas cobertas. Guarnições frágeis de bordado, flôres, "berthes", "écharpes" e mil outros detalhes dão uma nota bem feminina á moda. Emfim, as côres suaves e delicadas dos "dragées" (o verde, o amarello, o azul, o rosa) são preferidas, embora o negro sobre o branco e, notadamente, o branco liso sejam importantes neste verão e dominem claramente a moda."

Ahi ficam os conselhos que damos ás leitoras de FON - FON, *para o verão do Rio.*

L. DESMURS

A mulher que não inventou o amor

CONTO DE

EDUARDO TOURINHO

DIANA parecia desmentir o primeiro philosopho que affirmou: — a mulher é a vulgaridade...

Paulo Nunes, funccionario dos Correios e morador no Meyer, aos trinta e cinco annos ainda era poeta!

Paulo amou Diana.

Ai! amor! Paulo amou Diana... Adornou-a das mais sumptuosas phantasias sentimentaes. Cobriu seu collo, despido pela moda, de todas as legendas aureas e de todos os symbolos impereciveis.

Diana não cedeu. Esses symbolos e essas legendas não eram diamantes nem esmeraldas.

Não sentia a linda Diana Vasconcellos. Paulo enviou-lhe um rol de quadras lyricas. A'quella manifestação, Diana distanciou-se. Paulo inspirava-lhe o respeito dessa casta de loucos pacificos, perturbados de onde em onde por violentos accessos...

Mas Paulo amava Diana com o amor que na puberdade os rapazes dedicam ás santas bonitas por traz das redomas de crystal.

Diana continuou irreductivel como a Virtude no quinto acto dos dramas que a sra. Italia Fausta interpreta... Paulo fez de Diana, Sol, Mar, Fluido! Absorveu-a pelos olhos, pela bocca: — apanhou uma tuberculose na alma. A alma de Paulo tossia sonetos, tinha hemoptyses de romantismo, febre intermitente de poesia a 40°.

Paulo andava amarello como uma flor de enxofre. Diana ameaçava de ruina os fabricantes de "Rouge" de Paris e do resto do mundo.

Paulo amava Diana! Si amava! "Ai! amô"!...

Fez a ultima tentativa. Encontrando-a certa tarde na Avenida, desdobrou aos seus olhos o tapete de Smyrna do seu affecto e derramou a seus pés a desvalorizada moeda das suas palavras ardentes.

Foram seguindo... Numa confeitaria, emquanto era servida de doces e bom-bons, Diana declarou que ás avançadas do Amor seu coração era tal o "Horto Cerrado"... Diana não amava! Não amava a ninguem!

Paulo sentiu um arrepio gelado percorrer-lhe o dorso. Ainda assim, Paulo pagou a despeza.

Despediram-se. Diana tomou um omnibus da Gavea. Paulo ficou parado na calçada, olhando a paizagem.

Agora, mais do que nunca, Paulo amava Diana. Ella era o Inattingivel, o Inalcançavel... Amava-a mais do que nunca. Procurava-a nos cinemas, nas casas de chá, nos banhos de mar.

— Onde estará Diana? Diana, a invisivel?!

Paulo buscava-a sempre. Era o Judeu-Errante do asphalto e dos cafés. Que inquietação! Que dor! Que lastima!

Inquietação de mar! Dor! infinita dor de todas as fibras!

Diana! Diana!

Que amor doido!

"Ai! amô"!...

Naquelle domingo de verão, ao quebrar da luz no concavo da tarde, Paulo foi ao Leblon. Lá, na praia deserta, semi-selvagem, encontraria, com certeza, um ambiente propicio á sua immensa dor, ao seu desespero immenso... A's cinco horas, Paulo estava nas praias da Gavea.

Que esplendor!

O mar rojava-se sobre a praia, num impeto, brunindo a areia, dando-lhe umas tonalidades de espasmo e de opala.

Que esplendor! Céos azúes! Sol de ouro! Luz! Vida!

A tarde cahia, lento, sobre a praia. Na immensa bacia de lapiz-lazzuli do mar, desfolhava-se a tarde como um lyrio de grandes folhas eburneas...

Na praia deserta, ao longe, na meia tinta crepuscular, Paulo divisou uma mulher e um homem. Andavam lentamente, em sua direcção... Teve uma infinita pena de si mesmo, da sua immensa solidão sentimental. Podia ser aquelle homem... Diana podia ser aquella mulher... Pareciam felizes! Tão unidos!

Paulo desfiava as contas do seu amor... O par approximava-se aos poucos...

Que lindo o crepusculo! Franjava-se o firmamento de todas as côres! Que sumptuosa recepção á noite!

Paulo desfiava as contas do seu amor... Absorveu-se na contemplação do céo e na contemplação do mar... Mas, realmente, nada via... Abstracto, só tinha olhos para ver a propria alma — a propria alma engelhadinha do frio do desespero, coberta dos farrapos do desalento...

O mar cantava á areia uma aria de força e de juventude! Oh! o mar cantava a posse da terra... O mar celebrava suas eternas nupcias...

Lá, no fim do arco infinito dos céos o sol morria afogado no mar sem fim... O crepusculo tocava fanfarras... O crepusculo era um cartaz de Jules Cheret...

Paulo olhou em frente. Teve uma allucinação: rodambulou sobre si mesmo, como si tivesse recebido uma bala entre os olhos... Torceu-se, contorceu-se-lhe a alma... Pobre alma! Fazia esgares de palhaço nas noites de estréa, em circos nomades... Paulo teve uma allucinação: a dez passos, em sua frente, como correndo ao seu encontro, reconheceu Diana naquella mulher pendi-pendente do braço de um outro, — toda abandono, toda languidez... Diana, — que não inventara o amor!

A MODA NUPCIAL — Mlle. Nicoletta Arrivabene Valenti Gonzaga, que se casou em Veneza com o conda Edoardo Visconti di Madrone, numa photographia tomada especialmente para o FON-FON pela Casa Jean Patou, que acaba de lançar a sua nova creação de vestido de noiva, cuja originalidade póde ser apreciada na gravura desta pagina. A joven e formosa representante da nobreza italiana inaugurou assim o novo traje de noiva com que a Casa Jean Patou veiu revolucionar a moda nupcial de todos os tempos. FON-FON é a primeira revista que publica no Brasil a sensacional creação Jean Patou, devendo essa primazia ao nosso serviço especial da capital franceza.

QUINTA-FEIRA, 20 de agosto — Cortamos as aguas do golfo de Biscaia pela corda do arco que ele forma, isto é, do Finisterra espanhol ao Finistère francês, diretamente. Tempo instável. Céu ora chuvoso, ora ensolado. A baía dos temporais quer mostrar-me que nem sempre é o lago que varias vezes já atravessei. As ondas verdinegras espumejam. Sobre elas dansa como um pião o pesado transatlantico. Passamos por alguns pequenos veleiros que pescam o atum ao largo da costa vendeana e que o mar suspende e agita sobre os seus inconstantes montes de agua viva. Ao longe, diversos vapores de carga e de passageiros.

Ás sete horas — dia claro ainda — avistam-se os faróis de Ouessant e de Sein, a ilha das druidezas, balizando a entrada do porto militar de Brest. E' a quarta vez que os vejo. Ao fundo da baía de Douarnenez, que se adivinha na fileira aberta das altas falesias, num dia de verão, tomei o cruzador «Jeanne d'Arc» para acompanhar a Lisboa e aos Estados Unidos o presidente Epitacio Pessoa. Doze anos já se passaram quasi dia por dia!...

Entramos o mar da Mancha. No horizonte arroxeado, boceja a luz do farol de Guernesey.

Sexta-feira, 21 de agosto — Vogamos pela Mancha. Chuvisca. Mar côr de abacate e agitado. Muito longe, quebra-se em alvissimas espumas nas costas altas da Normandia. Debuxam-se no horizonte, do lado contrario, as terras inglêsas. Passam constantemente, em todos os sentidos, grandes e pequenos vapores. Os passageiros começam os preparativos para a chegada amanhã em Bremerhaven. Faz frio. O vento do Norte corta o rosto. Só se consegue ficar nos passadiços bem abrigado. Os estomagos já não suportam mais a comida de bordo, embora seja excelente. Todos anseiam pela terra. Faz nos falta o solido plancher des vaches, como dizia Rabelais...

Durante o dia todo, o navio costêa a velha Inglaterra, canal da Mancha em fora. Vapores e barcos a vela por todos os lados. Em poucas horas, conto mais de setenta. Os faróis e as barcas-farois são os inspetores de veículos desse trafego intenso. O castelo de Dover apruma-se no alto da sua penha e os barcos-farois de Calais perdem-se á distancia, no balouço continuo das vagas. Centenas de gaivotas e de pequenas andorinhas do mar seguem a nossa esteira, gritando. Ás vezes, a poeirada da bruma esconde os horizontes. De outras, um raio de sol rompe o céu côr de chumbo e laiva de ouro a vasta planicie liquida. Ás cinco horas da tarde, entramos no mar do Norte ou mar da Morte, como dizem os marinheiros alemães... Delinêam-se, ao longe, côr de opala, as praias flamengas.

A noite, jantar de gala. O commandante faz as despedidas, primeiro em alemão, depois em hespanhol. Em nome dos passageiros, responde-lhe em alemão o professor Abreu Fialho. Traduzo suas palavras em castelhano para os nossos visinhos do Prata que vão a bordo. O champanhe espoca. Baile no salão. A orquestra ataca os jazz mais terríveis. Fora do navio, a orquestra do vento e do mar batuca com mais força...

Sabbado, 22 de agosto — Mar do Norte. Céu torvo e baixo. De quando a quando, um fio de sol. Ondas curtas e encaracoladas. Aguas dum verde gris, sujo, espesso, oleoso, feio. Os bandos de gaivotas e andorinhas continuam acompanhando o vapor. Alguns goelanos de capa preta se distinguem pelas grandes asas inquietas. Amanhecemos ao largo das costas holandêsas. Muito baixas, somente amostram no horizonte as pontas dos faróis. Ao começo da tarde, vão surgindo para o sul as terras alemãs das ilhas da Frisia oriental: torres, fanais, mastros de telegrafia sem fio, elevações de terreno. A oeste, embuçado na nevoa, o bruto rochedo de Helgoland.

Pouco e pouco, o litoral germânico se desenha. Pequenas colinas bombeadas cobrem-se duma relva verde dôce como uma pelúcia. Manchas rubras e negras de tectos. Manchas brancas e cinzentas de edificações. Arvores. E a larga embocadura do Weser com um vai vem continuo de navios como uma avenida de grande transito. Um veleiro formidável desce o rio, os panos todos largados, as enxarcias formigando de marujos. E' o navio-escola do Lloyd, o «Bremen», que nos saúda com bandeiras e aclamações. De espaço a espaço, a crosta de aço duma fortaleza surge das aguas amareladas. Dois buracos vasios na sua cupola olham-nos como as orbitas duma caveira. Os aliados desarmaram todas as fortificações da costa alemã e delas tudo o que resta são essas carecas azuladas e esses olhos sem pupilas.

O «Sierra Ventana» encosta a um cáis de pedra. Em volta, bacias pejadas de navios, corportas, guindastes, maquinismos, toda a aparelhagem formidável dum grande porto.

Paulo Bezerra, intelligencia dynamica do Ceará, que acaba de visitar a sua terra de martyrio e de gloria, revendo-a deslumbrado após vários annos de ausência, organizou, durante sua longa estadia na capital cearense, o «Álbum de Fortaleza», que encerra as mais interessantes informações gráphicas sobre aquella formosa metropole nortista onde se agita a alma luminosa de um povo inquieto e forte. Trata-se de uma obra digna de divulgação, porque torna conhecidas actividades e bellezas, ás vezes ignoradas, de um dos grandes Estados do Septentrião brasileiro. Fortaleza apparece, nessas paginas de evocação, linda e pittoresca nos seus menores detalhes de cidade feliz: com o seu progresso moderno, as suas riquezas e a fascinação doirada da sua natureza coberta de sol. O «Álbum de Fortaleza», que foi impresso naquella capital e offerece, materialmente, o melhor aspecto, há-de interessar não só aos filhos do Ceará residentes fóra de seu Estado, mas, também, a todos, quantos amem o Brasil e gostem de apreciar os documentos expressivos do seu desenvolvimento.

Concluiu com as mais distinctas notas, o curso de humanidades do Lyceu Francez o jovem Gilberto Penna, filho mais moço do ex-ministro da Justiça dr. Affonso Penna Júnior. Gilberto vae ainda fazer 15 annos. Honrando, porém, as gloriosas tradições de sua illustre família, como um verdadeiro predestinado, desde os mais tenros annos, revelou-se um amigo dos livros solicito e invulgar. Vae, agora, estudar Agronomia. A escolha foi sua mesmo, expontanea. Gilberto é já uma intelligencia habituada a agir por si. Já tem personalidade. Ha de ser o maior orgulho paterno.

O novo embaixador de França e exma. sra. Albert Kammerer deram, na tarde da penultima quarta-feira, a sua primeira recepção nesta capital, comparecendo ao Copacabana Palace Hotel, onde se realizou essa festa diplomatica, altas autoridades brasileiras, diplomatas estrangeiros e figuras do «grand-monde» carioca.

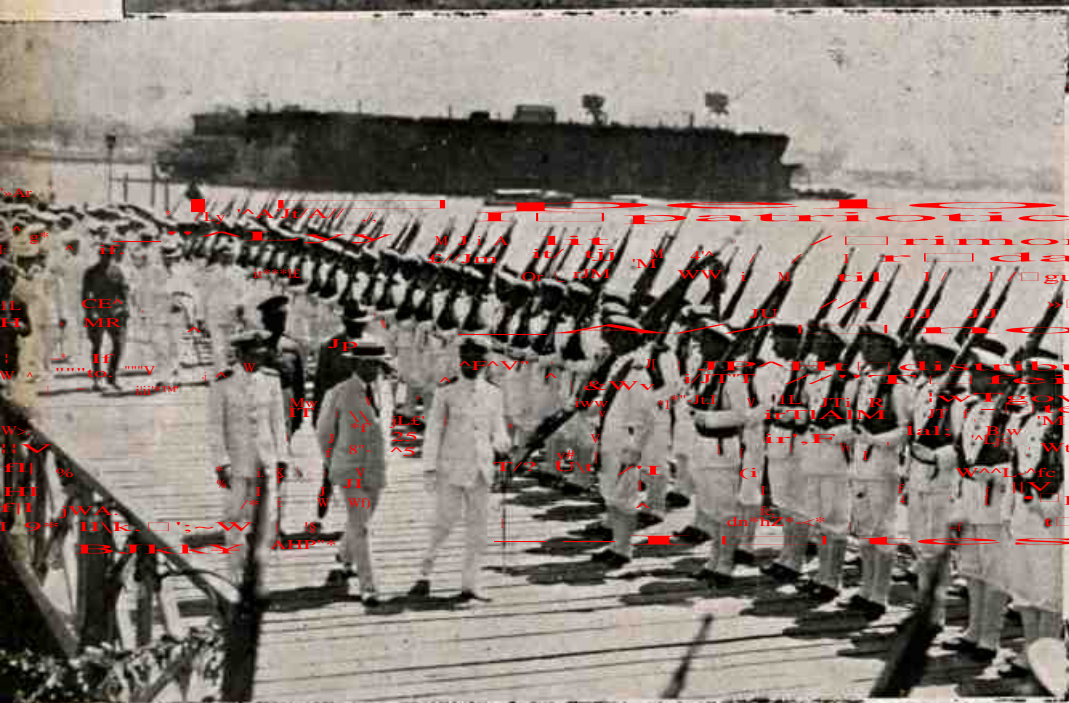
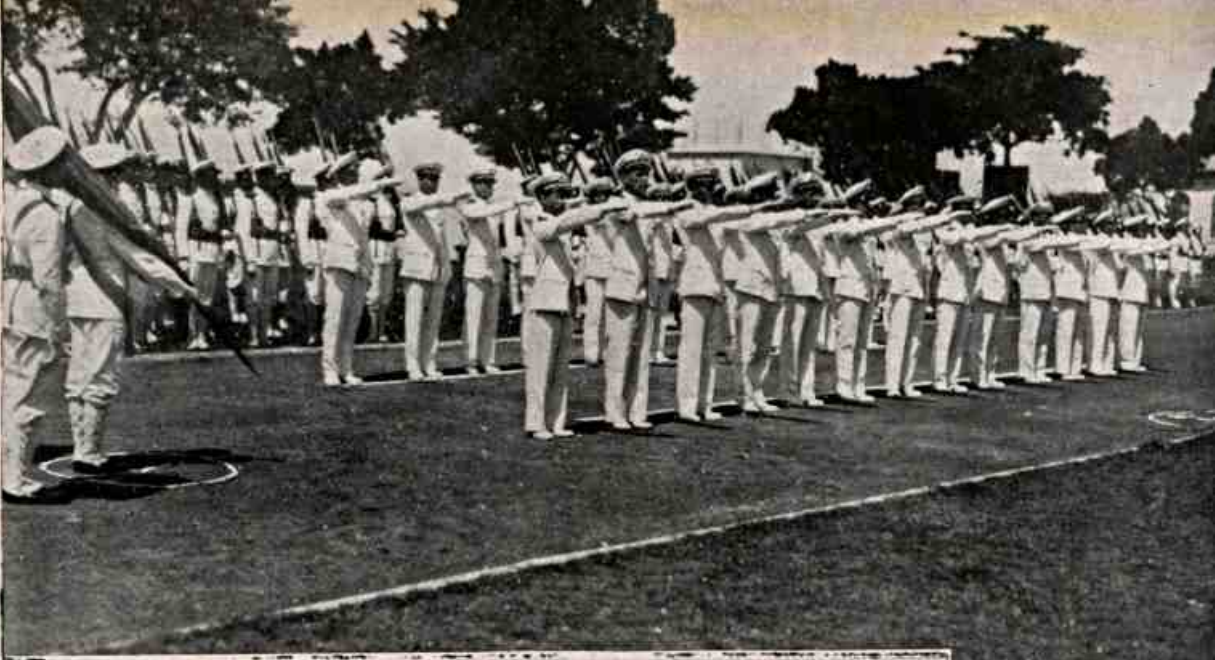
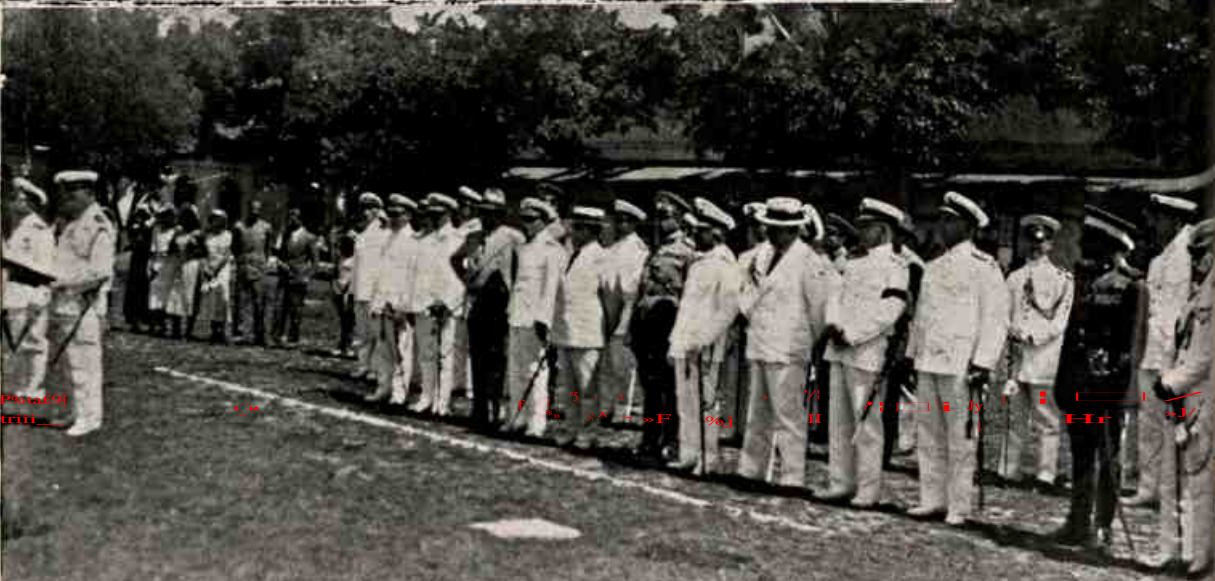
Em frente, alguns armazéns, uma estação ferroviaria onde fumega o trem que nos deve conduzir a Bremen. A tarde vai morrendo enrolada em gazes violetas. Tudo o que vemos — ruas, edificios, pessoas que passam a pé ou de bicicleta, automoveis, grupos que nos olham do desembarcadouro — tudo nos dá uma impressão de ordem, de disciplina e de aceio. Dois policiais vão e vêm em passo regular defronte da Alfandega. São altos, louros, fortes. Cobre-lhes a cabeça um capacete de couro, quadrado e lustroso. Vestem tunicas verdes com botões e insignias prateados. As calças pretas, avivadas de vermelho, cáem impecavelmente sobre os sapatos engraxados.

Um dos passageiros aproxima-se de mim, aponta-me com um gesto circular tudo o que a nossa vista alcança no porto da velha cidade hanseatica e diz-me:

— Agora, sim, chegamos á Europa...

GUSTAVO BARROSO

(da Academia Brasileira).

A Obra de Defesa Social, instituição benemerita presidida pela senhora almirante Marques Couto, proporcionou, este anno, ás crianças pobres das nossas escolas, um formoso Natal, distribuindo, entre ellas, no Campo de Sant'Anna, 6 000 interessantes mimos, confeccionados por um grupo de senhoras e moças da nossa melhor sociedade. Na residencia da senhora Oscar Clark, á praia do Flamengo, realizou-se, nas vesperas de Natal, bellissima exposição desses mimos, com a presença de figuras de grande destaque no nosso mundo social, conforme o mostra o flagrante photographico aqui fixado. A senhora Oscar Clark foi uma das mais enthusiastas collaboradoras dessa obra de tão formosa significação christã.

Muito expressiva, pelo seu alto cunho patriotico, foi a ceremonia da entrega das espadas aos guardas-marinha de 1931, realizada quinta-feira penultima, no edificio da Escola Naval. Essa distribuição, que foi feita pelo chefe do governo provisorio, teve uma brilhante assistencia, além do comparecimento de altas autoridades do paiz. A nossa pagina focaliza os principaes flagrantes da solennidade.

No salão nobre da Escola Normal Wenceslau Braz effectuou-se sabbado á tarde, sob a presidencia do dr. Belisario Penna, a cerimonia da collação de gráo dos alumnos que em 1931 terminaram o curso daquelle tradicional estabelecimento da rua General Canabarro.

A photographia de baixo fixa um detalhe expressivo da cerimonia da benção das espadas dos guardas-marinha de 1931, a qual se realizou sabbado ultimo, pela manhã, na igreja da Candelaria, sob a presidencia do Cardeal-arcebispo d. Sebastião Leme. Compareceram, além de altas patentes da Armada, innumeras familias da nossa sociedade.

CADA qual com a sua mania. A do nosso amigo, por exemplo, é singular, prestando-se para um estudo clinico de alguma importancia. Pelas manhãs luminosas de Copacabana, elle é encontrado na praia, de pelle tostada do sol, absorvido, entregue ao ensino de natação.

Deu para isso, como podia ter dado para coisa peior.

Professor de natação.... só do sexo fragil.

Uma especialidade como qualquer outra...

Mas, o rapaz tem um *faro* invejavel na escolha das discipulas.

E quando uma lhe foge das mãos, elle não trepida um instante, arranja substituta.... e o curso passa a funccionar em outro posto balneario...

Actualmente, o professor exerce a sua especialidade no posto 2.

A victima (perdão, a discipula!...) é assidua, embora chegue sempre atrazada.

E' uma garota linda, mas, tem o defeito de ser dorminhóca.

Si continuar a dormir até dia alto, está arriscada a perder o professor.

Elle tem outros affazeres de maior importancia, e não póde ficar adstricto á profissão de professor de natação de raparigas bonitas.

E, depois, si a esposa desconfia, era uma vez a historia de um professor de natação...

E, em se tratando de um *cidadão* casado, no gozo das suas faculdades mentaes, por que será que escolhe apenas discipulas solteiras?...

O caso não dá para pensar?...

PROVAVELMENTE, o illustre cavalheiro deve estar arrependido do escandalo que provocou na pacata pensão familiar.

Os hospedes o suppunham casado, e até muito amigo da sua *mulherzinha*.

Estavam sempre juntos, arrulhando pelos cantos, sahiam juntos, recolhiam-se cêdo, enfim, faziam a vida com certa regularidade, bem burgueza.

Ella, um r o s t i n h o angelico, olhos de boneca, parecia adorar o companheiro.

Elle, uma physionomia agradavel, ares de bem installado na vida, dava a impressão de ser o homem mais feliz do mundo ao lado da sua garota.

Mas, lá diz o proverbio, nem tudo que luz é oiro...

O outro dia foi aquillo que se viu!

Enedh, galante filhinha do sr. José Colombino da Costa e de d. Maria Christina Costa, residentes em Curityba.

O menino Herbert Duarte, que começa a fazer annos amanhã, 3 de janeiro, e já quer ver a sua photographia no FON-FON. Herbert é filhinho do sr. José Duarte e de d. Lucia Meschessi Duarte, de Bello-Horizonte.

A discussão havia começado no quarto, de onde a vóz della vinha timida, ao passo que a delle soava possante, forte, terrivel, e a scena final desenrolou-se no corredor, quando, com ares de mata-mouros offendido nos seus brios, elle applicou violento murro na pobre boneca, que cahiu desarticulada, ao tempo que os creados a soccorriam...

Então, os hospedes ficaram de posse do segredo.

Foi um pretexto, méra invencionice da parte delle, pois, na sala de jantar, ella não havia olhado para nenhum rapaz.

Pretexto futil, arranjado pelo illustre cidadão, para abandonar a boneca que trazia nos braços havia alguns mezes.

— Patifaria!, — bradou a pensão, escandalizada.

E para acabar a historia, as malas rolaram escada abaixo, tomando rumo desconhecido...

AGORA, o joven medico abandona, systematicamente, o consultorio, muito antes da hora marcada para attender aos clientes.

Será que estes estão escasseiando?

Não. Si o esculapio continuar não ligando aos clientes, naturalmente o consultorio ficará ás moscas. Actualmente, porém, não é o caso...

Coincide a hora dos clientes com a de uma preciosa consulente que o medico deve attender em ponto differente.

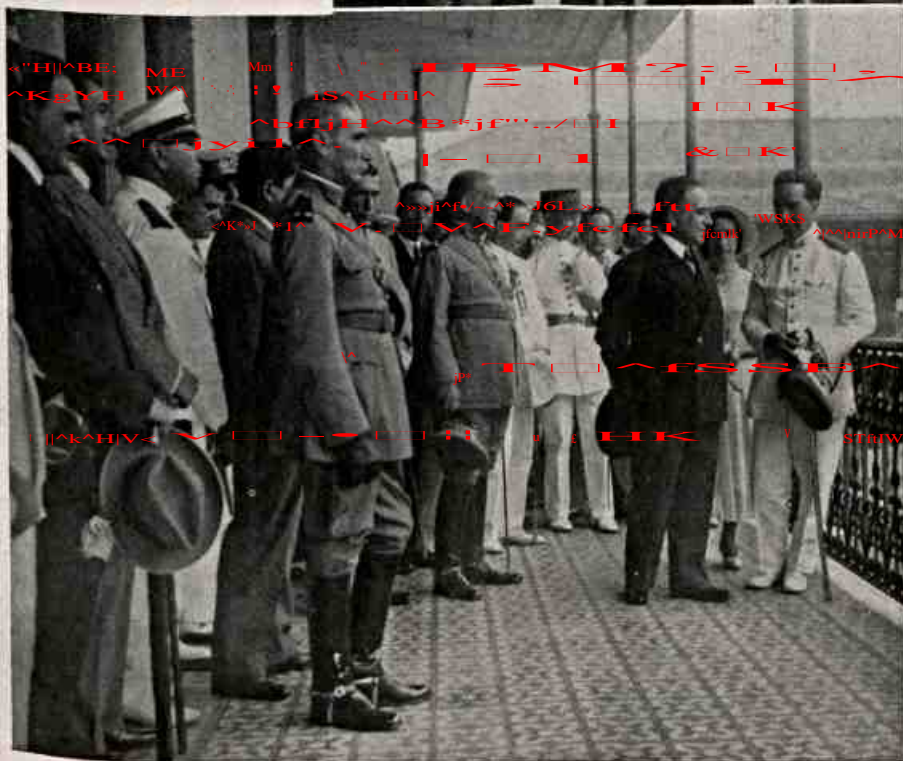
Creaturinha nervosa, que não póde dispensar a companhia do joven medico, justamente ás tardes, quando o marido está preso no escriptorio, atarefado com negocios, preoccupado em arranjar *money* para pagar as contas da mulher.

Só as contas de medico não apparecem ao fim do mez. Extraordinario!

Realmente... Imaginem, entretanto, si um dia o maridinho entra a pesquizar por que a sua querida *não gosta* de medicos!

Si a esposa do esculapio scisma em procurar o marido que nunca está á hora no consultorio... Que trapalhada de todos os diabos poderá resultar desta historia tão simples, quasi ingenua, que vae aqui narrada com todas as cautelas necessarias!...

DA FATUIDADE

A fatuidade está em relação ao feitio moral do fatuo. E este outra coisa não é sinão o sonhador deslumbrado com a realidade. Ha sonhos que se realizam, deixando a quem os sonhou, sem estar dormindo, entregue á perplexidade. E' por isso que vemos muita gente se transformar, de uma hora para outra, no desempenho de certas attribuições, ainda que não tivesse attingido os mais perigosos degráos da escada escorregadia da vida. A noção do ridiculo para essas pessôas é relativa, outrosim, ao meio em que ellas vivem. E o ridiculo é o maior protector da fatuidade...

E' necessario saber preparar a rêde de malhas, do mais fino tecido, e as mãos herculeas que a sustente por occasião da quéda!...

Si os que sobem, pelo merito, são dignos de applausos, os que sabem cahir, são dignos de admiração.

Não se deve, entretanto, confundir envergadura moral e sentimento de responsabilidade, qualidades do homem de bem, com a fatuidade.

Quando eu vejo um fatuo, penso no pequeno mundo que elle crê possuir, e na magoa que elle tem de ser mortal...

ALEXANDRE PASSOS

Quinta-feira penultima, o chefe do governo provisorio, presidiu, na Escola do Estado Maior do Exercito, á solennidade da entrega de diplomas aos officiaes que em 1931 concluiram o curso daquelle instituto de ensino superior do Exercito. Tambem compareceram a essa cerimonia os ministros da Guerra e da Marinha, e outras autoridades militares e civis, que apparecem nas gravuras desta pagina juntamente com o dr. Getulio Vargas.

Robe et chapeau de ton brun «caroubier». Bijoux de Van Cleef & Arpels dont la couleur s'harmonise avec le caroubier (diamants et corail).

Taupé noir. Plume noire et blanche.

Taupé noir. Fleur de cristal.

Taupé marron brillant et mat. Plume incrustée de métal.

Feutre noir à double bord. Conteaux rouge, blanc, noir.

Canotier paillasson granité noir. Gross grain vert opaline.

Chapeau de velours cotelé vert.

Feutre mousseux beige.

Alto-Falante

Na turma deste anno da nossa Escola de Medicina, completou o curso tambem o dr. Edgard da Graça Mello. Typo do «self-made-man», formou-se brilhantemente, tendo o capricho de fazer o curso com os proventos obtidos pelo seu arduo trabalho de funccionario municipal. Na Prefeitura, todos o conhecem, desde o magnifico concurso a que alli se submetteu para ingressar na Directoria da Instrucção. E' um moço exemplar. Na medicina certamente fará carreira célere tambem, porque o dr. Edgard não conhece obstáculos que o querer não vença.

"TEIA DE ARANHA"

ELCIAS LOPES continua a receber numerosos cumprimentos pela publicação de seu livro "Teia de Aranha".

Ainda ha pouco, o nosso querido companheiro de trabalho recebeu do conhecido e festejado escriptor, philologo e orador, dr. Daltro Santos, a linda carta que, a seguir, publicamos.

Prezado confrade e gentil amigo Dr. Elcias Lopes:

Só hoje me foi dado o prazer de ler de uma assentada o seu significativo livro — Teia de Aranha —, em que pude apreciar, assim na fórma como na essência, as evidentes qualidades que se põem de relêvo em sua pena, não só na crônica leve e faceta, senão tambem nos arroubos da ternura e nas meditações do pensador. Enchi, destarte, algumas horas deste domingo cálido e sombrio e me entreguei com interesse ás páginas do seu volume, preso á sua maneira de ver e de sentir, de que discordei algumas vezes, mas onde vi, bem fortemente impressa, a mébil e insinuante gracilidade do seu fino espirito.

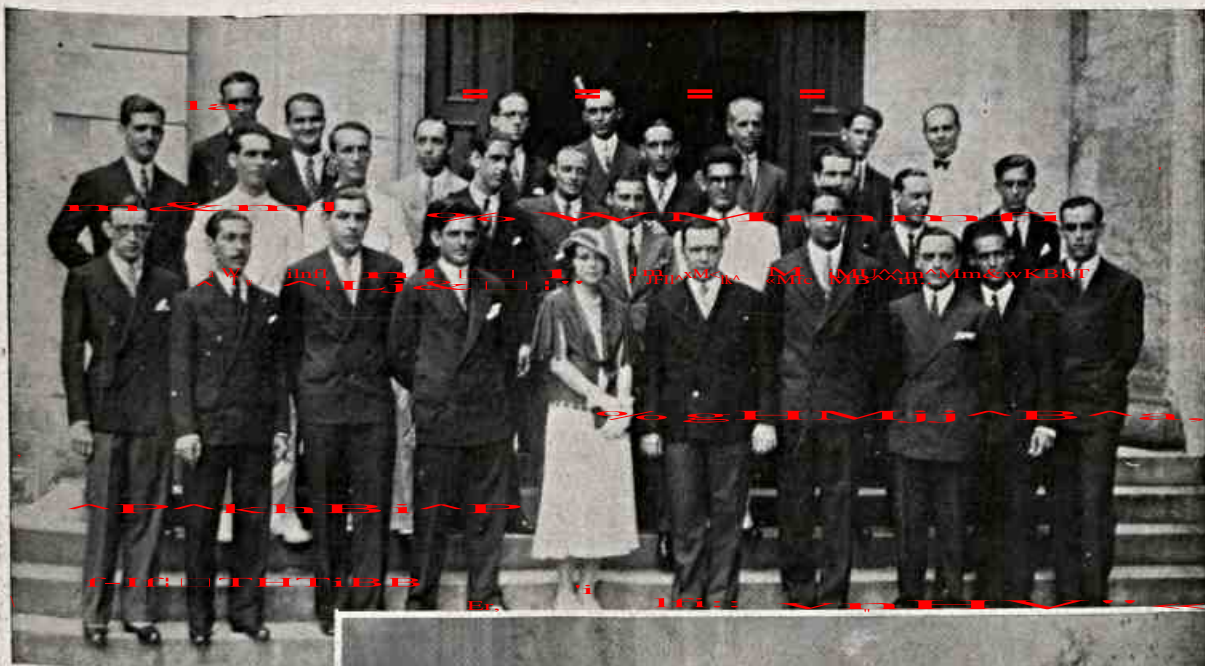
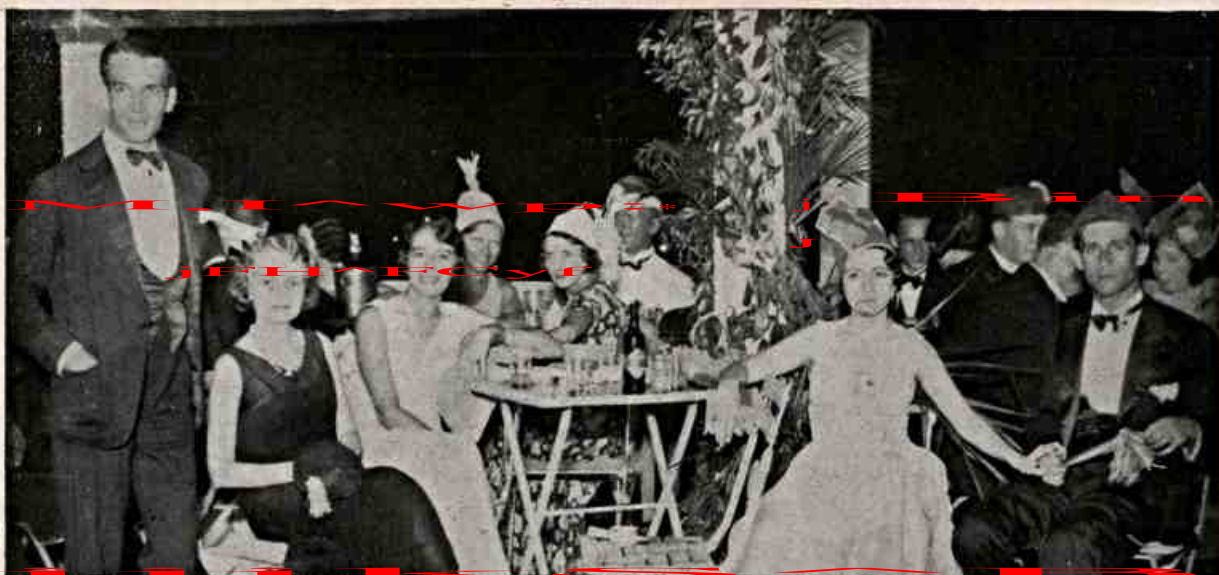
Alguns desses capítulos são pequeninos poemas de emoção, em que vibra, sensível e sincera, a alma do cronista; alguns falam bem fundo ao sentimento e guardam, nas breves linhas, substancia e verdade bem maiores do que a fantasiosa e alada crônica, feita, ás vezes, de pequenas maldades e ironias ou de fragilidades mundanas.

Permita, assim, meu caro Dr. Elcias Lopes, que o cumprimente pelo formoso livro, ao mesmo passo que lhe mando vivos agradecimentos pela oferta do exemplar e principalmente pelo prazer de me ter posto sob os olhos algumas páginas que li com satisfação: esses dois gritos de ternura — Minha terra, minha saudade e Menina e moça; esse rumor de vibrante pujança que é Mater-Natura, as expressivas páginas dos Moinhos de vento, da Alegria de viver; a serenidade de La petite voix silencieuse, a doçura quase a quebrar-se em lágrimas de Fim de ano... Minha filha, em que se sente bem o pae que já não tem uma filha pequenina...; a fluência religiosa da Oração de maio em flor ou o doce-amargo de Lá fóra a vida sorri... Obrigado.

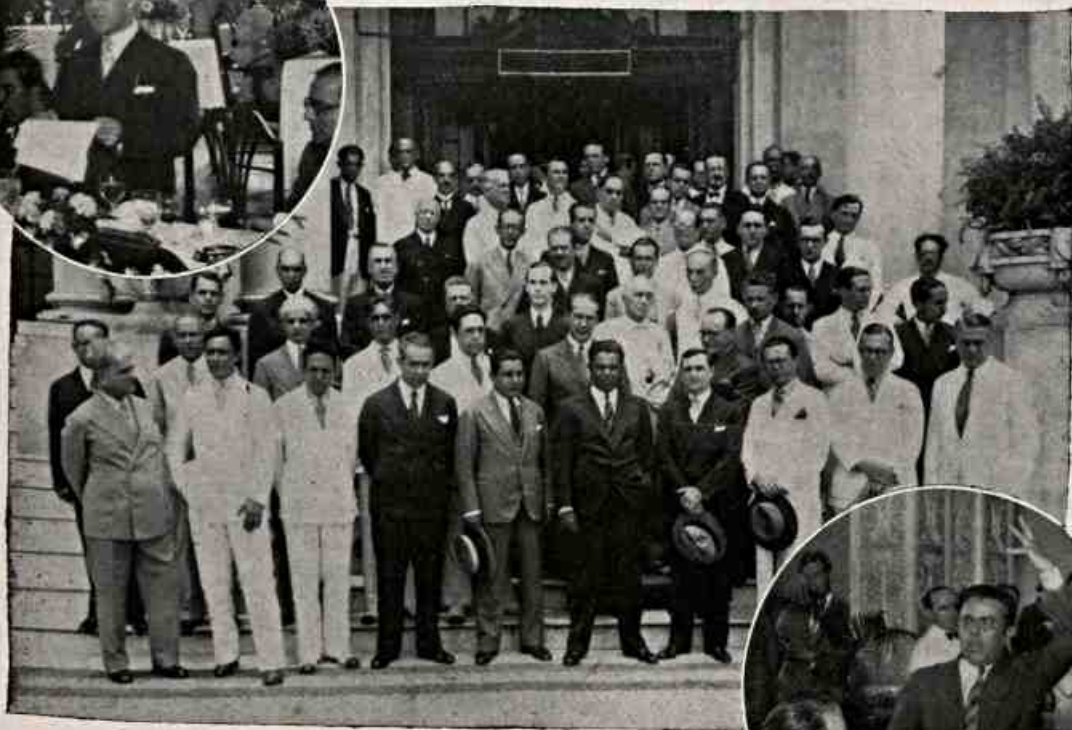
Creia-me seu atento confrade, apreciador e amigo,

DALTRO SANTOS

O dr. Aurelio Castello Branco, que exercia ultimamente o cargo de delegado de policia nesta capital, convidado pelo novo ministro da Justiça, dr. Mauricio Cardoso, acceitou o honroso posto de official de gabinete de s. ex., já tendo assumido o exercicio dessas funcções. Sua nomeação foi recebida com grandes sympathias nos circulos jornalisticos e forenses, de que o dr. Aurelio Castello Branco é figura de destaque. Parahybano de nascimento, o novo official de gabinete formou-se na Faculdade de Direito de Recife, tendo iniciado a sua carreira no Rio Grande do Sul, como promotor na cidade de Cachoeira. Transferindo-se depois para o Rio, foi advogado da Justiça militar na Armada e redactor de varios jornaes cariocas. E' membro da Associação Brasileira de Imprensa.

Silvino Lopes é um dos nomes de grande projecção nas letras contemporaneas. Jornalista, manejando a penna com o garbo e vibração de um combativo ousado, sabe fixar caractéres e attitudes com elegancia e belleza de estylo. «Politica é isso mesmo»..., livro onde Silvino Lopes enfeixa uma série de chronicas sobre o momento brasileiro, é a melhor mostra das qualidades do escriptor nortista que, mais uma vez, se firma e se define.

Os engenheiros architectos de 1931 da Escola Nacional de Bellas Artes realizaram sabbado ultimo a sua festa de formatura, que constou de uma missa em acção de graças, celebrada pela manhã, no Mosteiro de São Bento, e da cerimonia da collação de grão, que teve logar á tarde, no salão nobre daquelle estabelecimento. São aspectos das duas solennidades o que representam as Photographias desta pagina.

A noite de Natal foi brilhantemente festejada na séde da Rio de Janeiro Athletic Association, no Leme, onde o pessoal animado e distincto que ali habitualmente se reúne teve uma legitima «Xmas Eve Danse», com a alegria norte-americana temperada com o tropicalismo brasileiro...

Flagrante da homenagem prestada ao prof. A. Austregesilo e ao dr. Raul Leite, na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, onde foram inauguradas duas placas de bronze com as effigies dos dois illustres scientistas, membros eminentes da actual directoria daquella instituição. Os homenageados apparecem ahi em companhia dos drs. Miguel Couto, Abreu Fialho, Manoel de Abreu, Neves Manta, Leonel Gonzaga, Oswaldo de Oliveira, Joaquim Motta, Rene Lachatte, Hellion Povoa e outros.

Um grupo de jornalistas cariocas prestou, sabbado ultimo, significativa homenagem ao dr. João Neves da Fontoura. A' iniciativa dos jornalistas patricios associaram-se numerosos elementos de representação politica e social, tomando parte no grande almoço offerecido áquelle procere gaúcho, que foi saudado, em nome dos offertantes, pelo nosso brilhante confrade Alcino Bahia, um dos promotores da homenagem.

Na capella do Cenaculo, á rua Humaytá, realizou-se a primeira communhão dos meninos Mario Almeida do Amaral e Oscar e Yolanda Capella, o primeiro filho do nosso confrade Mario do Amaral e da professora municipal d. Angelina Almeida do Amaral, e os dois outros, filhos do casal Oscar Capella. Alumnos do Curso Therezinha de Jesus, os néo-commungantes foram ali preparados para a mesa eucharistica pela virtuosa Madre Mariana. A gravura apresenta-os em companhia de seus paes e parentes e do revmo. padre Augert, que foi o celebrante da santa cerimonia.

A OLEGARIO MARIANNO

DE HELÊNA DE IRAJÁ

Cantor de Nossa Terra, és o vibrante,
O forte poeta, de ardorosos gritos...
Celebrando grandêzas de victórias,
Endeusando bellêzas de infinitos...

Na vida brasileira, vida bella
Que só grandiosidade em si contem,
Molhaste a penna d'oiro, pantheista,
Descrevendo os encantos que ella tem...

Por essas noites de azulineo brilho,
Em que o Cruzeiro fulge, sideral,
Dando á noss'alma fremitos bemdictos
E criando as doçuras do Ideal,

Amo tua musa, melodiosa yára
Que attráe o meu espirito dorido...
Amo teu estro, deslumbrante e claro;
Amo teu verso, pássaro ferido.

Na luz do idealismo que o possúe,
Batendo as azas, procurando vêr,
Si é possivel, emfim, a vida impura,
Através da Arte linda ennobrecêr.

LES PETITS CADEAUX

Um presente de uso pessoal que se faz é uma linda forma do seu autor se fazer lembrado. Quando o mimo não tem grande valor intrinseco, tanto melhor, pois é um modo humilde e silencioso de conservar a recordação.

Desta maneira mais elevada e digna é que se deve interpretar o conhecido dictado francês, fruto de longa experiencia do povo mais culto e civilizado do mundo: "Les petits cadeaux entretiennent l'amitié."

Sim, elles conservam preciosamente a amizade, porque todas as vezes que os olhos nelles pousam fatalmente a recordação do doador se apresenta ao espirito do que recebeu o dom, salvo si este não tiver mesmo o menor espirito. Ahi a culpa é somente delle...

* * *

«FON-FON», EM PARIS

A politica franceza volta a fornecer, no Parlamento, embates memoráveis. Na photographia de baixo, vemos o chefe do gabinete, m. Pierre Laval, tendo ao seu lado Aristides Briand, ouvindo a interpellação do deputado opposicionista Doriot sobre a politica exterior, e que causou grande sensação.

Apesar da crise, Paris não perde o seu encanto nem a sua bohemia. Como todos os annos, para celebrar a «Festa das Catherinettes» (moças que não conseguiram casar até os 25 annos), o «Petit-Parisien» organizou, no fim de 1931, a corrida das costureiras solteiras de Montparnasse a Montmartre. Ahi apparece a vencedora do pareo que todo Paris foi ver, mlle. Marion, empregada em uma casa de modas.

(Photos do serviço especial de "Fon-Fon" em Paris).

O QUE E' NOSSO

O Brasil póde produzir tudo, bastando apenas que os seus filhos trabalhem com afinco.

O espirito novo, renovador, de um sadio nacionalismo, parece, emfim, que vae abrir horizontes mais vastos, ao paiz.

E, entre as iniciativas dignas de auxilio, de applausos, está a do sr. A. Mesquita, que conseguiu fabricar em S. Paulo os crystaes mais finos, que podem rivalizar com os melhores de procedencia estrangeira.

Mas, para não banalizar a nova industria, o sr. Mesquita foi buscar, na arte dos indigenas do Marajó, os motivos mais bellos para a producção da sua fabrica.

E conseguiu assim criar objectos que são verdadeiras joias, pela concepção e qualidade, o que tivemos prazer de constatar visitando a sua exposição nesta capital.

Os medicos da turma de 1911 da Faculdade do Rio de Janeiro commemoraram sabbado ultimo o 20.º anniversario de formatura, mandando celebrar na igreja de São Francisco de Paula uma missa em acção de graças por esse acontecimento e reunindo-se, depois, em um almoço intimo que se realizou no Palace Hotel, e no qual tomaram parte todos os collegas residentes nesta capital. A nossa pagina focaliza, no alto, um aspecto tomado por occasião da missa, na igreja de São Francisco de Paula, e, em baixo, um grupo no Palace Hotel, antes do almoço commemorativo.

A VISÃO DE SALOMÉ'

"L'amour est dur et inflexible, comme l'enfer."
S. Therese d'Ávila

A que tinha vontade de sorrir, sorriu e disse: "L'enfer et les yeux des hommes sont insatiables". Psalmo 27.

A outra disse: "Il était au milieu des bêtes et les Anges le servaient". Elle jamais mentiu, o homem triste. O seu olhar de luz é como um sol contente da sua creação!

A que amava a contradicção sorriu e disse: "Si vous ne devenez comme de petits enfants, vous n'entrerez pas dans le royaume de Dieu." (Ev. de S. Matheus, XVIII, 3).

A outra, que tinha levado uma vida de desejo e de mêdo, benzeu-se e pensou na dançarina que tinha feito cortar a cabeça do santo para beijar-lhe a bocca! Uma frescura indizivel vinha-lhe desta recordação, e, como um remorso ou nostalgia indefinivel, todo o ensinamento moral. E sorriu para si mesma, desilludida e triste.

C. da Veiga Lima

Aspecto do churrasco que o major Alberto Mendonça, commandante do 22 B. C., e a officialidade dessa unidade do Exercito offereceram, em Recife ao interventor Lima Cavalcanti. Foi uma attrahente festa ao ar livre, a que compareceram, tambem, o commandante da 7.ª Região, coronel Joaquim Antonio Pereira, officiaes do «Belmonte», o capitão Nelson Mello, o coronel Jurandyr Mamede e outras illustres figuras revolucionarias, auxiliares do governo pernambucano e representantes da imprensa.

O grande e lindo parque do palacio do Cattete encheu-se de alegria e de festa no Natal deste anno. A' sombra quieta das suas arvores acolheram-se centenas de creanças, quebrando o repousante silencio do velho parque com o alvoroço da sua alacridade. Assim o quiz, o generoso e nobre coração da senhora Getulio Vargas, que proporcionou ás creanças cariocas alguns momentos de alvoroço, de alegria, fazendo, entre ellas, prodiga distribuição de brinquedos e de outras agradaveis surprezas. A feliz iniciativa da senhora Darcy Vargas, que teve a secundar-lhe os generosos esforços um grupo de distinctas damas da alta sociedade carioca, foi patrocinada pela Associação Brasileira de Imprensa.

FON-FON no cinema

Amava apaixonadamente o marido.

O artista só podia viver nesta sociedade que se diverte.

"AMAR, SÓ UMA VEZ..."

Film da Paramount

ELEANOR BOARDMAN,
PAUL LUKAS,
JULIETTE COMPTON

MADAME Dahlgren é uma senhora de força de vontade... Tem dinheiro em abundancia e um marido de genio cordato, que com tudo se conforma. O que madame deseja isso se faz, custe o que custar.

Por isso, estando aborrecida da existencia mecanica de Nova York, resolve a caprichosa senhora ir passar o inverno em Paris. Participa ao marido a sua resolução e, sem mesmo esperar pela acquiescencia do esposo, começa a fazer as malas...

—Se eu me visse obrigada a passar o inverno aqui, nesta cidade de ferro, de gente de cara de cimento-armado, morreria de tédio!

O marido, sempre mais ou menos saturado de vapores alcoolicos, sorri-lhe de dentro da sua indifferença habitual. E madame, dando ordens aos criados:

— Ainda que te oppuzesses, eu iria mesmo.

Depois, vendo o chauffeur postado á sua espera:

— Vamos, James; preciso ir á cidade, fazer umas compras.

Deante de uma casa de artigos de pintura, madame faz parar o auto. James, desce e vae ver se o quadro que alli está é para vender. O chauffeur vae ter com o dono da loja, o qual lhe responde que o quadro expôsto não é para vender. Madame, ao saber da resposta, não se conforma. Desce ella mesma e vae á loja:

—E' certo que o pintor não vende esse quadro que está na vitrine?

— Não, minha senhora... contesta o negociante. Diz o pintor que não o vende

Fantasias de millionaria.

nem por um milhão de dollars. E' um presente de anniversario que pintou para a esposa, e por ser objecto de estimação...

Madame Dahlgren morde o labio como que buscando uma sahida.

Nesse momento, entra na loja um rapaz dos seus vinte oito ou trinta, chapeu desabado sobre os olhos, a quem o lojista reconhece:

— Ahi vem Fields... o pintor!

— O seu quadro attrahiu-me a attenção e vim comprál-o, diz-lhe madame depois das apresentações. Mas já o seu amigo me informou de que não o vende. Não poderia pintar-me outro igual?

— Não: isso é impossivel... Muito obrigado.

Ao despedir-se do lojista, madame recommenda-lhe: "Trate de convencêl-o. Está se perdendo nesta terra. Aqui lhe deixo o meu cartão e endereço, para que me telephone, caso elle se resolva a acceitar o meu offerecimento".

* * *

A proposta da linda e joven americana deixa os dois amigos perplexos. O lojista acha que a senhora outra intenção não tem senão a de levar Fields a Paris para que elle possa aperfeiçoar-se. Fields, por outro lado, desconfia dessa inesperada generosidade.

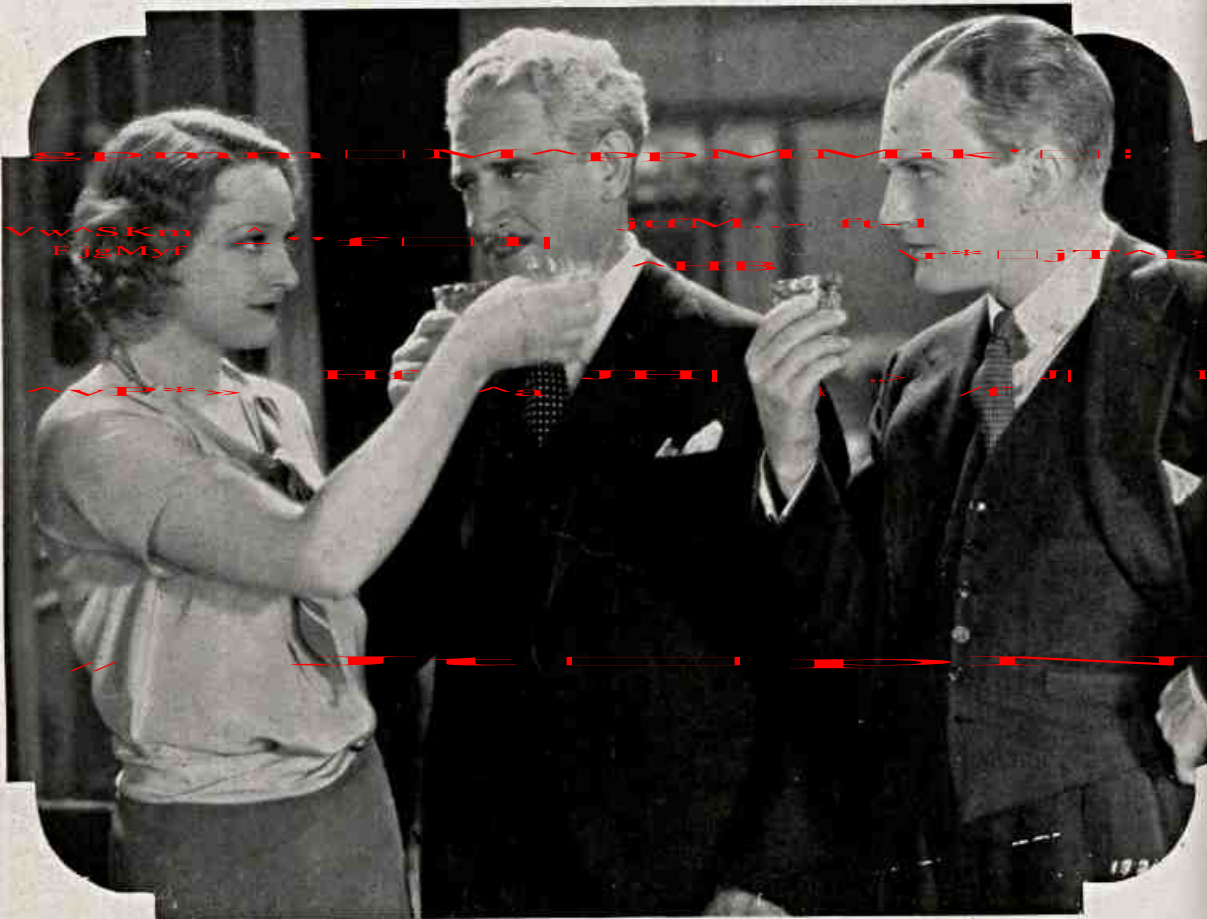
me sinto tão feliz no seio da minha familia?

— Has de acceitar, Julian, por Janet e por mim... Dessa viagem dependerá o teu nome de artista. Não deves deixar escapar esta opportunidade.

* * *

Um anno e meio já desde que Julian Fields partira para Paris... Helena recebera algumas cartas desaffectuosas, frias, indifferentes. O que o marido lhe dizia, nessas missivas, eram coisas que a ella pouco poderiam interessar. Falava-lhe das festanças alegres no apartamento de madame Dahlgren, dos amigos e amigas

teiro ajuda-a na cozinha. Helena põe a casa em ordem, muda moveis de um logar para outro, procurando dar a tudo um aspecto novo. Mas, coisa curiosa, no radiogramma diz Julian que a mulher não precisa ir recebêl-o a bordo. Por que? Pois bem, ficarão em casa, a olhál-o chegar, da janella.

A um dado momento, tocam a campainha. Ainda é muito cedo para ser o pae. Não obstante, saltando de alegria, Janet corre á porta. Quem entra, todo risonho e affectuoso com a pequenita, é o sr. Allan, um joven millionario, que Helena casualmente conhecera na ausência do marido, e desde então se

A' felicidade de todos.

— Mas eu não sou pintor, minha senhora... escusa-se Fields num gesto de recusa. Pintei este quadrinho para minha mulher, mas o meu trabalho é desenhar annuncios e letreiros...

— Por que não vae aperfeiçoar-se na Europa? O senhor tem talento, é joven, e poderá fazer-se um grande artista...

— Para estudar em Paris se necessita de dinheiro, e eu mal ganho para manter a minha familia.

— Por isso, não; eu sigo amanhã para Paris... Se quizer, pode ir commigo. Garanto-lhe pagar todas as despesas. Acceita?

Tal como lhe recommendara a rica senhora, o amigo de Fields não o deixa, tentando convencêl-o de que deve acceitar. Vão para a casa do pintor, e lá, ao jantar, já tendo Helena sido informada de tudo, discutem novamente o assumpto:

— Olha, homem, que occasiões como esta não apparecem duas vezes numa existencia!

— E' mesmo, concorda Helena, elevando até o marido os seus grandes olhos cheios de satisfação.

— Acham que eu sou um louco em recusar. Mas, para que atirar-me por ahi, entre bohemios, á cata da fortuna — se aqui

de bohemia, pic-nics, serenatas artisticas, patuscadas e outras revelações que pouco a pouco iam deixando no espirito de Helena uma comprehensão clara do novo homem em que se convertera o marido.

Mas nas ultimas cartas já Julian falava na volta. E, um dia, recebe Helena um radiogramma de bordo. Era do marido, que devia estar em casa no dia seguinte. A casa se alvoroça ao chegar dessa noticia. Helena trata da roupinha da filha, Janet, que deve ir receber o pae. Ella, por seu turno, separa o seu melhor vestido e entra a arranjar a recepção. A mulher do por-

fizera amigo da familia.

— Oxalá não me tome por intruso, diz a Helena que o vem receber. Trago-lhe estas flores — e entrega-lhe um soberbo bouquet de rosas — para que também me faça representar na recepção.

Helena recebe as flores.

— Amanhã não digo, porque Julian ainda ha de estar fatigado da viagem. Venha visitar-nos depois de amanhã, para conhecêl-o...

Julian chega já bastante tarde. A filhinha, de tanto o esperar á janella, desistira. Helena e Janet vão recebêl-o em baixo.

(Cont. nas pags. 52 e 53)

Paixão.

MULHER SEM ALGEMAS

FILM DA "WARNER"

Com Barbara Stanwick, James Rennie, Ricardo Cortez

ANNE VINCENT, joven, rica e bella, era modernista... Achava que as mulheres tinham os mesmos direitos que os homens e que o casamento era uma prisão terrivel, algemas que nunca a prenderiam... E por isso, embora amando loucamente o seu noivo Dick Ives, não attendia a seus insistentes pedidos para que marque uma data para a realização do seu enlace.

— Esta vida que levamos, Anne, é muito divertida, mas não tem o encanto da vida matrimonial, nem sua honestidade... De resto, já ha muita gente que desconfia... Que leva a mal essa tua fantasia... — declarou certa vez o rapaz.

Porém, era inutil... Anne Vincent era agarrada ás suas theorias extranhas e ás idéas sobre o amor e o matrimonio, não se convencia. Por ella haviam de continuar sempre noivos, sem preoccupações nem ciumadas tolas... Elle a veria diariamente, almoçaria com ella, ella propria faria seus pratos predilectos, coseria os botões em suas roupas, mas nada de casamento! Nunca! Seria estragar toda aquella poesia em que viviam...

Succedeu, porém, que a maledicencia cresceu em redor de sua honra e o proprio pae de Dick Ives vem procurar a noiva de seu filho, para lhe expor o erro da sua conducta... Se de facto gostava de Dick era melhor que se casassem... E Anne, embora entristecida, é obrigada a ceder...

Casam-se e realizam uma longa viagem de re-[illegible]. Quando voltam, a primeira coisa que encontram é um cartão de cumprimentos de Price Baines, um ex-namorado de Anne. Price, no cartão, censura meigamente a sua antiga namorada por não ter esperado por elle, que continuava a amal-o. E' o primeiro aborrecimento, que, felizmente, dura pouco. Entretanto, os amigos affluem á sua residencia... E são *cocktails-parties*, bailes, recepções sem conta... E Anne começa, por sua vez, a ter ciumes de Margie, uma perigosa mulher, que se offerece escandalosamente a seu marido. Dick, a principio, resiste galhardamente aos venenosos olhares da sereia, porém lá chega o dia em que não resiste á tentação de a beijar... Isso é presenciado por Anne, que orgulhosamente nada diz nem reclama... E arrastado pela vertigem que lhe provocava aquella mu-

Intimidades.

Pensava nelle saudosamente.

lher seductora, Dick começa a inventar mil e um pretextos para estar fóra de casa... E Anne volta a pensar em suas theorias... Se continuassem casados, fatalmente ella perderia o amor de Dick... E para não o perder para sempre, ella declara-lhe francamente que soube ds suas aventuras com Margie e que melhor será que se separem, que voltem a viver cada um em sua casa, exactamente como viviam, antes do maldito casamento... Elle a visitaria sempre, almoçaria com ella, poderia até beijal-a, mas fugiriam das regras tolas do casamento, que afastam o verdadeiro Amor.

E a vida volta a sorrir-lhes... Voltam a se namorar...

Essa felicidade, entretanto, dura pouco. A duvida se entranhára em seus corações... Sempre que Dick não está em sua companhia, Anne acredita que elle esteja com a perigosa Margie... Para complicar ainda mais sua situação, eis que uma bella tarde recebe a visita de Price Baine.

— Você, Anne, a creatura independente que sempre conheci, deixou-se algemar? E eu que contava ser o eleito.

Eis quando a porta se abre e surge Dick Ives. Ao ver Price sentado ao lado de sua esposa, ambos risonhos, Dick amarra a cara, e quando Price se retira elle se retira e bate com a porta, não antes de dizer a Anne que ou ella voltava a viver em sua companhia, como marido e mulher ou elle desistiria de uma vez para sempre:

Por varias semanas Anne resiste á tentação de telephonar para o marido.

Seu orgulho impede esse gesto, que ella acredita humilhante. E quando mais apertavam as saúdades, eis que Margie a vem procurar para lhe dizer que Dick e ella se amavam. "E se você de facto não o ama, como parece, por que não o libertar de uma vez? Assim elle poderia casar commigo... Já compramos, até, nossas passagens para Honolulú, onde pretendemos passar a lua de mel..."

— Se Dick está assim apaixonado por você, leve-o de uma vez, responde Anne.

Chega o dia em que Dick e Margie deveriam partir... Anne, não se contem. Telephona para o marido. "O sr. Dick a estas horas já está a bordo... — informam-lhe. Despeitada, Anne alli mesmo resolve telephonar para Price... Fala-lhe e diz-lhe que é livre: E embora chorando de desespero, ella grita ao telephone que se libertára do marido e do casamento e que agora, novamente a moça independente que elle Price conhecera, estava disposta a recebel-o..." E quando maior é seu desespero, mais numerosas são suas lagrimas, porem maior seu odio pelo marido e sua vontade de se fingir feliz, eis que ella vê surgir ao seu lado um vulto. Volta-se e vê... Dick Ives... Sim, alli estava. Não embarcara nada... E era a ella, a sua mulherzinha, que elle amava muito... A emoção de Anne era tamanha que abandona o phone, deixando Price falando sózinho e voltada para o marido, num grande grito em que vae toda sua alma:

— Oh! Querido! Deva-me immediatamente para casa!

Elle a amava como sua mulher.

Finalmente unidos.

Gustavo Barrôso, cada vez maior.

(Expressamente escripto para "FON-FON")

DEPOIS de alguns mezes da publicação do seu feliz trabalho historico sobre "*A Guerra de Artigas*", offerece-nos **agora** a superior mentalidade literaria e patriotica de Gustavo Barrôso á meditação, ao estudo e á leitura, esse tomo copiôso e edificante da nossa Historia politica, diplomatica e militar, que é "*O Brazil em face do Prata*". — Monumento de documentações verazes joeiradas nos celeiros ensanguentados das nossas lutas policiadôras no Prata, esse valorôso livro não deverá faltar á bibliotheca seleccionada dos nossos diplomatas, dos nossos historiadores, dos mestres de brasilidade, dos nossos homens de Govêrno. Em matéria de critica diplomatica, ninguém, no Brasil actual, que eu conheça, terá sufficiente autoridade para exercel-a sobre o recente livro de Gustavo Barroso, porquanto só Rio Branco ou Oliveira Lima estariam a tamanha altura. Quem, com alma brasileira, amôr nativista e consciencia patriotica, ruminar em espirito a substanciosa pôlpa cultural daquellas 452 paginas, concluirá, certamente, nada exprimir e nenhuma significação ter o *pessimismo derrotista* de um certo numero de philosophastros de fancaria, que, brasileiros infelizmente, escrevem e predicam sôbre o papel historico da nossa Patria no passado e no futuro. — Entretanto, a vóz do preterito tão alta e energica ainda a escutamos através os rumôres e tropeis das nossas victorias politicas e **militares**, que nos cumpre transmittil-a aos nossos filhos, como garantia de commando e victoria do Porvir.

O livro inestimavel e vibrante de Gustavo Barrôso será um optimo transmissôr daquelles heroicos e triumphantes ruidos. Valôres authenticos e limpidos como o desse autor de tantas e tão importantes obras de grande comprehensão patriotica, deveriam sêr posicionados á frente dos que **trabalham**, no presente momento, pela regeneração da Republica e engrandecimento politico do Brasil. A figura notavel de João do Norte, eminentemente nortista pela fibra e pela fé, cada vez maior se tem revelado no progressivo desenvolvimento do seu Civismo e da sua cultura americanista.

COSTAFILHO

(*Cathedratico de Historia do Brasil.*)

O escriptor alagoano Costafilho.

MORRER SORRINDO

— Mãe, o que tanto brilha atraz dessa vidraça,
Enchendo de uma luz melancolica e baça
Este quarto em que estou a morrer suavemente?...

— E' ainda o luar que vêm ver o meu querido doente.
Um luar doirado como as espigas maduras,
Que, descendo do céo, das divinas alturas,
Vem beijar o meu filho, apaixonadamente.

— Mãe, como sou feliz! Morrendo sob o luar,
E ouvindo a vossa vóz uma prece ciciar,
Sinto uma suavidade indefinida, santa,
Que me enche de alegria e me commove e encanta!
Que em vez de me fazer chorar, me faz sorrir,
Como si a Morte fosse um formoso porvir!

— Socéga, filho! A noite, esta noite brilhante,
E' que te faz sorrir... Sorrir de instante a instante...

— A belleza da noite, ó minha mãe, é pouca,
Comparada á belleza augusta, pura e calma,
Que, milagrosamente, eu sinto dentro d'alma!

— Mas estás a sorrir, chorando pela bocca...

— Não... Não estou chorando... Estou até sorrindo!...
Quem morre amortalhado em um raio de luar,
Ouvindo sua mãe orar, baixinho orar,
Morre feliz, assim como eu, morre sorrindo...

O DILLON D'ALENCAR

Pensava nelle saudosamente.

lher seductora. Dick começa a inventar mil e um pretextos para estar fóra de casa... E Anne volta a pensar em suas theorias... Se continuassem casados, fatalmente ella perderia o amor de Dick... E para não o perder para sempre, ella declara-lhe francamente que soube de suas aventuras com Margie e que melhor será que se separem, que voltem a viver cada um em sua casa, exactamente como viviam, antes do maldito casamento... Elle a visitaria sempre, almoçaria com ella, poderia até beijal-a, mas fugiriam das regras tolas do casamento, que afastam o verdadeiro Amor.

E a vida volta a sorrir-lhes... Voltam a se namorar...

Essa felicidade, entretanto, dura pouco. A duvida se entranhára em seus corações... Sempre que Dick não está em sua companhia, Anne acredita que elle esteja com a perigosa Margie... Para complicar ainda mais sua situação, eis que uma bella tarde recebe a visita de Price Baine.

— Você, Anne, a creatura independente que sempre conheci, deixou-se algemar? E eu que contava ser o eleito.

Eis quando a porta se abre e surge Dick Ives. Ao ver Price sentado ao lado de sua esposa, ambos risonhos, Dick amarra a cara, e quando Price se retira elle se retira e bate com a porta, não antes de dizer a Anne que ou ella voltava a viver em sua companhia, como marido e mulher ou elle desistiria de uma vez para sempre.

Por varias semanas Anne resiste á tentação de telephonar para o marido. Seu orgulho impede esse gesto, que ella acredita humilhante. E quando mais apertavam as saúdades, eis que Margie a vem procurar para lhe dizer que Dick e ella se amavam. "E se você de facto não o ama, como parece, por que não o libertar de uma vez? Assim elle poderia casar commigo... Já compramos, até, nossas passagens para Honolulú, onde pretendemos passar a lua de mel..."

— Se Dick está assim apaixonado por você, leve-o de uma vez, responde Anne.

Chega o dia em que Dick e Margie deveriam partir... Anne, não se contem. Telephona para o marido. "O sr. Dick a estas horas já está a bordo... — informam-lhe. Despeitada, Anne alli mesmo resolve telephonar para Price... Fala-lhe e diz-lhe que é livre: E embora chorando de desespero, ella grita ao telephone que se libertára do marido e do casamento e que agora, novamente a moça independente que elle Price conhecera, estava disposta a recebel-o..." E quando maior é seu desespero, mais numerosas são suas lagrimas, porem maior seu odio pelo marido e sua vontade de se fingir feliz, eis que ella vê surgir ao seu lado um vulto. Volta-se e vê... Dick Ives... Sim, alli estava. Não embarcara nada... E era a ella, a sua mulherzinha, que elle amava muito... A emoção de Anne era tamanha que abandona o phone, deixando Price fallando sozinho e voltada para o marido, num grande grito em que vae toda sua alma:

— Oh! Querido! Leva-me immediatamente para casa!

Elle a amava como sua mulher.

Finalmente unidos.

Gustavo Barrôso, cada vez maior.

(Expressamente escripto para "FON-FON")

DEPOIS de alguns mezes da publicação do seu feliz trabalho historico sobre "A *Guerra de Artigas*", offerece-nos **agora** a superior mentalidade literaria e patriotica de Gustavo Barrôso á meditação, ao estudo e á leitura, esse tomo copióso e edificante da nossa Historia politica, diplomatica e militar, que é "*O Brazil em face do Prata*" — Monumento de documentações verazes joeiradas nos celeiros ensanguentados das nossas lutas policiadôras no Prata, esse valorôso livro não deverá faltar á bibliotheca seleccionada dos nossos diplomatas, dos nossos historiadores, dos mestres de brasilidade, dos nossos homens de Govêrno. Em matéria de critica diplomatica, ninguém, no Brasil actual, que eu conhêça, terá sufficiente autoridade para exercel-a sobre o recente livro de Gustavo Barrôso, porquanto só Rio Branco ou Oliveira Lima estariam á tamanha altura. Quem, com alma brasileira, amôr nativista e consciencia patriotica, ruminar em espirito a substanciosa pólpa cultural daquellas 452 paginas, concluirá, certamente, nada exprimir e nenhuma significação ter o *pessimismo derrotista* de um certo numero de philosophastros de fancaria, que, brasileiros infelizmente, escrevem e predicam sôbre o papel historico da nossa Patria no passado e no futuro. — Entretanto, a vóz do preterito tão alta e energica ainda a escutamos através os rumôres e tropéis das nossas victorias politicas e **militares**, que nos cumpre transmittil-a aos nossos filhos, como garantia de commando e victoria do Porvir.

O escriptor alagoano Costafilho.

O livro inestimavel e vibrante de Gustavo Barrôso será um optimo transmissôr daquelles heroicos e triumphantes ruidos. Valôres authenticos e limpidos como o desse autor de tantas e tão importantes obras de grande comprehensão patriotica, deveriam sêr posicionados á frente dos que **trabalham**, no presente momento, pela regeneração da Republica e engrandecimento politico do Brasil. A figura notavel de João do Norte, eminentemente nortista pela fibra e pela fé, cada vez maior se tem revelado no progressivo desenvolvimento do seu Civismo e da sua cultura americanista.

COSTAFILHO

(*Cathedratico de Historia do Brasil.*)

MORRER SORRINDO

— Mãe, o que tanto brilha atraz dessa vidraça,
Enchendo de uma luz melancolica e baça
Este quarto em que estou a morrer suavemente?...

— E' ainda o luar que vêm ver o meu querido doente.
Um luar doirado como as espigas maduras,
Que, descendo do céo, das divinas alturas,
Vem beijar o meu filho, apaixonadamente...

— Mãe, como sou feliz! Morrendo sob o luar,
E ouvindo a vossa vóz uma prece ciciar,
Sinto uma suavidade indefinida, santa,
Que me enche de alegria e me commove e encanta!
Que em vez de me fazer chorar, me faz sorrir,
Como si a Morte fosse um formoso porvir!

— Socégo, filho! A noite, esta noite brilhante,
E' que te faz sorrir... Sorrir de instante a instante...

— A belleza da noite, ó minha mãe, é pouca,
Comparada á belleza augusta, pura e calma,
Que, milagrosamente, eu sinto dentro d'alma!

— Mas estás a sorrir, chorando pela bocca...

— Não... Não estou chorando... Estou até sorrindo!...
Quem morre amortalhado em um raio de luar,
Ouvindo sua mãe orar, baixinho orar,
Morre feliz, assim como eu, morre sorrindo...

O DILLON D'ALENCAR

Novidades Literarias

Em um bello artigo da "Nouvelles Litteraires", Henri Régnier, da Academia Franceza, nos falla de Anatole France: — "O escriptor, — diz elle, em France, inspirou-me sempre uma viva admiração; a sympathia que senti pelo homem foi notavelmente menor. Senti sempre pelo homm que foi Anatole France um certo "éloignement" que não conseguiu vencer o sentimento de admiração que me inclinou para o escriptor. Acrescento mesmo que, si ler seus livros foi para mim um prazer, o escutal-o e com elle conversar produziu-me sempre um horrivel mal estar. Aquella conversação prolixa e descosida, aquelle embrulhar de palavras, sahidas a custo, aquella elocução hesitante e toda a difficuldade de expressão faziam delle um "raseur" superior". O sr. Regnier define ainda o grande escriptor como "*un causeur aux developpements confus et aux inextricables divagations*". Na mesma revista, com o titulo de "Mes cahiers", Maurice Barrés publica os seus "souvenirs" inéditos. O autor do "Jardin de Berenice" escreve esta phrase, que vem confirmar a opinião do autor do "Passé Vivant: — "Como as conversações com esse delicioso espirito que é Anatole France, ganhariam em serem dirigidas "*au baton*", porque elle balbucia e se embrulha num atordoamento que enerva!"

Hugh Walpole, famoso escriptor inglez, acaba de publicar um livro sobre o que elle chama "*l'esprit nouveau dans la litterature anglaise*". Ataca violentamente alguns escriptores e, notadamente, James Joyce, que e le accusa de ter tido uma influencia "desastrosa" sobre os jovens autores inglezes.

Maurice Dekobra publica, nos "Annales", um estudo sobre Gandhi, que elle encontrou e entrevistou na India. — "Gandhi, diz elle, é um dos mais phantasticos e surprehendentes *cocktails* psychologicos que se pódem encontrar no continente asiatico."

Carl Strecker, critico theatral allemão do "Tegliche Rundschau" e autor theatral dos mais reputados na Allemanha, vem de ser condemnado, em Berlim, a 1 anno de prisão, porque... poz fogo na propria casa, afim de receber o seguro.

Acaba de morrer em Vienna o celebre escriptor Arthur Schinitzler, na idade de 70 annos. Escreveu varios livros de grande notoriedade, entre os quaes se destacam "Morrer" "A Mulher e o Juiz", "O Tenente Gusl".

No dia 24 de novembro passado, como no inicio de cada sessão, a Academia Franceza fez o elogio da ultima obra apparecida de um dos seus membros. O presidente falou sobre *Les forces d'amour*, de Gerges Lecomte, que obtem um successo enorme actualmente.

O presidente da Academia Franceza acaba de fixar a data de 17 de dezembro para a grande sessão publica, em que o presidente da Republica distribuirá os premios litterarios, de virtude, e de "familia numerosa", instituidos pela Academia.

O "P. E. N. Club" da Polonia resolveu fazer as *démarches* necessarias junto á Liga das Nações para a instituição de um premio annual de 100.000 francos suissos, destinados a coroar uma obra litteraria de alto valor e que exprima idéas communs a todas as Nações. A idéa teve exito no seio da Liga e um grande jornal parisiense acaba de abrir uma *enquête* entre os grandes nomes da Europa sobre o assumpto. Emil Ludwig respondeu: — "A idéa é bôa e espero conquistar o premio".

Roland Dorgelés disse: — "Si um premio póde favorecer uma obra de idéas pacifistas é preciso cuidado em fundal-o. Na certa, abrirá enorme guerra... entre escriptores."

Livros que acabam de apparecer

— «Hans le fossoyeur», de Pierre Descaves e Etienne Gil. (Successo — N. R. T., editores).
— «Carnot», por Perret-Carnot. (Edições Argo).
— «L'oscillation celulaire, ensemble des recherches experimentales», Dr. Lakhovsky. (Doin, editor).
— «Tu honereras ton Pere», de Jean Cordelier. (Maior successo do findo anno, Grasset, editor).
— «L'homme et le Surhomme», de Bernard Shaw. (Edições Montaigne).
— «J. R. Huysmans», de E. Seillières. (Grasset, editor).
— «Napoleon», de Jacques Bainville. (A. Fayard, editor).
— «Le rossignol du Japon», de Maurice Betz. (Emil Paul, editor).
— «Devant la Douleur», de Leon Daudet. (Enorme successo — Grasset, editor).
— «Voici l'heure des ames», de Henry Bordeaux. (Grande successo — Flammarion, editor).
— «L'homme de mer», de Paul Achard. (Editions de France).
— «Giuseppe Cartella Gelardi», de Alberto Gallipi. (Ed. L/impronta).
— «Le Magacien d'Ohz», de L. Frank Baum. (Denoel et Steele).
— «La Fée réglisse», de M. Thackeray. (Denoel et Stelle).
— «Alice au pays des merveilles», de Lewis Carrol. (Denoel et Steele, editores).
— «Le pain quotidien», de H. Poulaille. (Lib. Vaivis, editor).
— «La Fronde», de Louis Madelin. (Plon, editor).
— «Lamennais ou le prêtre malgré lui», de Robert Vallery-Radot. (Plon, editor).
— «Orient Sovietique», de Lydia Bach. (Lib. Vaivis, ed.).
— «Le musicien aveugle», de Karolenko. (Lib. Vaivis, ed.).

Bernard Shaw: "Não me interessa. Não tenho nenhum prazer em medalhas, nem em premios. O valor de uma obra de arte não deve ser expresso em dinheiro."

H. G. Wells argumentou: "Não se precisa de um 2º premio Nobel. Já chega e é demais o que existe."

Em uma velha casa do sul da Irlanda, foi encontrado, recentemente, um manuscripto envolto em couro encarnado, e que, segundo se deduz, foi offerecido a uma creança "como presente de Natal". Por casualidade, foi dado ao escriptor Wells ter esses manuscriptos em mão, em sua recente viagem á Irlanda e qual não foi o seu espanto ao verificar que elle nada mais era que um romance inedito da celebre romancista ingleza do XVII seculo, Mary Edgeworth. Em curto espaço de tempo é a segunda descoberta no genero que se faz na Inglaterra e de que os jornaes falam largamente. A primeira foi um original inedito de Charlotte Bronte.

H. G. Wells, hoje o maior escriptor inglez vivo, acaba de vender os direitos do seu romance *The Invisible Man* (O homem invisivel) a uma empresa cinematographica americana, para um film falado, por 350.000 libras!!!

Em Freiberg, na Moravia, acabam de inaugurar uma placa na casa onde nasceu o celebre dr. Freud, psychiatra, que vive em Vienna e conta actualmente 75 annos.

André Le Breton, considerado o maior biographo de Victor Hugo, professor da Sorbonne, Membro do instituto, vem de fallecer aos 71 annos em Paris.

Athur Schnitzler é, apesar de morto ha pouco tempo, o escriptor mais popular em seu paiz e considerado em França como o mais notavel romancista austriaco. Existia em Vienna grande ansiedade pela abertura do seu testamento, pois, dada a enormidade de edições dos seus livros, o julgavam multi-millionario. Aberto agora esse testamento, verificou-se não ter elle um unico vintem e deixar aos filhos: "uma nova versão da sua peça "L'appel de la vie", alguns fragmentos dum novo romance sem titulo, e uma peça inédita — "Le train des ombres". A parte mais preciosa do legado é um "piano" de autobiographia" e uma idéa do enredo de um film, tirado da sua peça "Le Jeune Medardus", que levou 5 annos no cartaz, em Vienna. Esse legado foi avaliado em 850.000 francos!

A Academia Franceza acaba de eleger seu primeiro pensionario o visconde de Fleuriot, autor do "*L'Affaire Navarin*", e que tem no prélo, actualmente, a "*Biographie de Mme. Lucien Bonaparte*". Teve elle, como concurrente nas eleições para a pensão que a Academia criou para os escriptores pobres e velhos, o sr. Melchior Bonnet, poéta, que prometteu apresentar-se ás proximas eleições de pensionario!...

Gordon Ralph Hall Caine, filho do celebre romancista inglez, acaba de ser eleito deputado pelos conservadores inglezes. Editor dos mais conhecidos na Europa, e dos mais importantes, fez a sua enorme fortuna com as obras do proprio pae, que elle sempre explorou como editor.

Bernard Grasset, com o titulo de "*Feu le prix Goncourt*", vem publicando na revista "*Les Nouvelles Litteraires*" uma série de artigos violentissimos contra a Academia fundada pelos irmãos Goncourt. Esses artigos, que têem motivado enorme escandalo, estão creando viva polemica entre "Candide" e "Figaro", no primeiro com a assignatura de "Grasset" e no segundo — "Roland Dorgelès".

BRICIO DE ABREU

Livros que acabam de apparecer

— «Frangins», de Robert Dieudonné. (Edição Portique).
— «La derniere gerbe», de Ed. Silva. (Figuiére, editor).
— «L'évadé», de Stephane Manier. (Denoel et Steele, editores).
— «New York flamboie», de J. Renaud. (Fasquelle, editor).
— «Port de scale», de J. Pallu. (Rieder, editor).
— «Derniers Combats de D. Quixote», de Henri Petit. (Riéder, editor).
— «Le câncer americain», de Aron et Dandieu (idem).
— «Grandeur et decadence du General Boulanger», de Bruno Weil. (Rieder, editor).
— «Souvenirs d'un Chef Aroine», de Luther Ours Debout. (Payot, editor) — (Grande successo).
— «Education d'une princesse», de S. A. I. Maria da Russia. (Successo — Stock, editor).
— «Precoce automne», de Bromfred. (Stock, editor).
— «Le moyen age», de R. Bossuat. (J. de Gigord, ed).
— «Missel pourpre», de Bastia. (E. Figuiéres, ed.).
— «Les radiations» «S» des souciers», de Flammery. (Edição du Chariot).
— «La revanche de la Jourdaine», de Vivien. (Vald. Rasmussen, edit.).
— «La vie qui tue», de Lisieux. (Ed. Mercure de Flandres).
— «La Caravane des Morts», de Titayna. (Grande successo — Ed. Porteques).
— «Barrières», de L. Leon Martin. (Grasset, editor).
— «La Psychanalyse», do Dr. Allendy. (Denoel et Steele).
— «Les douze Paroles du Tzigane», de Costis Palamos (o maior poeta grego vivo. Traduzido do néo-grego por Eug. Clement. — Stock, editor).
— «La Laine», de Pierre Hamp. (Flammarion, ed.).
— «Notre Dame des Rats», de Rachilde (successo. — L. Querelle, editor).

«O EDUCADOR»

O avô, senhor Heurtepot homem de sessenta annos justos, vestido com uma jaqueta — seu traje habitual, pois havia trinta annos que era chefe de escriptorio na Camara — o senhor Heurtepot, dizia eu, lê um jornal da noite. A senhora Heurtepot, que é uma boa creatura, verdadeiramente boa, limpinha, calma e ainda interessante, apesar das faces um tanto molles, a senhora Heurtepot, trabalha n'um "pull-over" em tricot, para Gugusse que tem sete annos. Este está sentado no meio do salão; é d'essas creanças que só pédem uma coisa que as esqueçam; estes meninos sabem que a attenção das pessôas grandes, quando se prende n'elles, interrompe sempre o sonho que elles acompanham ou o brinquedo que elles architectam para passar o tempo. Gugusse teme sempre ouvir dizer:

— Não é preciso realmente ser muito esperto para entreter-se com um brinquedo tolo como esse!

Elle nada teme por parte da avó, que rola como uma pipa, porém desconfia do avô que o adverte com bellos discursos.

Sem gracejo, Gugusse preferia o castigo e o quarto escuro que a interminavel, indefectivel lição que lhe impinge a cada instante, Fermin Heurtepot.

E justamente, chega o momento em que, com o jornal dobrado, Firmino volta a cabeça e vê de barriga para baixo, o maroto, que segue com um dedo attento e escrupuloso o desenho das flôres do tapete, de testa franzida...

— Ah! Tens occupações muito interessantes! Serias incapaz de explicar-me o que fazes ahi.

Mélanie Heurtepot dá imperceptivelmente de hombros.

— Deixa o tranquillo, é creança! Faz isso como faria outra coisa qualquer... Desde que elle não faça barulho nem desarrume nada!

Gugusse deixou-se sorrateiramente escapar para junto da avó em cujos joelhos se refugiou. Mas a vóz de Firmin ia longe.

— Do momento que não fazem barulho, para vocês mulheres, está tudo bem. Tive um empregado modelo assim ao meu serviço; não se lhe ouvia palavra e era apparentemente um funccionario modelo. Apenas, elle não fazia nada, ou antes fazia versos... Eu quiz despedil-o, mas esbarrei com um director que gostava d'essas frioleiras e que quiz demonstrar-me que precisava fechar os olhos, pois aquelle imbecil tinha uma alta situação literaria... (movimento de hombros) E' para morrer de rir! Emfim obedecer é tambem servir...

Fechando o parenthesis, elle voltou ao pequeno:

— Porque tinhas o ar de quem desenhava as flôres no tapete?

Gugusse murmurou, como quem diz qualquer coisa:

— Estava brincando de Indianos.

— Hum! Primeiro, não são os indianos que tecem os tapetes, são os arabes e a maior parte dos povos orientaes...

A senhora Heurtepot interrompeu o discurso:

— Elle saberá tudo isso mais tarde quando fôr grande... não é Gugusse?

O antigo chefe de escriptorio, porém, levantou-se.

— Elle saberá, si aprender.

Elle levantou-se e foi buscar o volume d'uma encyclopedia na letra T.

— Vem cá, vás ler, Gugusse...

Gugusse percebeu que elle não desistiria. Portanto o melhor, era vêr-se livre do serviço o mais rapidamente possivel. Aproximou-se do velho, baixando a cabeça sobre o livro, mas logo protestou:

— Não posso lêr, está escripto em letras miudas

O senhor Heurtepot não era d'esses educadores que renunciam facilmente aos beneficios que possa offerecer aos seus educandos.

— Não és myope, que eu saiba, e sabes lêr? O que não queres é fazer esforço. E's preguiçoso, quer dizer, que puxas a teu pae, nosso filho, que renunciou á uma situação invejavel na administração, para não abrir mão d'uma licença.

— Antes de tudo, não deves dizer á creança que o pae é preguiçoso, — o que é falso. Elle ganha a vida sem te pedir nada.

Mas o funccionario teimoso continuou a diatribe.

— Ganhar a vida! E como! Pedindo d'aqui e d'alli, freguezes para obter encommendas, prestes a se deixar maltratar. Apenas, está livre, vae ao café quando lhe apraz, passeia de automovel de manhã á noite...

— Para os negocios!

— Bom pretexto! Quando se tem tido a honra de fazer os estudos de humanidades, considero um rebaixamento, cuidar de collocar graxas e oleos industriaes...

— Não ha officios idiotas...

— Mas ha gente idiota! Ou muito me engano ou aqui está, provavelmente um menino que, com tão bello exemplo, deixará o lyceu aos quinze annos, para fazer o que se chama negocios.

— Nem todos pódem ser funccionarios! Aliás tu mesmo, já tenho ouvido lastimar-te muita vez e chorar a sórte que te tocou...

— Nunca me queixei, senão de injustiças! Repito-te que este menino é preguiçoso como o pae, para não palar da mãe que é curta.

— Fermin! Que respeito quero que elle tenha pelos paes, si Gugusse, dá importancia ás tuas apreciações?

Mas vá fazer calar o senhor Heurtepot!

Chega o dia de receber, serve-se o chá, vae-se domingo almoçar nos hoteis.

Gugusse estava calado; dentro da pequenina cabeça do bom garoto as idéas conseguiam fixar-se e elle chegava á conclusão que, entre seu pae, preguiçoso e encantador e seu avô intoleravel, a escolha estava assentada.

Precisamente naquelle momento, entravam os paes de Gugusse e este, atirou-se para elles, cheio de enthusiasmo:

— Papá! Papá! Prometto-te, serei preguiçoso... preguiçoso como tú... Papá!

ROBERTO DIEUDONNÉ

«AMAR, SÓ UMA VEZ...»

(*Continuação*)

entrada principal do edificio. O pobre pintor de letreiros, amigo de sua familia, amoravel, pacato, está feito outro homem. De gorrita bohemia á cabeça, falando francez com os amigos que o acompanham, mal tem tempo de passar a mão pela cabeça da filhinha e dizer um "alô" friorento á mulher. E apresentando os companheiros:

— Este é Oscar, o poeta... e aqui está Olga, sua inspiração e seu tormento...

A mulher fica espantada. Que quererá dizer isso? Ao apanhar o marido separado dos outros, pergunta-lhe que gente é essa, onde vae ficar, ao que Fields contesta com muita naturalidade. Oh, são amigos parisienses... Vêm morar commosco, até que encontrem casa...

Felizmente, logo após o jantar, Olga não se aguenta. Na casa de Fields não ha piano e ella não pode viver sem o seu instrumento favorito. E obriga Oscar a sahir, por dentro da noite, e procurar-lhe uma casa com piano.

* * *

A vida do casal Fields é hoje bem differente do que fôra antes da viagem do pintor a Paris. De volta, o marido de Helena ao em vez de trabalhar, applicar á sua arte o aprendido no estrangeiro, vive dias e noites no apartamento de Olga e Oscar, onde madame Dahlgren desfructa de toda a liberdade.

Mas emquanto assim se dá, o millionario Allan Greenough, cada vez mais assiduo, insiste com Helena para que deixe o marido e se faça sua esposa.

— Queres provas para o divorcio? Isso será a coisa mais facil deste mundo. Basta que proves o abandono em que vives, trabalhando na machina de costura para sustentar a tua filha. Se quizeres, Helena, eu entrego o caso ao advogado de meu tio... Garanto-te que o divorcio ser-te-ha concedido.

Helena, porém, não queria dar esse desgosto ao marido. Elle mesmo, ao voltar de Paris, tinha-lhe dito que para trabalhar como trabalham os artistas, precisava de ar livre. Se Julian a abandonasse de uma vez, então, sim, não lhe restaria outro remedio...

Um dia, de volta de um baile á fantasia onde a levara Greenough, Helena mostra ao marido umas joias carissimas, que lhe dera o millionario, para ver que effeito lhe causaria saber que o outro fazia-lhe a côrte.

Fields, que ainda curtia os restos de uma bebedeira tomada em companhia de madame Dahlgren, vê tudo com grande indifferença.

— Que queres que eu faça? Tens os mesmos direitos á tua liberdade que eu tenho á minha! Como vês, nisto eu sou coherente...

— Como te sahiste em teus exames?
— Bem, papae!
— Bem? E como respondeste ás perguntas que te fizeram?
— Respondi que não as sabia...

Helena fica como louca. Dá em rir, uma risada destramelada de quem perdera o juizo. Depois, em trajos caseiros, corre para a rua, sem rumo. Desvairada, corre passeio em fóra, aos encontrões com os pedestres, como quem procurasse fugir de si mesmo. Janet, que a vira sahir, vae-lhe empós — "Mamãe, mamãe, para onde vae?", grita-lhe a pequenita. Mas Helena não a ouve, e continua sem que nada a demova, rua em fóra... A menina segue-a á distancia...

E ao cruzar de uma esquina para outra — desfecha-se a tragédia. A pobrezinha da menina é apanhada por um auto!

— Um transeunte chega-se a Helena, que neste momento, tendo encontrado Allan, com elle discute a indifferença do marido: Senhora, uma pequenita que a seguia acaba de ser victima de um automovel! Helena solta um ai doloroso: Janet, minha querida Janet!

Graças á bondade de Allan, que havia cuidado de Helena e da filha, mandando esta a um hospital, a mulher de Fields está agora mais calma. Allan promettera-lhe a mão de esposa. O advogado do tio conseguirá o divorcio e

«AMAR, SÓ UMA VEZ...»

(Conclusão)

tão prompto isto se resolva e Janet esteja bôa, poderão celebrar o casamento.

Fields, porém, que, apesar de tudo, soffrêra a fuga da esposa, e que sabe que a filhinha, sahida do hospital, vive com Helena na casa que Allan puzera á sua disposição, põe a vergonha para um lado e vem dizer-lhe adeus, pois pretende deixar a cidade para sempre:

— Helena, venho aqui só para dizer adeus a Janet... Não lhe fui o pae que devia ser, bem o sei, mas tenho de sahir daqui para longe, e estando ella ainda doente, queria que me deixasses vêl-a pela ultima vez...

Helena, um pouco contristada ante o aspecto acabado do marido, consegue reter os seus sentimentos de comiseração, e vae mandar que uma criada o leve ao quarto da pequenina enferma, quando uma irmã que attendia a doentinha, entra na sala, com olhos cheios de espanto: Venha, Mrs. Fields! O pobre anjinho...

A pequenina, que sentira pela manhã um ataque do coração, acabava de fechar os olhos como um passarinho... No fundo da cama-berço, entre frouxéis de renda, jáz o seu corpinho de boneca...

Helena e Julian correm para o quarto. Minha filha! Minha pobre filha! Meu Deus, que desgraça!... exclama a pobre mãe ao ver a filhinha morta. Julian, duas vezes vencido, não sustem as lagrimas.

— Não tive o gosto de a ver viva, murmurou o pae entre os estertores daquella desesperadora agonia.

— Temos que soffrer este golpe com calma, Helena... Sim Julian, soffreremos juntos a sua morte, como juntos lhe dêmos a vida... E sobre o berço da filhinha morta, abraçam-se os dois esposos...

O esposo distrahido. — Tomei o remedio sem agitar o vidro. Queres agitar-me agora, Emilia?...

A CREADA DESPEDIDA

NÃO era a primeira vez que minha velha e veneravel amiga, Mme. Vion-Chanaz, parecia professar opiniões anarchistas. A burgueza, de bôas rendas, de passado inatacavel, tradicionalista ao extremo, piedosa até, expandia, por vezes, theorias cuja liberdade mettia-me mêdo.

Hoje, ella ás applicava ás mulheres de sociedade — de sua sociedade, si me faz favor! — que chamava sem rebuços de bonecas, passaros sem miolo, estouvadas, avidos animaesinhos de presa.

— E não me digam, alardeava Mme. Chanaz, que não conheço nada disso, visto que se trata duma geração que já não é a minha! Não é questão de geração! Tudo isso não vale quatro vintens; dados a educação e o meio, essas *marionettes* não têm desculpa. Em certas camadas ditas inferiores, encontro frequentemente mais sinceridade e gentileza!

Está bem claro que essas tiradas da minha velha amiga deviam ter algum motivo secreto. Insisti, insinuei e obtive a explicação do que queria.

Mme. Vion-Chanaz não tem mais, realmente, familia a não ser um netto Germain Vion-Chanaz, grande pandego de vinte annos, intelligente, esperto, trabalhando muito, mas gostando ao mesmo tempo de se divertir.

A avó adora-o, excusa dizer.

— Idade perigosa! explicava ella: idade perigosa sobretudo, com o caracter desse adoravel manganão!

— Felizmente, disse eu rindome, o primeiro dos seus adjectivos destróe o segundo!

— Sim, replica ella. Porque é afinal de contas, o mais admiravel rapaz, que é possivel. Mas, como vê, não tem nada do pae, (meu filho era o homem mais ajuizado e mais prudente do mundo), puxou só á mim!

— Que diabo!... Com que então a amiga não é ajuizada nem prudente?

— Sim! Mas, sempre tive cá a minha fantasia, certa tendencia a seguir os meus impulsos e accrescente a tudo isso, uma grande facilidade para enternecer-me, o que nos leva a praticar muita asneira. Meu Germain, parece-se muito commigo!

— Apósto que é por isso que o estima tanto!

— Então!... Adivinha tudo. Em resumo, acontece que ha mais ou menos dezoito mezes, tinha a meu serviço, uma creadinha de quarto, que se chamava Annette, e que era, confésso, um amôr de linda. Não era nenhuma pudica, e quanto á virtude...

Interrompi Mme. Vion-Chanaz:

— Comprehendi! Não continúe. Germain tem vinte annos.

— E é um lindo rapaz.

— Que fez?

— Que fiz? Pedi á gentil Annette que procurasse outro emprego.

— Approvado.

— Não era possivel, pois não? Tolerar em casa essa aventurasinha. E depois, sobretudo, Germain, que é muito joven... poderia deixar-se levar a prolongar uma situação impossivel. Uma ligação com uma creada!... Imagine!

— E que disse elle, o seu Germain?

— Elle comprehendeu, sem que, aliás, trocassemos palavra a esse respeito. E' um rapaz muito fino. Andou amuado tres dias. Depois, deu-me um tróte por causa da arrumadeira que eu havia escolhido, de idade canonica... E acabou por consolar-se.

— Era de prevêr.

— Era de prevêr, mas esse consolo não foi mais conveniente.

— Conte-me depressa!

— Dessa vez (havia feito meu pequeno inquerito...) Ah! o papel das avós, é, ás vezes, bem delicado! Dessa vez tratava-se de uma modistazinha, chamada Roberte. Consegui vêl-a. Confésso que era encantadora e de apparencia distincta.

— Era melhor que a sua Annette?

NEVERMORE

COM dezesete annos de idade, João ainda abria, innocentemente, uns grandes olhos castanhos para as bellezas da vida. Mas, muito naturalmente enganado — a casa dos dezesete é uma grande falseadora da realidade — João confundia belleza com prazer. E, como lêra algures que se deve ter sempre olhos e ouvidos attentos ás bellezas terrenas, os prazeres do mundo, quando não os praticava ás escondidas, de raro em raro, torturavam-lhe a imaginação infantil. A maior parte dos sonhos que sonhava, erguia os sobre um acontecimento que muitos suspiros lhes tirava do peito: a emancipação.

— Quando eu fôr eu — mesmo! — pensava, parando os olhos num quadro de chiméra.

Com tão erronea concepção das coisas, João sentia pesar, sobre elle, todas as pequenas alegrias e delicadezas das pessôas domesticas. Fazia-o sem maldade, quando se irritava por isso, é verdade. e recordava, certo é que vagamente, o grande desgosto que lhe déra a morte do avô. E, no emtanto, quanta vez, em pensamento, não o chamára de "velho bôbo", por ser o unico, ao tempo, que o tratava por Joãozinho. A elle, que se punha homem, e de calças compridas! Quando soube, porém, que o velho amanhecêra frio sobre a cama, teve um grande desejo de ouvir a sua vóz atravessar o corredor, dôce, muito dôce: "— Joãozinho! Vem falar com vovô!" E preferiu não ter calças compridas, comtanto que ainda pudesse vêr a figura alquebrada do "bôbo" que ainda lhe dava o irritante diminutivo.

Agora mesmo, como se sentia diminuido no seu prestigio de *homem* que já conhecia a vida, quando sua mãe lhe ia acordar pela manhã. Scena de todos os dias, e que lhe fazia raiva.

— Vamos, meu filho, está na hora de se levantar.

E a senhora afastava, com delicadeza, as cobertas que lhe chegavam ao pescoço.

— Vamos, João, o café está na mesa.

E só se retirava quando o filho se sentava na cama, cerrando os olhos somnolentos para evitar a luz.

Outra phrase do diccionario familiar, que por muito baixa que fôsse dita, parecia arrebentar-lhe os tympanos, era a recommendação carinhosa de seu pae, quan-

De Pièrre Valdagne

— Sim, era muito melhor. Mas, finalmente, essa Roberte, não deixava de me dar muitas apprehensões.

— Sobre que ponto de vista?

— Pois então, no ponto de vista do futuro! Já lhe disse; Germain é um sensivel; a pequena era muito interessante; uma noite surprehendi-os á esquina da rua; ella falava com os olhos fitos nos delle e com uma expressão tão affectuosa, tão ardente, que eu mesma estava commovida. E no olhar delle, um reflexo tão meigo, que, juro, tive medo!

— Eram encantadores, os pombinhos!

— Encantadores! Quantos exemplos, temos conhecido, caro amigo, de filhos-familia que se deixam prender nessas cadeias deploraveis. Essas historietas não devem durar muito tempo. Germain, de coração molle podia deixar-se amarrar, não querer dar um desgôsto á pequena, prender-se pelo habito. Agi. Aproveitei as férias para mandar o meu Germain á Inglaterra. Mandei um lindo presentinho á Roberte. Sei que ella chorou; mas comprehendeu e reconheço que ella foi correcta.

— E Germain?

— Germain voltou de Londres em excellente estado de espirito. Mas a coisa voltou a preoccupar-me de novo. Não podia esperar que elle se conservasse por muito tempo ajuizado! E' como eu já lhe disse: é um adoravel estroinasinho! A' quem iria elle atirar-se dessa vez?...

— Sua historia podia intitular-se: "As angustias duma avó."

— Não podia dizer melhor! Tomei então uma resolução. Tinha entre as amigas, a bôa Mme. Epierre, em casa de quem se fazia muita musica. Seu salão é concorrido e interessante. Entre as damas que o frequentavam notei certa creatura joven muito bonita, picante, faceira, casada com um tal senhor Albigny, que corria a França para experimentar automoveis. Este Albigny nunca estava lá. Era bruto e mal educado.

Hum! Hum! fiz eu com physionomia escandalizada, mas parece-me que o seu papel nessa circumstancia, vae tornar-se muito delicado! Escrupulosa, como sei que é...

— O senhor conhece-me muito bem e peço que me acredite, si lhe disser que o meu papel limitou-se a fazer convidar Germain, para a casa de Mme. Epierre.

O resto...

— No resto a senhora não entrou!

— Quiz mesmo ignoral-o por muito tempo.

— A senhora estava então tranquilla! Essa pequena Mme. Albigny, casada, pertencia, em summa, á sua sociedade... Garantia bastante para fazel-a dormir em paz.

— Pois bem! Ahi está!... Foi tão rapido, que não pude mais dormir, absolutamente. Via o meu Germain, chegar preoccupado, nervoso; não trabalhava mais; percebia que elle faltava ás aulas de direito; elle sahia a horas estranhas; entrava pela alta noite. E, finalmente, vim a saber que elle apparacia em certo club muito suspeito onde, depois de ter ganho, começava a perder. Já havia pedido emprestado grandes sommas a amigos. Mais uma vez foi necessario fazer um pequeno inquerito. Fiquei espantada! A tal pequena Mme. Albigny na inconsciencia de suas semelhantes, arrasta Germain a despezas que elle não póde supportar. Elle não a sustenta, de certo, mas faz-lhe muitos presentes caros! Uma guarnição de pelles, uma joia. Ella acha isso muito natural. E assim, sempre faceira, ella *flirta* com um, com outro e meu pobre Germain morre de ciumes.

— Bah! Essa Mme. Albigny enganará seu Germain, um desses dias.

— Assim o espéro!... mas fui muito idiota de ter mandado embora, Annette!

De Alceu Marinho Rego

do elle deixava a casa pela rua:

— Juizo, filho!

— Está bem, papae.

E, mentalmente, concluia: "Juizo uma conversa; só quando o sr. deixar de m'o recommendar."

E crescia, dentro delle, um surdo rancor contra esses estribilhos de que elle era assumpto. Co'os diabos! Com que idade então elle estaria livre?

* * *

Quasi ao mesmo tempo, com differença de dois mezes, si muito, emmudeceram para sempre as bôccas que tanta irritação traziam, ás vezes, a Joãozinho. Uma lousa branca, despida de phrases preciosas, cahira sobre os corpos que elle amára.

Dois dias de verificação, feita por um primo mal asseiado e maniaco, deram a João a certeza de que a vida, dahi por deante, consistiria no trabalho. Vivendo do que ganhava seu pae, nunca economizára.

Empregou-se. Por morada arranjou uma oca sordida na esplanada do Senado, com comida e percevejo. No fim de quatro mezes, estava em atrazo, perseguido pela hospedeira e pelos seus outros devedores, solicitos.

Crearam-se logo estribilhos, que martyrizavam sua vida. A's 6 da manhã, mesmo aos domingos, de pirraça, d. Gertrudes surrava a porta do quarto, gritando:

— Olha o trabalho, rapaz! São horas!

Levantava-se estremunhado. Lavava o rosto, penteava-se, e, sem café, ganhava a rua, perseguido, diariamente, por umas ultimas phrases matutinas de d. Gertrudes:

— Arranja dinheiro, moço! Arranja dinheiro!

Entrava anno, sahia anno e, sempre devendo ordenados futuros a d. Gertrudes, cada vez mais preso á arapuca, João já tinha os ouvidos cançados de ouvir aquella vóz esganiçada:

— Olha o trabalho, rapaz! Arranja dinheiro, moço!

Nos domingos de folga, quando sabia a antiga casa em que morou vazia, João, muito humilde, supplicava do zelador que o deixasse entrar.

E, perdendo-se pelos quartos e corredores desertos, procurava ouvir as velhas recommendações amigas, do avô de barbas brancas, do pae amigo, e da bonissima senhora a quem chamára de mamãe.

"Nevermore!"

PATINANDO...

O "rink" é um logar onde toda gente quer se divertir sem cahir...

* * *

Ha mulheres que, por falta de pratica, derrapam no "rink" do amôr...

* * *

Ha amantes que tudo ensinam, até a patinar...

* * *

A mulher, em todas as idades, sempre é um bom patim...

* * *

Entre assistir a uma queda no amôr e outra no "rink", é preferivel a primeira. Quem cahe no amôr, sacrifica-se ao Bello; emquanto no ultimo se immola á futilidade.

* * *

Os que cahem no "rink" do amôr, ás vezes são soccorridos pelo casamento.

* * *

Ha quem nos "rinks" continúe a illusão da Vida: rodando... rodando... como á cata do ideal.

* * *

Na patinação, ao contrario do amôr, as quédas não compromettem...

* * *

Os sogros são, na harmonia familiar, um par de patins sem "porcas"...

* * *

As mulheres têm o coração como os patins: uns são de fibra e outros de aço. Ellas preferem os de aço...

* * *

O "coronel" é patim de rodas de fibra...

* * *

Como nas pistas de patins, ha casamentos frequentados pelo publico.

* * *

Tombo fatal, na patinação do amôr, é aquelle que o individuo leva e é soccorrido pelo juiz...

Não é a vantagem do exercicio que leva muita gente ás salas de patinação, mas a exhibição snobista do divertimento.

* * *

O sogro é um patinador cançado...

* * *

Quando um casal patina em publico é porque fizeram da casa campo de bola ao cesto...

* * *

No amôr, como nos "rinks", somente cahem os principiantes...

* * *

Não é o ridiculo da quéda que amofina, e sim o produzido pelos tôlos que a assistem.

* * *

Ha que, equilibrando-se dentro da pista, acabe por cahir fóra della...

* * *

Maridos existem que se regosijam com os tombos da mulher, na pista... Mas sabem que elles é que soffrem o ridiculo das consequencias.

* * *

Quando solteiro, o homem patina; casado, passa a espectador.

* * *

Ao contrario dos emprezarios theatraes, os de "rinks" não tiram as vantagens...

* * *

Ha quem vá aos "rinks" por causa das "sobras"...

* * *

O publico que vae ás salas de patinação não attenta que a casa de cada um é um "rink" onde os vizinhos querem patinar...

* * *

A sogra é uma mulher que não patina mais, cançada das quédas soffridas...

* * *

O marido é um patinador que se pregou na sala de patinação.

* * *

Ha quem, cahindo, arraste outros sportistas. Assim a vida: os desgraçados não querem ir sozinhos para o abysmo...

* * *

Individuos ha que procuram dentro da pista fazer como na vida pratica: uma opportunidade para derribar o vizinho...

* * *

A voragem do circulo é a embriaguez dos que não supportam os alcaloides...

* * *

Na vida, como nos logares onde ha patinação, eu assisto á queda dos outros... sozinho, e sem me regosijar.

ADONAI DE MEDEIROS

A nossa companhia recebêra ordens terminantes para tomar o rumo de Barbosas, afim de reforçar um batalhão paranaense que se batia valentemente, em disputa de terreno, com uma bem municiada tropa do governo.

Estavamos nas proximidades de Colonia Mineira, e dahi a Barbosas é uma estirada das bôas, ainda mais com noite fechada e o aguaceiro que cahia impetuosamente sobre nós.

Mas eram ordens!...

A tomada de Barbosas, para nós, era de grande valia, pois, tomando posição nesse logarejo, os revolucionarios poderiam pôr em constante ameaça a fronteira paulista até Ourinhos, e isso iria reflectir bastante na resistencia que o governo procurava oppôr em outras linhas.

E a noite a dentro, enfrentando o temporal, iamos nós, dispostos a cumprir ordens... A nossa rapaziada era valente de sóbra, e o aguaceiro, si quizésse, poderia durar mezes...

Fazia parte de nossa companhia um rapazelho sagáz, que viéra do sul, onde se alistára, disposto, como elle mesmo dizia, a cortar a orelha de muita gente!

Moreno, de feições delicadas, mas robusto, de peito saliente, e nos olhos aquella vivacidade tão propria de quem, como elle, vivia desconfiando dos companheiros, "Bellezinha", como nós o chamavamos, possuia uma coragem de exemplo e um coração como poucos.

Bom soldado e optimo ladrão de cigarros, estava alli...

* * *

Pela madrugada, chegavamos a Barbosas.

Depois de ligeira revista na tropa, fomos a custo tomando posição, que, embóra não visasse próezas, pelo menos conseguiria distrahir o "inimigo", dividindo a sua actividade.

O fogo éra tremendo!

Por cima de nossas cabeças, — quando mal nos dispunhamos a entrar para a liça, — como um bando de passarinhos, uma revoada de balas nos trouxe as "bôas vindas"...

Já descobertos, e, portanto, visados pelo fogo contrario, tivemos que nos deitar na lama e ir respondendo ao "insólito acolhimento"...

"Bellezinha", estirado de barriga no chão, cantarolava, manejando uma metralhadora portátil.

O mundo, alli, éra bem outro...

Dia já claro, o "inimigo" mostrava bem pouca disposição. Movimentámo-nos, então, lentamente, para pôr em pratica o assalto que iamos tentar á noitinha.

"Bellezinha" cantarolava baixinho... Foi um dia inteiro de aprehensões...

E quando a noite chegou, já tinhamos recebido ordens de desalojar a tropa do governo a qualquer custo, antes que lhe fôsse prestado reforço.

Uma patrulha sahiu para reconhecimentos. "Bellezinha" ia á frente dessa patrulha, com o fuzil ás costas, e deslizando pela lama como uma cobra...

Ao sahir da trincheira, ainda nos disse, em confidencia:

— Vô buscá a oreia de argum fulano...

Aproveitando o novo aguaceiro, dessa noite, rompemos um fogo geral, metralhando energicamente as posições do governo, cuja tropa, verdade seja dita, resistia com rara tenacidade.

As balas passavam pelos nossos ouvidos, zunindo nervosamente.

Segredavam o convite da morte!...

Pobre daquelle que se atrevesse a levantar um pouco mais a cabeça!

"BELLEZINHA"

(Episodio da Revolução de 1930)

Não dispunhamos de artilharia, essa a razão por que a nossa acção se tornava lenta. E aquella fusilaria intensa debaixo de tão grande chuva punha á prova a coragem do homem.

Que desperdicio de energias!

Entre o ziguezaguear de uma bala, ouvia-se o estrondo de um trovão. Era o protesto divino contra aquelle encarniçamento sem tréguas.

Mal dispunhamos de tempo para tirar a lama dos olhos.

E assim foi quasi toda a noite.

* * *

O sól, pela manhã, já nos veiu encontrar senhores do logarejo.

Tivémos muitas baixas, inclusive a do "Bellezinha", que foi encontrado no lamaçal, debruços, com um ferimento na cabeça, onde, sangue e lama, misturados, haviam formado uma cróstra.

"Bellezinha" estava com uma bala nos miólos!

Transportamos o seu corpo para a villa e fizemos-lhe os funeraes.

Só então é que ficamos conhecendo o "Bellezinha", ou, melhor, a razão por que procurava impôr a sua coragem, desconfiando sempre dos companheiros.

"Bellezinha" era mulher!...

MARQUES JUNIOR

VINGANÇA SOMBRIA

O Bernardo casára moço, como quasi todo o sertanejo. E, pouco tempo depois de desposar a Bella, foi convidado pelo ricaço Silvano para ser vaqueiro da fazenda Jatobá. Acceitou.

Cumpriu sempre os seus deveres, sem que se lhe pudesse fazer a mais leve censura.

Era honrado e laborioso.

Passados annos, a prole cercou o casal. Três meninos fortes, robustos, tostados pelo sol do sertão, já ajudavam nas lavouras e lidavam com os rebanhos.

E para alegrar a casa, tinha a Bella uma linda e esperta creança, a Mundoca, como era conhecida.

Correram tempos... Na casa de Bernardo, havia fartura.

Já tinha três homens, todos de compleição athletica, afeitos ao trabalho. A Mundoca já se fizéra moça e era uma sertaneja esbelta, de uma plástica impeccavel, possuindo ainda, para lhe realçar a belleza, uns olhos negros, quentes, tentadores e uns cabellos luzidios e longos, que se derramavam pelas suas espaduas como um manto de trevas. Naquella morada rustica reinava a felicidade.

Quando a alvorada espalhava sobre a terra a sua luz dubia, indecisa, annunciadora do sol, Bernardo levantava-se e ia ordenhar a vaccaria, no curral proximo, auxiliado pelo Albino, seu filho mais moço.

Os outros, enxadas ao hombro, embrenhavam-se na matta, procurando o roçado, que lhes daria uma colheita farta, quando cessassem as chuvas copiosas.

A Bella e a Mundoca, sua filha, estavam entregues os rebanhos, que se comprimiam entre a cerca dos chiqueiros, fazendo um berreiro infernal.

E assim corria-lhes a vida...

Em junho, durante as fogueiras, o Bernardo foi assediado pelos vizinhos, que viviam a lhe pedir a casa para uma *brincadeira*. Cedeu. E, uma noite, em que a luz de um luar um tanto embaciado se derramava sobre o terreiro, congregaram-se os sertanejos de todas aquellas paragens. Mais tarde, as harmonicas roufenhas e as violas sonoras espalharam as musicas bárbaras naquelle ambiente cheio do calor que se exhalava de toda aquella gente reunida. As danças sacudidas e bamboleantes começaram.

Dentre os caboclos que, naquella festa, cingiam as morenas tentadoras, um se distinguia pela sua robustez e fortaleza physica. Lá pela meia-noite, Bernardo notou que o Benedicto, o tal caboclo, sempre que dançava, dava preferencia á Mundoca.

— Francamente, amigo, não lhe encontro nenhum dente enfermo.
— Mas, doucor! Eu vim, apenas, cobrar uma conta...

Chamou o filho mais velho, que ainda nada notára, e lhe contou o que havia observado.

— Vou reparar — disse-lhe o rapaz.

E, logo que ouviu a advertencia paterna, não perdeu mais de vista a irmã. Notou, ao cabo de poucos minutos, que a Mundoca lançava para o Benedicto olhares inflammados, denunciadores da paixão que nascêra havia pouco.

Terminou a festa.

No outro dia, depois de ouvir o filho, que lhe affirmou ser veraz o que suspeitára, chamou a filha e, com a austeridade e franqueza que lhe eram peculiares, disse-lhe:

— Mundoca, é preciso acabar com aquelle *chamego* que notei na festa. Não consinto que o Benedicto esteja aqui a te namorar. Elle é um cabra perverso, insultante e malandro. E' preciso acabar com aquillo.

O choque que a pobrezinha sentiu quasi a fulminou. Dirigiu-se para o inteior da casa e lá derramou lagrimas copiosas. Passaram-se dias...

Num domingo, em que Bernardo fôra á villa assistir á missa, ao voltar, encontrou em sua casa o Benedicto, conversando com a Mundoca. Quasi roupeu brutalmente, expulsando do seu lar aquelle intruso atrevido.

Conseguiu, porém, refrear esse impeto, que não condizia com os seus deveres de hospitalidade. Chamou a filha, depois que se retirou a indesejavel visita, e falou-lhe asperamente, dizendo-lhe que mandasse avisar ao Benedicto que não puzesse mais os pés em sua casa.

Dahi por deante, encontravam-se somente nas festas da vizinhança, onde, dançando, conversavam á vontade. Toda a vez que a Mundoca voltava desses divertimentos, o pae a reprehendia severamente

De A. Marrocos de Araújo

Prendeu-a em casa e assim julgou haver aniquilado aquella paixão, que levaria a sua filha ao abysmo.

*

Uma noite, em que Albino voltava da caçada, acompanhado do *Gigante*, o seu cão fiel, ao aproximar-se de casa, viu um vulto branco pular de uma janella e, correndo, embrenhar-se na mattaria densa, que se erguia onde terminava o amplo pateo. Immediatamente se dirigiu á janella de onde o vulto sahira.

A porta estava cerrada.

Empurrou-a. Dentro, tudo immovel. Riscou um phosphoro e viu que a rêde, em que dormia a irmã, estava vazia.

No seu peito lampejou uma raiva de tigre. Arrancou a faca da bainha e correu em direcção á orla da matta, onde o vulto se perdêra.

Percorreu largo trecho, por entre arvores, quando se lhe deparou a irmã, que cahiu de joelhos aos seus pés, banhada em lagrimas. Elle se afastou, enojado, e, apressadamente, voltou á casa.

Acordou o pae e confessou-lhe tudo. O velho ficou tremulo de odio, mas teve animo de ir procurar a filha.

Encontrou-a do lado de fóra, debruçada sobre a janella, abalada por um pranto convulsionado. Mundóca descobriu o seu erro, accrescentando que toda a noite ia se encontrar com Benedicto.

Bernardo pôz todos os filhos a par do lamentavel caso e mandou que os três, armados, fossem esperar aquelle monstro, á noite, para matál-o.

Na hora aprazada, os irmãos, ansiando por uma vingança, occultavam-se por entre grossos troncos de arvores, cercando a grande oiticica, á margem de um riacho, onde os amantes costumavam encontrar-se.

Decorrido algum tempo, ouviram-se uns passos machucando as folhas sêccas e um vulto se aproximou. Albino, antes que Benedicto chegasse á oiticica, fez pontaria e desfechou-lhe um tiro de garrucha.

Errou, porém, o alvo. O cabra recuou, apavorado, e desappareceu. Desilludidos, voltaram os irmãos para casa.

O velho não desanimou. Repetiu que era preciso lavar com sangue aquella offensa innominavel.

*

Conversavam ainda na sala, quando entra o Rufino, morador da fazenda, dizendo que passára a noite numa espera de veado. Ouvira um tiro e, algum tempo depois, vira um vulto penetrar na furna do *Serrote das Raposas*. Nada mais observára e só sahira de lá, alta madrugada. Bernardo e seus filhos silenciaram, pois assumpto tão melindroso não devia andar de bócca em bócca.

Quando Rufino se retirou, sahiram os três irmãos, sumindo-se logo entre as moitas de mofumbo.

Com espaço de meia hora, chegaram ao esconderijo, que era um subterraneo sombrio.

Atirar era inutil. Só havia um meio: penetrar na furna e investir contra o adversario, a faca. Foi o que fizeram. Os três, a passo lento, com laminas rebrilhantes nas mãos, foram entrando, tacteando no escuro, quando, duma anfractuosidade da rocha, pula um vulto, agil como a onça, cravando a folha de um punhal no peito do irmão mais velho, que ia á frente.

Travou-se, então, naquelle subterraneo, uma luta de titans.

Os dois irmãos sobreviventes investiram contra Benedicto, apertando-o de encontro a uma pedra, e cozeram-no a facadas. Quando sentiram o corpo amollecer nas suas mãos, trouxeram-no para fóra da caverna.

Na allucinação da ira, tinham traspassado, mais de dez vezes, o corpo do profanador de lares com as laminas tintas de sangue.

Depuzeram o cadaver de Benedicto no cimo de uma pedra, deixando-o insepulto e exposto á gula dos urubús.

Penetraram novamente na furna e recolheram, derramando lagrimas, o corpo inanimado do irmão, que tombára em luta.

Ergueram-no aos hombros e seguiram rumo ao cemiterio.

Por onde passavam iam deixando as pegadas tintas do sangue quente, que gottejava do cadaver.

E sumiram-se por entre a mattaria...

O inquilino. — Folgo encontral-o. A casa que o senhor me alugou está cheia de gotteiras.
O proprietario. — Bem lhe adverti que havia agua corrente em todos os compartimentos.

AMENDOIM TORRADO

NÃO serei palmatoria do mundo; acho que todos nós temos o direito de nos divertir mais ou menos á vontade, sem que sejamos coagidos a seguir certas normas preestabelecidas por usos e costumes que nos tenham sido legados. Mas assim como "A Manhã" tem grande quantidade de leitores que a adquirem por apreciar o jornal mais sério do Brasil, eu me acho com o direito de metter o bico no assumpto das festas, almoços e reuniões em homenagem a uma infinidade de gente de toda especie, e alguns quasi sem especie. O habito é interessante e antigo, muito antigo mesmo, e faço sinceros votos para que o continúe por tempo indefinido os donos de hoteis, restaurantes, salões de bailes, *garçons* e confeitarias, — toda essa gente precisa viver. O mundo, entretanto, não deixa de ser um bocado exigente em certos particulares. Já Lafontaine, ha muitos annos, escreveu uma fabula sobre a difficuldade de se agradar a todos.

E', pois, infringindo um dos conselhos do grande confabulista gaulez que toco nesse assumpto das homenagens.

O negocio todo gira na seguinte base:

Um homem qualquer, bom ou regular, (muito ruim não serve...) trabalha numa repartição publica; geralmente, delle depende a ascenção dalguem. Esse ou esses alguem ou querem subir na vida sem escalas, ou têm culpa no cartorio, ou são simples bajuladores; no tempo do Pinheiro, dizia-se "chaleiras"...

Os referidos, então, o que é que fazem?

Arranjam uma folha de papel almasso e procuram assignaturas acompanhadas de 10, 20, 50, ou 100$, conforme o caso.

Si no local não ha gente que chegue, vae-se aos jornaes. Um reporter conhecido dá uma notinha indicando aonde ficou o almasso á espera de mais nomes... Os conhecidos ou amigos do futuro homenageado, vendo o seu nome, procuram o papelucho com maior ou menor avidez, conforme o favor que se espera (digo, homenagem que se queira prestar) á pessôa em questão. Isso tudo está muito bem. Quando os amigos do homenageado conseguem um numero razoavel de firmas, vão aos restaurantes, hoteis, ou confeitarias e discutem o preço, por cabeça. Geralmente, sahe caro; porque cargas dagua sahe caro eu não sei... Num restaurante regular, onde se póde comer bastante bem por digamos 12$, sozinho, uma unica refeição, quando chega occasião de se fazer, não uma refeição avulsa, mas 50 ou 100, o raio do homem pede 25$ e mesmo 50$ pelos mesmissimos pratos! Bem; a maioria dos que vão tratar com os donos de restaurante é séria, e não toma providencias para uma commissão secreta. Isso tudo que ahi está, para escrever, é facil; para executar, entretanto, não é nada simples.

HISTORIA DE UMA VIDA

(A' memoria de Hermes Fontes)

(Foi assim que viveu o poeta que, aos 13 annos, publicou seus primeiros versos).

Cantou, alegre, como um passarinho,
As azas espalmando pelo espaço,
Na voz do amor, em lyrica linguagem...
Seus canticos — sublime refrigerio
Aos corações de mágoa suffocados —
Em cada labio, em cada olhar produzem
As emoções de uma saudade infinda...

Alado poeta que as regiões doiradas
Do amor tocou,
Meigo como uma pluma, jorrando
Filigranas em versos multicôres,
Teve, tambem, na vida que viveu,
Uma petala de rosa...

De D. G. Coimbra

E' necessario um trabalho intenso para os preparativos e arranjos de uma festança dessas. Chega o dia, e é ahi que empaco... Os discursos (ah! os discursos!) a rhetorica terrivel! Os diabos dos homens, invariavelmente, escrevem o que têm de dizer, puxam do bolso de dentro uma papelada e toca a leitura morosa e estafante! Um, dois tres e até quatro! O homenageado é elevado ás alturas impossiveis e ridiculas. Um zé qualquer é comparado com Napoleão, Bismarck, Wilson e vão até mexer com os gregos e romanos antigos, que já não nos fazem mal ha seculos!

Méxe daqui, méxe dalli, revira isto e aquillo, depois largam o homem. Elle fica commovido e custa levantar da cadeira. Coitado! Dá pena. Alguns dizem poucas palavras e sentam, acanhados. São os mais sensatos. Ha os que tomam a coisa a sério e deitam rhetorica tambem: — é um supplicio, um castigo, um horror, e só póde ser apreciado por quem estiver ao lado dos photographos. Ah! é alli o oasis!

Aquelles rapazes com as machinas photographicas! Esses, sim, é que sabem gozar uma festa dessas! As bôas piadas em voz baixa. Quanta bôa verdade não sahe alli naquelle grupinho de photographos apparentemente a cuidar só das *poses!*

Os que fazem discursos nos banquetes devem ouvir algumas opiniões sinceras dos rapazes das machinas! Garanto que cortariam 80 % dos discursos.

Tudo no mundo é relativo. Ha festas que são criticadas por acharem que os homenageados não as merecem devido á posição.

Exemplifiquemos: Um secretario de um secretario. Um ajudante de um sub-chefe, e assim por deante.

Ha, de facto, algumas reuniões que, para os de fóra não se justificam. Acho, entretanto, que devemos partir do principio da cumieira. Ora, a cumieira representa alguma coisa, é verdade; é o ponto onde temos o divisor das aguas no telhado. Não deixa, apesar disso, de ter menos importancia, do que, digamos, um aspeçada; muito bem, entretanto nas festas em homenagem á cumieira, as cervejarias, padarias e confeitarias, fazem optimos negocois, ha muita alegria, muita camaradagem, e, felizmente, pouco falatorio organizado.

E' talvez um dos poucos logares onde os photographos não teriam muita margem para a aguçada espada da troça e humorismo prazenteiro.

Assim, pois, que continúem as festas, que façam de conta que sargentos são capitães, tenentes, generaes, investigadores, chefe de policia, amanuenses, directores... Que tragam, para os salões de festas, senhoras idosas, virtuosas damas, esposas dos homenageados, a algumas das quaes se está vendo que o festim é um castigo, que se banquetelem a gosto, dancem a contento, mas que, antes de fazerem longos e pesados discursos sem uma phrase leve e agradavel, que vão ouvir a opinião sensata e ajuizada dos que mais pratica possúem do assumpto: Os photographos...

Teve o Céo, porque o Céo
Era o esplendor do seu genio immortal.
A' vida das estrellas deu mais vida.
Sonhou, entre beijos de sól
E preces de luar...

Depois — prisioneiro do amor —
Como todos os passarinhos,
Emmudeceu sobre a tristeza de si mesmo,
Tombando, um dia, — palpebras cerradas
Para sempre,
E para sempre nunca mais cantar...

Buscam-n'o as rosas que se desfazem
Em petalas de lagrimas sobre a terra...
Aos carinhos do sol e do luar,
Beija-o o orvalho em gottas de crystal...
O azul o canta, o mar o chora,
A terra o abençôa no seu seio,
Na apotheose final dos marmores sagrados!...

ALCINDO CARNEIRO MAIA

MEU NATAL TRI...

EU não gosto mais das noites de Natal! Ellas me fazem triste, immensamente triste!

Quando eu era pequenino, desde que comecei a ensaiar os primeiros passos e soltar os primeiros balbucios, minha mãe, minha Nossa Senhora da terra, ensinára-me a esperar com incontida impaciencia o dia de Natal e a sua noite festiva e bella.

Eu aguardava com os olhinhos brilhantes de desejo a chegada de Papá Noel com sua enorme saccola de brinquedos e a sua esplendida prodigalidade. Passava quasi toda a noite em claro, na espectativa infantilissima de surprehender o bom velhinho de barbas longas e brancas, distribuindo ás mancheias os mimos vindos do céo e entregues pela chaminé da casa.

Quando o somno traiçoeiro me baqueava na gostosa vigilia, lá se vinham os sonhos encantadores...

Quanta coisa bonita eu via! Brinquedos que nunca imaginára! E que porção!

Na manhã seguinte, o sol fustigava as arvores, alentando a terra e no meu chinellinho de menino mimado estava o presente de Natal. Era uma bola, uma petéca ou coisa semelhante. E a par disso, os olhos accessos e os carinhos inegualaveis da minha mãesinha bôa. Como me pareciam, porém, ridiculos esses presentes em face dos que eu vira ás costas do bom Distribuidor! Mas, em breve, me conformava com a lembrança deixada e, longe de raciocinar porque não merecêra coisa mais bella, me entregava de todo á que me coube na partilha. E a bola ou a petéca, dentro em pouco, andava aos trancos e barrancos, aos socos e ponta-pés com os outros pequenos do meu tamanho...

Lembro-me bem. Certa vez, deram-me uma "roupeta" creme, de seda, com alamares da mesma côr, um apito de madeira preso por um cordão vistoso e um chato azul. Tomei-me de uma vaidade enorme, de uma ostentação absurda e revoltante si não fôra a minha idade. Os meus amiguinhos tinham inveja da minha fatiota novinha e brilhante e eu, na minha natural infantilidade, os ralava com a minha "pose" de menino rico.

A minha rica roupinha, porém, teve o fim dos outros presentes bonitos que possui: esquecia-a pouco tempo depois sem dó nem piedade. Vida ephemera a da minha roupa, tal qual como a do meu passado! Pobres vidas!

Vieram os cavallos. De páo a principio. E com elles o desejo de cavalgar um authentico, de carne e osso, com crina farta e cauda amarrada a capricho, á maneira dos que eu via sob as pernas alheias.

Quando os ciganos, nas feiras, expunham seus pangarés á venda, eu me quedava absorto, olhar fixo num "baio" ou num "cardão" de

M A R I O N

Marion! Marion! Acolhe-me em teus braços!
Não vês? A tempestade estronda nos espaços,
Rasgam rubros fuzis a abbobada sombria
E as arvores torcendo, a uivar, a ventania,
Como a inveja dos maus que não amaram nunca,
Os ninhos despedaça e o chão, de flores junca...

Abriga-me em teu seio. A noite é pavorosa,
Mas que importa? Teu corpo é branco e côr de rosa...
Vem! Fecha o teu ouvido aos rumores do mundo,
Mergulha o teu olhar no meu olhar profundo,
Prende-me ao labio rubro e deixa as nossas almas,
Tornadas numa só, abrindo azas espalmas,
Abysmadas de luz, perderem-se de amor!

Na taça dessa bocca offerta-me o licor
Que humedece o teu beijo e embriaga como um vinho!
E a porta desta alcova — amada mais que um ninho

Recosta a esse limiar, onde o cuidado cessa,
Onde o mundo se acaba — e nosso amor começa!

ALMEIDA COUSIN

(*Do livro inedito "Naufragios"*)

...E... — De Gilberto Veiga

estrella á testa, com o desejo a me roer por dentro...

Conseguira-o, afinal. Não parou ahi, porém, a minha ambição. Fui desejando: hoje uma bicicleta, amanhã um trem electrico, depois um baralho de cartas de jogar ou uma carteira de cigarros perfumados...

Desejava, desejava sempre...

Passei a gostar das bonecas de carne e osso, olvidando as "bruxas" e as "bahianas" com que as maninhas davam graça aos "quitutes" e aos "cozinhados", ou festejavam o baptizado de uma dellas, do mesmo modo que desejei trocar os cavallos de páo.

E á medida que crescia, o meu gosto mais se accentuava e as minhas azas se espalmavam ensaiando novos vôos, em novo céo, em novo ares.

O vento do destino soprou quando as minhas azas eram ainda tenues, quasi implumes, e impelliu-me a novas paragens, como as correntes marinhas tangendo uma embarcação fragil a portos desconhecidos.

Conheci gente nova. Gente de physionomia carregada, de olhares desconfiados.

Achei-me a braços com as grandes metropoles. E, na onda tremendamente egoista do "sobe-sobe", volvi os olhos contristados para a minha vida simples de garôto, para o meu passado longinquo e irremediavelmente perdido.

Nunca mais, no meu chinello 39, encontrei um presente de Papá Noel! Nunca mais sonhei coisas bonitas! As "bruxas" das manas, os cavallos de páo, as bolas e as petécas passaram como me vão passando os dias: celeres e perdidos! As phantasias me abandonaram e os sonhos se foram embora...

Na estrada percorrida, nada deixei de util, de bemfazejo, de proveitoso! O desdobrar do tempo e o caminho para a morte...

Que differença dos tempos de antanho!

Hoje, o raciocinio, o pessimismo arraigado na alma e ao sopé do leito um sapato grosso para pisar o asphalto das ruas, sujo e negro como o coração enorme da grande cidade turbilhonante.

Nem uma lembrança de Papá Noel! Nem um beijo da mamãe! Somente a recordação do que se foi e a saudade pelo que não volta mais, nunca mais!

E' por isso que hoje, quando o Natal surge e toda a terra se engalana para festejál-o, eu mergulho o pensamento no passado e fico triste, immensamente triste, por ver que o melhor da minha vida, os meus anseios, os meus amores ingenuos, os meus desejos castos e as minhas illusões de "quando eu fôsse grande", se foram nas azas do Tempo e pairaram alem, muito alem do meu alcance, da minha vontade, do meu querer...

AS NOVAS DE BETHLÉM

...E pelo espaço azul da grande immensidade,
uma milicia de anjos fluctuava,
reflectida na luz da estranha claridade
que jorros de oiro punha em todo o firmamento.

E os pastores, que guardavam seus rebanhos,
em vigilias, nos campos de Judáh,
vendo nos céus o magico esplendor,
tomados de pavor
e de deslumbramento,
joelhos em terra ali, prostram-se em prece
clamando por Jehováh.

Emquanto a musica celeste em côro cresce,
ao mundo annunciando as novas de Bethlém:

—"Gloria a Deus nas alturas
e paz na Terra aos Homens
a quem Elle quer bem"!

PAULO GOULART

A LUNETA DE

(Sherlock Holmes)

Ao passar em revista os tres cadernos cobertos de apontamentos, que resumiam as nossas aventuras de 1894, senti-me perplexo na escolha. Qualquer dos casos era sensacional e digno da extraordinaria reputação que Sherlock Holmes adquirira.

A' medida que ia voltando as folhas, passavam-me successivamente sob os olhos os mais intrincados episodios: a historia da sanguesuga vermelha; a pavorosa morte do banqueiro Crosly; a singular descoberta realizada num historico sepulchro da Inglaterra antiga; a narrativa do drama Addletoni, etc.

A investigação relativa á herança de mr. Smith Mortimer era da mesma época da prisão de Iduret, o assassino parisiense. Este ultimo facto valeu a Holmes uma carta autographa do presidente da Republica franceza e a fita da Legião de Honra.

Qualquer desses variados acontecimentos merecia as honras de uma descripção attrahente. Mas depois de um ponderado confronto, convenci-me de que aquelle que deveria preferir, para esse effeito, era o assassinato de Willaughby Smith, um rapaz na flor da edade.

* * *

Numa tempestuosa noite do final de novembro, Sherlock Holmes e eu palestravamos duma saleta da nossa casa. Elle estava debruçado sobre um velho palimpsexto e procurava decifral-o, examinando-o através de uma lente. Eu lia um grosso tratado de cirurgia, recentemente publicado.

Fóra, ouvia-se o forte sibilar do vento ao longo de Baker-Street. Nas vidraças da casa rufava uma chuva grossa.

A vóz colossal da Natureza tornava-se dominante nesta immensa Londres, obra gigantesca dos homens. Comparada, porém, com o universo em furia, tornava-se uma coisa mesquinha e minuscula, um monticulo de terra que uma toupeira erguesse no solo d'uma planicie immensa.

Fui á janella e olhei pela vidraça para a rua. As chammas dos reverbéros reflectiam-se em tremulinas no pavimento lustroso dos passeios. Uma carruagem, á procura de freguez, passava em direcção a Oxford Street.

Sherlock abandonou o trabalho e exclamou:

— Que espiga, se tivessemos de sahir com uma noite assim, Watson! Trabalhei demasiadamente e sinto a vista fatigada. Afinal o manuscripto remonta apenas ao seculo XV.

— E de que trata?

— Das receitas e despesas de uma abbadia. Ouça você... Que diabo é aquillo?!

Em meio dos rugidos da tempestade, tinha chegado aos nossos ouvidos o tropel das patas de um cavallo no calçamento da rua e o attricto de uma roda de encontro ao rebordo do passeio. A carruagem, que eu suppuzera vazia, parara á nossa porta.

— Por alguem virá elle procurar! exclamei, vendo apear-se um homem.

— Ora por quem ha de ser? Por nós mesmos, disse Holmes. Palpita-me que ainda hoje temos de envergar as reservas do nosso guarda-roupa, capas de borracha, sobretudos forrados, cachenez, todo o arsenal de defeza contra as investidas dos temporaes. Mas espere... A carruagem partiu. Ha portanto esperança de que não seja necessario sahir-mos, aliás mandal-a-ia esperar. Desça depressa, meu amigo, e vá abrir a porta ao homem. Qualquer coisa extraordinaria o traz aqui, porque as pessoas socegadas estão já, a estas horas, mettidas todas no valle de lençóes.

Mal abri a porta do vestibulo, reconheci immediatamente, á luz do gaz, o recem-chegado.

Era Stanley Hopkins, rapaz novo ainda e funccionario policial. Holmes tinha por elle grande sympathia, pela perspicacia que revelara em algumas investigações.

— Está?! perguntou, referindo-se a Sherlock Holmes.

— Suba, meu amigo, disse Holmes do alto da escada. Espero que não nos obrigue a sahir por tão má noite, hein!

O funccionario subiu para a sala. Emquanto eu o ajudava a desembaraçar-se da capa de borracha, o meu companheiro atiçava o lume do fogão.

— Sente-se aqui, meu caro Hopkins, e aqueça-se, porque deve vir gelado. Quer fumar? Aqui o doutor sabe uma optima receita para o frio. E' uma beberagem de agua quente, limão e não sei que mais. Deseja provar? Decerto se passou coisa de muito interesse, para se atrever a arrostar com esta peste de tempo.

— Tive, na verdade, uma tarde muito movimentada, sr. Holmes. Leu nos jornaes a noticia do crime de Yoxley?

— Não li. Os meus estudos de hoje não foram além do seculo XV.

— Pois não perdeu nada. Os artigos são falhos de pormenores, e, o que é peor, mal redigidos. Que trabalheira a minha, santo Deus! A coisa passou-se no condado de Ken, a sete milhas de Chatam. Recebi um telegramma ás tres e quinze da tarde. Tomei o primeiro trem e cheguei a Yoxley Old-Place ás cinco horas. Fiz o meu inquerito, regressei á estação de Charing Cross, e aqui estou.

— Está então embaraçado com o seu negocio, não é assim?

— Embaraçadissimo. Não lhe vejo pés nem cabeça. E' a investigação mais intrincada de quantas tenho feito. E o mais curioso é que, ao principio, me pareceu elementarissima. Tenho dado mil voltas á imaginação e não atino com o movel do crime, sr. Holmes. A unica coisa de positivo que achei foi um cadaver e mais nada. Não descubro ninguem que odiasse a victima. Tão pouco encontro quem tivesse interesse na morte della. Emfim, um enigma cerrado.

Holmes acendeu um cigarro, estendeu-se commodamente na cadeira de espaldar, e disse:

— Conte-nos as minucias de toda essa historia.

— Da melhor vontade, assentiu Hopkins. Exponho primeiramente os factos. O sr. Holmes me ajudará depois a tirar delle as naturaes conclusões. Um homem de meia edade que declarou chamar-se Coram e que se disse professor, alugou ha annos a propriedade de Yoxley Old-Place. O professor é pessoa de saude vacillante, o que o força a passar na cama grande parte do tempo. A outra parte gasta-a dando

AROS DE OURO

Por Conan Doyle

grandes passeios nos arredores, dentro de um carrinho de mão, puxado pelo jardineiro.

Os poucos vizinhos com quem travou relações têm por elle grande estima e consideram-no um grande sabio.

O pessoal da casa é constituido por duas mulheres, uma creada já edosa chamada Marker, e uma governante de nome Suzanna Tarlton. Ambas ellas o servem desde que alugou a casa, e são creaturas da melhor reputação.

Coram trabalha actualmente numa obra scientifica, e, para o ajudar no adeantamento della, tomou o anno passado um secretario Willanghby Smith. Antes, havia contractado successivamente dois. Nenhum delles, porém, o satisfez. Willanghby, ao contrario merecia-lhe todo o agrado.

Era um rapaz ainda e sahira, ha pouco da Universidade. Passava as manhãs escrevendo o que o professor lhe dictava. As tardes empregava-as a seleccionar documentos para o trabalho do dia immediato.

No seu comportamento, durante a vida escolar de Cambridge e em Uppingham, não ha nada que mereça a menor censura. Vi os attestados. Foi sempre um moço pacifico e diligente.

Pois foi esta inoffensiva creatura que esta manhã appareceu assassinada na casa do professor, sem nenhumas circumstancias que indiquem qual fosse a causa determinante do crime!"

O vento continuava soprando as cadeiras mais para o pé do fogão. No entretanto o novel funccionario concluiu desta maneira a sua narrativa:

— E' difficil encontrar em Inglaterra uma casa tão pacata como a de Coram. Nada do que fora se passava, influia na tranquillidade daquelle lar de homem estudioso e doente. Decorriam semanas inteiras sem que ninguem sahisse á rua. O professor vivia absorvido completamente na sua obra. O secretario egualmente. E de mais, não conhecia ninguem da vizinhança. As duas mulheres rarissimas vezes tambem punham o pé fóra de casa. Mortimer, o jardineiro encarregado de impellir o carrinho de Coram, é um veterano da guerra da Criméa, homem que não dá margem á sombra duma suspeita. De resto, nem sequer vive na casa. Occupa um pavilhão dividido em trez compartimentos e situado ao fundo do jardim. A estas pessoas se resumem os habitantes de Yoxley Old-Place. O portão de entrada deita para o caminho que vae de Londres a Chatam. Abre-se por meio duma aldrava; é, por conseguinte, facil a entrada no jardim.

Vou reproduzir-lhes agora as declarações de Suzanna Tarlton, a unica pessoa da casa que conta alguma coisa de aproveitavel.

Na manhã do crime, das onze horas para o meio dia, occupava-se ella em collocar uma cortina na janella dum dos quartos de dormir do primeiro andar. Quando ouviu Willanghby Smith sahir do quarto, atravessar o vestibulo, subir as escadas e entrar no gabinete do professor.

Embora não tivesse visto o secretario, está convencida de que era elle, porque reconhecera o seu modo habitual de andar, a passos rapidos e firmes. Quando isto se passou, estava procedendo a arrumações nas trazeiras da casa. O professor conservava-se ainda na cama, donde, quando fazia mau tempo, se não levantava nunca antes do meio dia.

A governante não sabe dizer se a porta do gabinete foi fechada pelo secretario. Instantes depois, um grito horrivel repercutiu-se no aposento, um grito estranho e selvagem, que tanto poderia ter sido proferido por um homem como por uma mulher. A este brado succedeu um ruido surdo. Depois tudo se quedou silencioso.

A governante ficou por uns momentos paralysada de terror, mas, a breve trecho, recobrou animo e desceu.

Encontrou a porta do gabinete fechada, e, ao abril-a, deparou com o secretario extendido no chão. Ao principio não notou que estivesse ferido, mas, quando intentou erguel-o, verificou que um grosso fio de sangue manava, em borbotões, duma ferida que tinha no pescoço. Esta ferida é de pequeno diametro mas muito profunda e causou a ruptura da carotida. O instrumento do crime jazia sobre o tapete, ao lado do assassinado.

— E' um punhal? perguntei.

— Não. E' um estylete de lamina achatada e estreita, com um cabo de marfim. Estava sempre sobre a mesa de trabalho do professor e servia para abrir as folhas dos livros.

A mulher, ao ver a gravidade da ferida, suppuz que o secretario estivesse morto. Não obstante, entornou-lhe um pouco de agua no rosto. Smith abriu então os olhos e murmurou:

— *O professor... Era ella!*

A governante jura que foram estas as palavras pronunciadas. O rapaz fez ainda um derradeiro esforço para tornar a falar. Em seguida ergueu a mão direita e exhalou o derradeiro suspiro.

Nesta altura, chegou a creada. Não ouviu por isso as palavras do agonisante. Deixando Suzanna junto do cadaver, a governante entrou no quarto de dormir de Coram e encontrou-o sentado na cama e agitado por uma intensa commoção. Pelo grito que soara no gabinete proximo, o velho presumira que qualquer coisa terrivel se havia passado. Marker jura tambem, que o amo vestia a camisa de noite com que costumava deitar-se. De resto, ser-lhe-ia impossivel vestir-se sem que alguem o ajudasse. E só ao meio dia é que Smith havia de vir ajudal-o a levantar-se.

O professor declara que ouviu gritar e nada mais. Nenhuma interpretação sabe dar ás ultimas palavras do assassinado, e presume, por isso, que ellas sejam o resultado dum accesso de delirio. Na sua opinião, Willanghby não tinha inimigos, e não atina, portanto, com motivo do extraordinarissimo crime.

A sua resolução, logo que soube do acontecido, foi a de avisar a policia, por intermedio do jardineiro. Pouco tempo decorrido, recebi ordem de partir, e, quando cheguei, nada tinha sido removido, nem o cadaver, nem o estylete.

Dei immediatamente ordens severas para que ninguem passasse nos arruamentos do jardim que convergiam para a casa. Era uma occasião soberba para pôr em pratica as suas theorias, meu caro sr. Holmes. Nada faltava".

(Continúa na pag. seguinte)

— Perdão, faltava eu, retorquiu o meu amigo, com um sorriso um tanto vaidoso. Mas continue. O que fez mais?

— Antes de mais nada, tenha a bondade de examinar esta planta. Está esboçada apenas, mas dá, com exactidão, uma idéia geral da situação do gabinete do professor e outros pormenores. Vendo-a, poderá auxiliar-me mais facilmente na prosecução das investigações. As minucias estudal-as-á depois no proprio local do crime.

Desenrolando um papel com o traçado que em seguida vae reproduzido, extendeu-o sobre os joelhos de Sherlock Holmes. Eu levantei-me e fui observal-o tambem.

— Não ha duvida que o assassino entrou na casa. Bem. E por onde é que entrou? Por um de dois lados, evidentemente. Ou pelo caminho que do portão exterior do jardim conduz ao corredor, ou pela porta trazeira que dá accesso ao gabinete. Qualquer outro trajecto seria mais complicado. Depois, elle ou ella, quem quer que fosse, deve ter fugido pelo mesmo caminho por onde entrou, visto que Suzana fechara uma das portas quando desceu e a outra é que vae ter ao quarto do professor.

Dirigi, pois, a minha attenção para o caminho do jardim, mas não achei nenhum rasto de passadas. Tel-as-ia apagado a chuva?

Breve cheguei, a convencer-me de que tinhamos de lutar com um criminoso intelligente e prudentissimo. Não achara vestigios de passadas no caminho, mas tive occasião de verificar que a relva, que o orlava, tinha sido calcada evidentemente com o intuito de evitar que ficasse impresso na terra o formato do calçado. A verdura machucada não admittia duvida de que alguem por lá tinha passado. Conclui por isso, que esse alguem foi o assassino e isto porque nem o jardineiro, nem nenhuma outra pessoa tinha vindo para esse lado durante toda a manhã."

— Espere um instante, disse Holmes. Que comprimento tem, pouco mais ou menos, o caminho do jardim?

— Uns cem metros, talvez.

— E do lado de fóra do portão não encontrou rastos?

— Não. Essa parte de terreno está calçada.

— E mais longe?

— Mais longe, havia somente lama.

— Diabo! E os vestigios de passadas na relva que sentido tinham? Iam do portão para a casa? ou inversamente?

— Bem tentei eu averiguar isso. Mas foi-me impossivel.

— E os pés eram pequenos ou grandes?

— Nada pude concluir tambem, a esse respeito.

Holmes fez um gesto de impaciencia.

— Tem chovido a cantaros durante a noite inteira. Agora a coisa tornou-se de mais difficil decifração do que o meu palimpsexto. Prosigamos, porém. O que não tem remedio, remediado está! E depois de se convencer de que os vestigios da relva nenhuma indicação segura lhe podiam dar, o que fez?

— Coisa pouca, sr. Holmes. Sabendo que alguem de fóra, tinha entrado na casa, examinei o corredor. Está coberto de uma esteira parda. Não tinha vestigio algum de passadas. Entrei em seguida no gabinete. E' um compartimento com poucos moveis. O principal delles é uma grande secretária, com uma estante afixada á parte posterior. N'essa parte do movel, e inferiormente á estante, havia gavetas lateraes e, a meio d'ellas, um pequeno armario que estava fechado a chave e contém papeis importantes. Pelo exame do armario, verifiquei que não havia o minimo vestigio de violação. Além disso o professor assegurou-me que nada lhe faltava. Conseguintemente, o movel do crime não foi o roubo. O corpo de Smith estava estirado á esquerda da secretária, no ponto da planta assignalado com uma cruz. A ferida interessava-lhe o lado direito e posterior do pescoço. A idéa d'um suicidio tem, pois, que ser posta de parte.

— A não ser que cahisse!

— Pensei nisso; mas o estilete achava-se a uma distancia bastante afastada do cadaver, e por isso mudei logo de opinião. De resto, as palavras pronunciadas na agonia excluiam inteiramente esta hypothese. Na mão direita do secretario, crispada pelas convulsões da morte, achei um objecto que me parece de grande importancia para a descoberta do criminoso e para a formação do corpo de delicto."

E sacou da algibeira um pequeno embrulho de papel. Desdobrou-o e mostrou-nos uma luneta de aros de ouro, na extremidade dos quaes se conservavam os dois fios quebrados d'um cordão de seda preta.

— Willoughby Smith tinha uma vista excellente. Não ha duvida, portanto, que este objecto pertence ao assassino.

Sherlock Holmes pegou na luneta e observou-a com a maior attenção. Pol-a no nariz e procurou ler através das lentes. Tirou-a depois e chegou-se com ella para mais proximo da luz, e examinou-a outra vez.

Ao acabar de vel-a, os labios entreabriram-se-lhe num sorriso de triumpho. Tomou de sobre a mesa uma folha de papel, assentou-se e escreveu uma meia duzia de linhas, que entregou a Stanley Hoykins, dizendo-lhe:

— Aqui tem tudo o que posso fazer em seu auxilio. Veja se consegue tirar algum partido d'estes esclarecimentos.

O outro, espantado, leu alto o que se segue:

(Continua no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 65$000
Semestre (26 ») .... 35$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 60$000
Semestre (26 ») .... 35$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 95$000
Semestre (26 ») .... 50$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado .... 1$500

Juntas Inchadas

DORES AGUDAS

Se V. S. soffre de Rheumatismo, Gotta, Lumbago, Sciatica, Dores nas Cadeiras ou outros males que podem ser produzidos por desordens dos Rins e da Bexiga, experimente, livre de qualquer despeza, um tratamento que tem quarenta annos de existencia.

É RHEUMATISMO?

A inchação das juntas, o rheumatismo o endurecimento dos musculos, as dores chronicas das cadeiras de que se queixam muitos doentes, têm sua origem no proprio sangue. Toxinas prejudiciaes se accumulam e são arrastadas pela circulação do sangue a todas as partes do corpo, excitando os nervos, os quaes fazem repercutir a dor nocerebro. Emquanto essas toxinas permanecerem no sangue, os soffrimentos continuam.

É necessario que os rins expulsem do organismo as impurezas que são a causa das dores. É preciso activar os rins conservando-os em bom funccionamento, para que esses males possam desapparecer. Para este fim aconselhamos um curto tratamento com as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

O seu medico lhe dará a sua opinião sincera sobre o valor das Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Consulte-o sobre o valor da formula.

O Remedio Que Mostra Effeito Em 24 Horas.

AS PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA SÃO UM REMEDIO MARAVILHOSO PARA O EXCESSO DE ACIDO URICO NO SANGUE

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. M 10).
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

....

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES - RUA ARISTIDES LOBO, 115 - Telephone 8-3957

DIARIAS DESDE 15$000